MEMÓRIAS, SENTIMENTOS E REFLEXÕES EPMISTAS DE UMA PANDEMIA

Editor
Manoel João Batista Castello Girão
CoEditor
Carlos Francisco dos Santos Júnior

Memórias, Sentimentos e Reflexões EPMistas de uma Pandemia

LIVRO INTERATIVO®

São Paulo, 2021

Memórias, Sentimentos e Reflexões EPMistas de uma Pandemia

LIVRO INTERATIVO®

Editor
Manoel João Batista Castello Girão

Coeditor
Carlos Francisco dos Santor Jr.

ISBN: 978-65-86098-23-5

Editora dos Editores

Produção editorial/Capa: Equipe Editora dos Editores
Criação do Livro Interativo®: Simão Rzezinski
Conversão para ePub: Cumbuca Studio

Este livro foi criteriosamente selecionado e aprovado por um Editor científico da área em que se inclui. A Editora dos Editores assume o compromisso de delegar a decisão da publicação de seus livros a professores e formadores de opinião com notório saber em suas respectivas áreas de atuação profissional e acadêmica, sem a interferência de seus controladores e gestores, cujo objetivo é lhe entregar o melhor conteúdo para sua formação e atualização profissional.

Desejamos-lhe uma boa leitura!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Memórias, sentimentos e reflexões EPmistas de uma pandemia [livro eletrônico] : livro interativo/ [editor] Manoel João Batista Castello Girão. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora dos Editores :
Conteúdo Original, 2021.
Epub

Vários colaboradores
ISBN 978-65-86098-23-5

1. COVID-19 - Pandemia 2. Educação 3. Educação a distância 4. Professores - Administração do tempo I. Girão, Manoel João Batista Castello. II. Título.

20-48903

CDD-370.981

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação : Brasil 370.981
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

São Paulo: Rua Marquês de Itu, 408 - sala 104 – Centro.
(11) 2538-3117

Sobre o Editor

Manoel João Batista Castello Girão

Possui graduação em Medicina, Residência Médica, Mestrado, Doutorado e Livre-Docência em Ginecologia pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente é o Diretor da Escola Paulista de Medicina e Professor Titular e Chefe do Disciplina de Ginecologia Geral da Universidade Federal de São Paulo e Vice-Presidente da Colsan. Foi preceptor de alunos durante a residência médica. Atuou como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Medicina (Ginecologia) do Departamento. Recebeu inúmeros prêmios na área da ginecologia e foi inúmeras vezes homenageado pelos alunos do Curso Médico. Orientou inúmeras teses, tanto de mestrado quanto de doutorado, e trabalhos na área ginecológica. Tem experiência clínica e cirúrgica na área da Ginecologia, com especial ênfase na uroginecologia. Atua principalmente nas seguintes linhas de pesquisa: Biologia celular e molecular das estruturas do assoalho pélvico, uretra e bexiga urinária.

http://lattes.cnpq.br/0973903299568770

Sobre o Coeditor

Carlos Francisco dos Santos Jr.

Possui Graduação em Relações Públicas pela Universidade de Santo Amaro (2001), Especialização em Política Internacional pela Universidade de Santo Amaro (2002), Especialização em Gestão de Processos Comunicacionais pela Universidade de São Paulo (2006), Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (2010), Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (2020) e Pós-Doutorando em Neurologia/Neurociências pela mesma Instituição (2020). Membro do Grupo de Pesquisa de Educação Interprofissional em Saúde da Universidade Federal de São Paulo e da Comissão Executiva da Rede Brasileira de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde. Tem experiência profissional em assessoria em relações institucionais, tanto pública quanto privada, experiência na área de Educação, com ênfase em Educomunicação e docência em ensino superior.

Colaboradores

Acelino Marques
Adagmar Andriolo
Aécio Flávio Teixeira Góis
Afonso José Pereira Cortez
Alessandro da Conceição
Aluisio Marçal de Barros Serodio
Ana Lucia Lana Nemi
Arthur Amaral Zenardi
Augusto Takao Akikubo Rodrigues Pereira
Camila Bianchi Matiuzzi
Carlos Francisco dos Santos Junior
Carolina Rocha
Daniela Mendes Chiloff
Diogo Batista Soares
Eduardo Rodrigues Castello Girão
Eduardo Sune Christiano
Eliana Paganelli Magro
Emília Inoue Sato
Fabiana Cristina Lopes
Fábio Veiga de Castro Sparapani
Fulvio Alexandre Scorza

Gabriel Amaral Zenardi

Gabriel Augusto Limone

Igor Augustini Zanin

Jacob Szejnfeld

Janine Schirmer

Jaquelina Sonoe Ota Arakaki

João Aléssio Juliano Perfeito

José Roberto Ferraro

Leila Oliveira Francisco

Luiz Fernando Bello Grell de Moraes

Marcelo Cunio Machado Fonseca

Marcus Vinicius Malheiros Luzo

Natália Borges Cardin

Nilton de Camillo Júnior

Paulo Afonso Monteiro Pacheco Guimarães

Pedro de Mesquita Junqueira

Reginaldo Raimundo Fujita

Ricardo Luiz Smith

Rodrigo Galvão Viana

Ronaldo Ramos Laranjeira

Soraya Soubhi Smaili

Tatiana de Souza Pimentel

Valdilene do Vale Silva

Victor Muniz de Freitas

Walter Manna Albertoni

Wilson Anzai

Preâmbulo

e anoel) boão) Satiõta) Taõtello
Girão

Resolvi elaborar este livro para registrar o momento pelo qual passamos, perenizando o imenso aprendizado que este terrível episódio nos trouxe.

Independentemente do desfecho individual para cada um de nós, uma coisa é certa, sairemos diferentes e, assim espero, melhores. Os momentos iniciais desta pandemia foram vividos com uma intensidade impressionante, misturando sentimentos como medo, angústia e ansiedade, que tentaremos reproduzir nas páginas seguintes e nos depoimentos anexos.

Com o passar dos dias estruturamos iniciativas que trouxeram alento e esperança, mas o cansaço e a tensão cobraram seu preço, em especial ao ver nossos pares caindo durante as batalhas, muitos voltando ao *front* quando recuperados, mas inúmeros sucumbindo pelo caminho.

Várias percepções merecem registro, mas duas se sobressaíram, a solidariedade e o orgulho com diversas facetas que tentarei registrar. Quanto à solidariedade, o que se percebeu foi uma grande mudança na maioria da sociedade, que percebeu que o único caminho possível era o de todos se ajudarem, pois não se tinha meios de sair sozinho desta crise, ou sairíamos todos juntos ou não sairia ninguém. Assim, movimentos de solidariedade foram amplamente apoiados e, como explicaremos, essenciais para as equipes assistenciais.

Por sua vez, estes movimentos geraram o segundo sentimento a ser realçado, a sensação de orgulho, que no seu aspecto mais amplo diria que

voltei a sentir orgulho de ser brasileiro. A reação da sociedade civil, das pessoas, enfim, do nosso povo, foi algo maravilhoso. A responsabilidade social demonstrada por parte significativa das empresas e das pessoas físicas trouxe força, apoio emocional e as ferramentas necessárias para organizarmos as linhas assistenciais. Registre-se que nos momentos iniciais da pandemia sequer havia equipamentos de proteção individual (EPI) em quantidade suficiente para as equipes de saúde. Foi com a participação de vários que conseguimos rapidamente equilibrar a situação, fornecendo EPI aos profissionais da frente de atendimento. Não cansarei de agradecer a todos que colaboraram, pois ajudaram a salvar as vidas dos pacientes e dos profissionais de saúde.

Capítulo importante para registrar é o orgulho que sinto pela postura dos nossos alunos e residentes da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Logo no início organizaram, em conjunto com alguns docentes, o Movimento de Voluntariado que teve papel central nas campanhas de doações e de apoio às equipes assistenciais. Além disto, participaram ativamente de vários projetos de extensão, como descreveremos em pormenor, dentre os quais chamo a atenção para as iniciativas com as comunidades do entorno da Escola Paulista de Medicina. Buscamos nos aproximar dos líderes comunitários e juntos construir campanhas educativas, de vacinação e de doações. Integramos os condomínios (prédios) do bairro num movimento conhecido como Vizinhança Solidária, no qual os síndicos dos prédios articulados com o Movimento do Voluntariado obtiveram doações de alimentos para as comunidades e, em contrapartida, os alunos treinaram os funcionários dos prédios para o uso dos EPIs e sobre os cuidados sanitários necessários.

Aspecto central a ser registrado é a forte emoção que todos nós, profissionais da saúde, sentimos, com medo de adoecer a cada dia que deixávamos nossas residências. Não tinha como não pensar se estávamos tomando a decisão correta, porém como se furtar a exercer a profissão que escolhemos e para a qual fomos treinados? Como se eximir da responsabilidade para com a sociedade? Cada um de nós lidou com esse dilema de uma forma, mas com certeza a pressão e a angústia estiveram presentes. Outro grande desafio foi manter o atendimento dos casos não COVID. Até o simples uso das máscaras (em especial as N95) e de óculos de proteção, tornou o atendimento mais lento, exigindo mais concentração. Novas dinâmicas foram gradativamente se instalando, exigindo uma readequação de práticas.

O aprendizado e a readaptação de rotinas de ensino também se impuseram, exigindo que os professores saíssem de suas zonas de conforto e aprendessem novas tecnologias de comunicação e de ensino, inclusive com seus próprios alunos.

Algumas palavras precisam ser ditas quanto a pesquisa e/ou informações sobre o COVID-19. Vivenciamos momentos muito angustiantes nos dias iniciais, com grande quantidade de informação sendo divulgada, mas na maioria das vezes de qualidade no mínimo duvidosa. Assim, rapidamente surgiram grandes arautos de verdades duvidosas. Todos prontos para serem os descobridores de algo que mais ninguém tinha ainda visto. Colegas experientes defendendo posições não confirmadas, na base do "eu acho" nas redes sociais, obtendo ampla visibilidade para opiniões sem real embasamento científico. Assim, merece o registro a angústia de estar passando por uma situação de risco real sem um direcionamento claro sobre a melhor conduta a seguir.

Somem a isto os aspectos estruturais da sociedade geral, que não adentrarei em pormenores, mas que precisam ficar pontuados aqui para a melhor compreensão do momento. Junto com a crise de saúde somou-se uma crise política e econômica com grande influência no cotidiano das famílias. Ganharam relevância também movimentos mundiais antirracismo e as disputas entre as duas maiores economias do mudo (EUA e China), que por sua vez intensificaram a sensação de insegurança na mente de todos.

Quando surgia qualquer notícia positiva era um grande alento, renovando nossas energias para prosseguir, como por exemplo, quando começamos os testes com voluntários da primeira vacina para o COVID-19. A Escola Paulista de Medicina foi um dos poucos centros selecionados no País. Além da esperança, trouxe novamente o sentimento de orgulho por nossa querida Escola Paulista de Medicina.

Tomei posse como Diretor da Escola Paulista de Medicina dia 13/5/2019 (no dia em que comemorava 38 anos junto à minha esposa) e não imaginava o imenso desafio que estava por vir. Ao se instalar a pandemia vivi momentos de forte emoção: medo de falhar e de não estar à altura do momento se misturavam com o medo de adoecer. Como estimular e agregar todos? Estaria tomando as decisões corretamente? Mas rapidamente os membros da EPM, professores, médicos, funcionários e alunos se aproximaram e, num apoio mútuo, criaram um ambiente positivo e eficiente. Uma menção especial merece ser feita aos funcionários da diretoria da Escola Paulista de Medicina, que desde os

minutos iniciais não abandonaram seus postos e formaram o alicerce de suporte para todas as iniciativas realizadas. A todos eles um especial agradecimento, demonstraram ser uma grande equipe da família epemista.

Merece realce também o acolhimento recebido da sociedade. Não tinha noção do grau de reconhecimento da Escola Paulista de Medicina. Em todas as iniciativas, todos os contatos feitos foram sempre recebidos com grande respeito e apoio. A seriedade de décadas de existência foi amplamente reconhecida. Funcionou como uma abertura de portas maravilhosa. Embora aparentemente esperado, saliente-se o momento histórico de nosso país, no qual o sentimento de desconfiança no lidar com os recursos públicos permeava toda a sociedade, decorrente dos maus exemplos de muitos governantes, tivemos o apoio amplo no programa de doações para o nosso querido Hospital São Paulo.

Quero deixar anotado o imenso reconhecimento que devemos ter por nossas equipes assistenciais e de apoio. Demonstraram um envolvimento exemplar e devolveram para a sociedade um atendimento digno e de alto padrão. Vibraram a cada alta e sofreram com cada perda, mas acima de tudo cuidaram dos pacientes como se fossem todos de suas próprias famílias. Recebemos várias comunicações de agradecimento ao atendimento, mesmo de algumas famílias que perderam seus entes queridos.

Interessante notar o efeito transformador desta crise, que induziu mudanças profundas com uma velocidade incrível, o que, possivelmente, só aconteceria em anos ou décadas. Cito como exemplo a área da educação médica. Estávamos no meio de um olhar sobre o método de ensino, de como introduzir as novas técnicas de ensino e ao mesmo tempo preservar aspectos fundamentais do ensino tradicional, ou seja, os aspectos humanísticos, éticos e a arte de examinar, ver e integrar. Aí sobreveio a pandemia e do dia para a noite fomos levados a introduzir o que estávamos discutindo. Aulas à distância, plataformas e *lives*, estudos dirigidos, ou seja, um novo modelo de ensino. Um ganho incalculável. Resta ainda discernir sobre o que veio para ficar, o que trouxe ganhos concretos e o que será apenas temporário e passará.

Após esses dias iniciais da pandemia, temos claro que há muito ainda por fazer, muitos de nós adoecerão, mas a nossa amada Escola Paulista de Medicina continuará brilhando como sempre. Organizamos o primeiro Congresso Virtual da Escola Paulista de Medicina desta nova era pós-COVID-19. Um novo desafio muito estimulante para todos nós.

Encaramos esta iniciativa como uma forma de devolver para a Sociedade uma consolidação do conhecimento duramente adquirido sobre COVID.

Tendo contextualizado esta obra, encerro esse preâmbulo com uma frase de SANTO AGOSTINHO:

“As palavras comovem, os exemplos arrastam”

Sumário

SEÇÃO D– ARTIGOS REFLEXIVOS

SEÇÃO 1

MEMÓRIAS

Capítulo 1

Eu e a Minha Escola

o alter)e anna)Rlbertoni

UM POUCO DE HISTÓRIA

A Escola Paulista de Medicina foi fundada em 1933, por 31 médicos e dois engenheiros liderados pelo Professor Octávio de Carvalho, como entidade privada, sob a égide da Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina – SPDM. O Hospital São Paulo foi fundado em 1940 para servir como hospital de ensino da EPM. Em 1956 a Escola foi federalizada, porém o Hospital São Paulo manteve o seu caráter de instituição particular.

Ingressei na Escola Paulista em 1961. Vivi intensamente a Escola, tendo sido aluno de alguns de seus fundadores, tais como os professores Jairo Ramos, Marcus Lindenberg, Luciano Decourt, Domingos Define, Otto Bier e Paulino Longo, entre outros. O Diretor da EPM era o Professor Marcus Lindenbeg, que já liderava um movimento para integrar a Escola em uma Universidade Federal juntamente com a Escola de Engenharia de São Carlos e a Faculdade de Odontologia de Araraquara.

Com intensa militância estudantil fui Diretor do Departamento de Imprensa do Centro Acadêmico Pereira Barreto, em 1962, que editava o “O Bíceps” e “O Barretinho”. Em 1963, como vice-presidente do CAPB, participei da primeira greve pela federalização do Hospital São Paulo, e em 1964, à época do Golpe Militar, era o presidente do Centro Acadêmico. Ao mesmo tempo fui representante dos estudantes na Congregação e no CTA da Escola.

Formei-me em 1966, e como presidente da Comissão de Formatura, coordenei a escolha do Professor Marcus Lindenberg para ser o Paraninfo da nossa Turma. O Professor Lindenberg havia sido cassado de suas funções pelo Governo Militar, mas compareceu à Solenidade no Teatro Municipal de São Paulo e fez, na ocasião, um discurso memorável. (Transcrição do Discurso na íntegra disponível no livro virtual)

Desde o final do terceiro ano eu havia feito a minha opção pela Ortopedia e acompanhava o ambulatório e as visitas da enfermaria no HSP. Tive a felicidade de conhecer e conviver com o Prof. Ivo Define Frascá, primeiro assistente do Professor Domingos Define na Escola e Chefe do Serviço de Ortopedia no Hospital São Luiz, a quem devo a minha formação em Ortopedia e Traumatologia. Fiz a especialidade na EPM entre os anos 1967 e 1968. Por influência do Prof. Ivo, em 1971 fiz especialização em Cirurgia da Mão com o Prof. Orlando Graner, um dos pioneiros da especialidade no Brasil e, em 1975, aprimorei meus conhecimentos com o Professor Raoul Tubiana, em Paris. Além da minha intensa vida profissional, sempre me mantive ligado à EPM, voluntariamente, tendo criado o Grupo de Cirurgia da Mão no Departamento de Ortopedia e Traumatologia, em 1972, quando o Prof. Marino Lazzareschi era chefe do Departamento. Desde o início contei no Serviço com a companhia competente do Dr. Vilnei M. Leite.

Fiz Doutoramento na Escola Paulista de Medicina em 1977. Ingressei formalmente na carreira acadêmica em 1986, por influência do Prof. José Laredo, e no mesmo ano, defendi nova tese de Doutorado em Ortopedia e Cirurgia Plástica Reparadora. Em 1991, fui aprovado em Concurso de Livre-Docência na EPM e, em 1993, fui aprovado como Professor Titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia (DOT) da Escola.

Em 1993, com o auxílio do Prof. Vilnei M. Leite e do Prof. Flavio Faloppa, criamos a "Casa da Mão", modelo de Cirurgia Ambulatorial inspirado em minha experiência na França. Instalada em imóvel da SPDM, contou na ocasião com o apoio decisivo do Diretor da EPM, Prof. Manoel Lopes dos Santos. Em 1998 tivemos considerável ampliação do espaço físico, com o apoio do então Reitor da UNIFESP, Prof. Hélio Egydio Martins. Em 2006, na gestão do Reitor Prof. Ulysses Fagundes Neto, tivemos a conclusão e inauguração de um Edifício de três andares, em área do mesmo imóvel, com quatro salas cirúrgicas, RPA e equipamentos da melhor qualidade. Hoje o então Instituto de Cirurgia da Mão "Walter Manna Albertoni", que abriga a Disciplina de Cirurgia da Mão e Membro Superior do Departamento de Ortopedia e

Traumatologia, já treinou mais de uma centena de residentes e especialistas na área e é referência nacional na assistência a pacientes do SUS.

A TRANSFORMAÇÃO

Em 1994, como Professor Titular, eu integrava a Congregação da Escola Paulista de Medicina, presidida pelo seu Diretor, o Prof. Manoel Lopes dos Santos. Após longo debate e levando em conta as vantagens de ser Universidade em relação a uma autarquia isolada, já com prévia anuência do MEC, o colegiado aprovou a transformação da Escola Paulista de Medicina em Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. A Congregação passou a ser o Conselho Universitário – CONSU, e o Diretor da Escola Paulista de Medicina passou a ser o Reitor da UNIFESP.

A partir daí a Escola Paulista de Medicina passou a ser chamada UNIFESP. E com o tempo ninguém mais se referia à Escola e sim à UNIFESP. Os docentes, os alunos, a gravação dos aventais, tudo virou UNIFESP, todos estavam bem e felizes na Vila Clementino, pois a nossa Escola tinha subido de *status* tornamo-nos a Universidade Federal de São Paulo, a primeira Universidade da Saúde do país. Uma "Universidade da Saúde".

A EVOLUÇÃO

Em 2005, sob a liderança do Reitor Prof. Ulysses Fagundes Neto, tivemos a expansão da UNIFESP para o *Campus* de Santos. Na Baixada Santista os cursos de Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Terapia Ocupacional ainda nos identificavam como uma Universidade da Saúde. A partir de 2007, com o incentivo do Governo Federal, houve a expansão da UNIFESP para Guarulhos, na área de humanas, com os cursos de Filosofia, História, Pedagogia e Ciências Sociais. Na sequência o *Campus* de Diadema com os cursos de Bioquímica, Farmácia, Ciências Biológicas, Ciências Ambientais e Engenharia Química. Veio o *Campus* de São José dos Campos com o Curso de Ciências da Computação e Materiais Avançados. E depois, Osasco com cursos de Ciências Contábeis, Relações Internacionais, Administração e Ciências Econômicas, ainda durante

todo esse processo de expansão recebemos da Prefeitura de São Paulo uma área em Santo Amaro, que com a Profa. Eleonora Meneccuci, instalamos um *Campus* dedicado à Extensão Universitária. Atendendo ao movimento organizado da Zona Leste começamos os diálogos acerca da instalação de um *Campus* na região, e capitaneada pelo Padre "Ticão", travamos uma grande luta no sentido de obter a cessão do terreno da "Gazarra", localizado no extremo leste de São Paulo, para a instalação de mais uma unidade da Unifesp.

Definitivamente, já não éramos mais a UNIFESP que sucedeu a Escola Paulista de Medicina, não éramos mais uma Universidade da Saúde e sim uma universidade plena.

AS MUDANÇAS

Em 2009, quando fui eleito Reitor da UNIFESP, tinha a clareza de que o Reitor da Universidade não poderia mais ser o Diretor da Escola Paulista de Medicina e nem o Diretor da EPM poderia mais ser o Reitor da Universidade. Também a Congregação da EPM não deveria mais ser o CONSU da UNIFESP.

Então, com a compreensão e o apoio de nossa comunidade universitária, lideramos as mudanças de rumo com uma ampla Reforma do Estatuto e Regimento Geral. Conseguimos aprovação do então Ministro Fernando Haddad e recursos do MEC para que em 2010 acontecesse a transferência física da Reitoria da Vila Clementino para o novo prédio do Ibirapuera.

Com isso induzimos a eleição de um Diretor para o *Campus* São Paulo e também diretores das suas duas Unidades Universitárias: a Escola Paulista de Medicina e a Escola Paulista de Enfermagem. Neste momento a EPM recuperou seu nome e suas características.

Paralelamente trabalhamos, com auxílio de nossa Procuradoria, para acertar um contrato SPDM-UNIFESP, em relação ao Hospital São Paulo, Hospital de Ensino da Escola Paulista. Era então presidente da SPDM o Prof. Rubens Belfort Jr, e Superintendente do HSP o Prof. José Roberto Ferraro. Foi constituído um Conselho Gestor bipartite, sob a presidência do Prof. Flávio Faloppa.

E, com a interveniência do MEC, conseguimos na ocasião receber verbas do REHUF – Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais

Universitários Federais.

E... HOJE

A Escola Paulista de Medicina resgatou seu nome e sua imagem, fazendo pulsar forte o coração de todos que a ela pertencem ou por ela passaram: o orgulho de ser integrante de uma Escola Médica de tradição, com reconhecimento científico, profissional e de destaque nacional.

Desde 2010 tivemos como diretores do *Campus* São Paulo o Prof. Paulo Augusto Lima Pontes e a seguir a Profa. Rosana Puccini. E, como diretores da EPM, o Prof. Antônio Carlos Lopes, Profa. Emília Inoue Sato e Prof. Manoel J. B. C. Girão, respectivamente. Já pela Escola de Enfermagem tivemos como diretoras, em sequência, as Professoras: Alba L. B. L. de Barros, Lucila A. C. Vianna, Sônia Maria Oliveira de Barros e Janine Schirner.

A **Escola Paulista de Medicina**, hoje, tem como diretor o Prof. Manoel Girão, que de maneira fantástica tem conseguido entusiasmar e motivar a todos, atuais e ex-alunos, atuais e ex-docentes, servidores, resgatando os valores, entusiasmo e o amor à Escola.

Nesta **Pandemia** do Covid-19 pudemos constatar o trabalho e a liderança do Prof. Girão. A campanha de arrecadação para auxiliar materialmente o HSP foi extremamente vitoriosa.

O Hospital São Paulo, agindo na vanguarda da assistência aos pacientes infectados pelo coronavírus, com atuação de destaque na pesquisa e no ensino, recebeu o reconhecimento da Câmara Municipal de São Paulo em premiação entregue pelo Vereador Gilberto Natalini às diversas equipes do HSP.

O Congresso *Webhall* EPM, realizado em agosto deste ano, sobre coronavírus, do qual fui o patrono, sob a presidência do Prof. Girão e como presidente de honra a reitora Profa. Soraya Soubhi Smaili, com participação de autoridades nacionais e internacionais, mostrou a pujança e a capacidade de nossos pesquisadores.

Repercutindo o momento favorável de resgate da Escola Paulista de Medicina, tivemos, recentemente, a formação da "Associação dos Amigos da Escola Paulista", que tem por objetivo apoiar científica e tecnicamente a EPM. A primeira diretoria presidida pelo Prof. Rui Maciel já conseguiu, em doações, o primeiro milhão de reais para sua *endowment*. Tivemos

também a aprovação do Voluntariado e do Braincoms como atividades perenes realizadas pelos estudantes.

E... FINALMENTE

Por tudo isto que vivi e que com a graça de Deus aos 80 anos estou podendo testemunhar, é que me sinto muito orgulhoso e feliz de ser "**Escola Paulista de Medicina da Unifesp**".

Capítulo 2

Relatos e Visões dos Alunos e Docentes

MEMÓRIAS DE UMA PANDEMIA

•)Daniela)e enáeõ)T çiloff)•)nictor)e uniÀ)áe)Freitaõ

Em janeiro de 2020 começava o tão esperado internato para nós. Alguns receios mas, principalmente, muitas expectativas sobre o ano que estava por iniciar. Expectativas quanto à graduação, quanto ao início de uma fase eminentemente prática, quanto ao anseio por uma *performance* esportiva melhor nas competições. Dois mil e vinte, um ano cheio de promessas.

Ainda no primeiro bloco, uma professora muito querida da pneumologia nos questionou sobre um novo vírus descoberto na China: "Vocês leram algo a respeito do coronavírus?". E nós, ainda ingênuos quanto ao que estava por vir, respondemos que não sabíamos muito a respeito. Afinal, estava tão distante.

Ao final de fevereiro e início de março já ouvíamos notícias mais catastróficas. No jornal, manchetes anunciando o aumento do número de casos na Itália. O novo epicentro da pandemia era a Europa. Profissionais protegidos dos pés à cabeça. O desespero frente a uma doença desconhecida. O caos nos sistemas de saúde. As mudanças para os alunos de medicina nesses países. Se, por um lado, nos perguntávamos o que estava acontecendo e se tamanha crise sanitária iria se alastrar para o Brasil, por outro lado, era Carnaval. Brasil, festas, viagens, bloquinhos e muita aglomeração.

O Carnaval passou. Finalmente, o nosso maior evento do ano estava por vir: a Pré-Intermed, em abril. O desejo de competir, jogar, torcer, ganhar, o anseio por subir para a Intermed e devolver a Escola para a

posição que é dela. Cidade escolhida, contratos de alojamento e casa do atleta fechados, ônibus fretado. AAAPB respirava o clima de competição e só nisso pensávamos. Faltavam poucos dias. Mas o quadro sanitário foi progressivamente evoluindo.

O aumento dos casos na cidade de São Paulo foi seguido por estabelecimentos começando a fechar, uma quarentena em toda a cidade era desenhada. Optamos pelo doloroso fechamento da Atlética, que foi logo seguido pela suspensão das atividades presenciais do primeiro ao quarto ano. Três dias depois, as atividades do internato seriam suspensas enquanto o Hospital e a Escola começavam a se preparar para o que viria. Era 18 de março.

A partir daí, a gravidade da situação era clara e a "ficha começava a cair". Se nossas atividades estavam suspensas, o que poderíamos fazer, como alunos, pelo Hospital São Paulo? Pela Escola? O que precisávamos fazer, como Escola, para nos preparar para o que estava por vir? O quão afetados seríamos pela pandemia? Ir ou não para a linha de frente, mesmo sendo aluno? Questionamentos que, a princípio, não tinham respostas concretas. Ninguém as tinha. As incertezas, contudo, não bastaram para suprimir nossa inquietude e anseio em colaborar. Anseios que foram compartilhados pelo Prof. Girão, diretor da Escola Paulista de Medicina, e pelo Prof. Aécio, coordenador do curso médico.

Decidimos criar um caminho para que os alunos pudessem ajudar se assim o quisessem, uma forma de suporte para a Escola nesse momento, uma forma de continuarmos ativos em nossos papéis. Surgia o Voluntariado EPM.

O Voluntariado trouxe novas perspectivas para nós alunos. Apesar das atividades curriculares presenciais suspensas, um leque inédito de possibilidades foi aberto. Novas formas de ajudar, novas formas de exercer a Medicina foram pensadas e, consequentemente, novos métodos de aprendizado foram criados. Pouco tempo bastou para atingirmos mais de 200 alunos, o que só corroborava nossa opinião de que a Escola é gloriosa.

Ainda em março iniciávamos nossas ações enquanto voluntários. Estruturamos campanhas de arrecadação, contamos com o apoio fundamental dos ex-alunos, criamos um sistema de acompanhamento por telefone dos pacientes do pronto-socorro, desenvolvemos redes de apoio imediato a colegas em vulnerabilidade, buscamos ativamente as comunidades do entorno para trabalharmos na prevenção.

Abril seguiu com questionamentos entre os discentes sobre quando e como seria o retorno às atividades presenciais. Sexto ano se formaria na mesma época? Teremos internato prático em nosso quinto ano? A convocação do governo para atuarmos no atendimento se concretizaria? Muitas perguntas, muitos anseios, poucas respostas. O silêncio diante dos questionamentos nunca foi fruto de desorganização ou negligência. Em um cenário incerto, inédito na história da Escola, do país e talvez do mundo, opiniões, condutas e conhecimentos eram voláteis. O que era certo em um dia, no seguinte já não era mais. Experimentávamos em tempo real o desenvolvimento científico sobre a doença e todas as ações tinham um clima de urgência, com necessidade de agir de pronto e sempre reavaliar o que fazíamos.

Maio e junho seguiram com o crescimento do Voluntariado, a inclusão efetiva de boa parte de todos os anos de graduação, as diversas ações realizadas. A mudança que gerávamos na Escola já era sentida no maior diálogo entre docentes e discentes quanto à tomada de decisões: quando retornar o sexto ano, como retornar o quinto ano à distância, como construir conjuntamente nossas estratégias.

Apesar do contexto desafiador e instável, a Escola se manteve erguida. A precoce captação de equipamentos de proteção individual (EPI) permitiu que não faltasse segurança para os profissionais do complexo Escola Paulista de Medicina – Hospital São Paulo. A arrecadação foi tamanha, graças aos seus muitos alunos e ex-alunos, que permitiu que compartilhássemos as arrecadações materiais com outras instituições.

O protagonismo da Escola mostrou-se em diversas áreas. No âmbito da pesquisa, inúmeros projetos foram desenvolvidos: o impacto do uso prévio de hidroxicloroquina em pacientes reumatológicos, o uso de plasma convalescente em pacientes graves, a chegada da vacina de Oxford. Pioneirismo na criação de organizações de alunos como o Voluntariado. Inovando ao utilizar telemedicina para acompanhar os pacientes. Alcançou a população do entorno, mantendo o atendimento de todos os pacientes, com suas portas abertas. Pandemia ou fora dela. Nossa amada Escola mostrava sua força, liderança e história.

Força e liderança sempre demonstradas por nossos professores. Aliás, foram eles o nosso alicerce durante todo o período, ensinando pelo exemplo. Exemplo de estar presente apesar de riscos pessoais, exemplo de se reinventar como docente e adaptar o ensino remoto do dia para a noite. Exemplos em todos os aspectos fundamentais da nossa formação. A graduação respondia também, adaptando os currículos, as formas de

ensino, os calendários, em um esforço conjunto e anormal de todas as esferas envolvidas: docentes, discentes, coordenações, Escola.

Tivemos professores exemplares e incansáveis. Diariamente, acompanhamos reuniões extensas sobre como lidar com cada um dos desafios, atuando dentro e fora do hospital. Não importava idade, se estava chovendo ou frio, se estavam cansados ou não, se era manhã, noite ou madrugada. Eles estavam disponíveis e dispostos a ajudar a todo tempo. Foram muito mais que professores, mas inspiração e exemplo para nós, alunos.

O retorno presencial sempre foi muito aguardado. Desde o anúncio da suspensão já pensávamos em formas de voltar ao hospital, à prática da medicina, ao contato com os pacientes. A decisão de retomar as atividades do quinto ano na metade de agosto sanava essa ansiedade, introduzia questionamentos sobre a forma, mas tínhamos certeza de que seria do melhor jeito possível. Sabíamos da capacidade da Escola de manter-nos seguros, de garantir que nossa formação clássica permaneceria de excelência e beneficiada pelas diversas atitudes extras que tomamos durante o período afastado e levaríamos para a vida. Apesar dos problemas, pausas, atrasos, receios e medos, saímos melhores enquanto pessoas, alunos, médicos e Escola desse enfrentamento que ainda não acabou.

Dois mil e vinte. Não há como dizer que eram essas as nossas expectativas iniciais. Nem em nossos maiores delírios seríamos capazes de imaginar que viveríamos uma situação como essa. Mas, apesar de todos os desafios impostos, a pandemia trouxe ensinamentos preciosos. A Escola se manteve gloriosa em todo o período, nosso orgulho só aumentou e é imensamente recompensador, motivo de extrema alegria, saber que construímos juntos a história dessa instituição que tanto amamos, nossa casa. A oportunidade de devolver um pouco diante do tanto que a EPM nos dá é motivo de gratidão para todos que por ela passam e razão fundamental de sua grandeza, construída por contribuições de todos os funcionários, professores e alunos. A Paulista é e sempre será um tesão de Escola.

Trá-Cá-Trá!

VIVÊNCIA DO COTIDIANO DA PANDEMIA

• Gabriel)Rmaral)r enarái)•)heáro)áe)e eõquita)bunqueira

Gostaríamos de iniciar este breve relato identificando-nos como dois alunos da turma 85, 4º ano em 2020, da Escola Paulista de Medicina (EPM)/Unifesp. Aos médicos que nos estão lendo, faço o seguinte convite: tentem relembrar do seu conhecimento teórico e prático da Medicina e, por que não, do mundo ao seu redor quando estavam bem na metade do curso... Nós, definitivamente, assim como vocês em suas respectivas épocas, não somos mais calouros deslumbrados e ansiosos com as novidades da vida universitária; já tivemos contato com outras gerações da EPM, com pacientes em nosso querido Hospital São Paulo e suas inerentes grandezas, mas também dificuldades. No entanto, ainda que não tão ingênuos e mais vividos neste caminho chamado Graduação, o fim ainda parece estar bem mais longe que o começo!

Afinal, a responsabilidade de ser um bom médico formado pela EPM e representar o nosso brasão recheado de glórias requer conhecimentos e vivências essenciais, muitos dos quais, inclusive, adquiridos no decorrer de todo o resto da vida e que, naturalmente, ainda não temos. Pois bem, apesar de ainda não sermos habilitados como profissionais atuantes de fato, somos alunos da Escola! Da Escola Paulista de Medicina! Não conseguimos permanecer alheios à situação, não tinha como... a magnitude desta pandemia e seus mais diversos impactos sociais mexem internamente, incomodam, recrutam-nos à luta! Não tem como ser diferente... a EPM é referência e, enquanto suas crias, precisamos almejar e buscar ao máximo agir de acordo! Mas afinal, enquanto estudantes do 4º ano, qual seria então o nosso papel perante a sociedade neste momento tão transformador?

Nesse contexto de constantes indagações e vontade acumulada de contribuir com algo, ocorreu o lançamento do programa do Governo Federal "Brasil Conta Comigo", no início de abril. Seu intuito era convidar alunos da graduação de cursos na área da saúde para se

cadastrarem em uma base de dados e, possivelmente, serem convocados para atuar na chamada linha de frente, sempre com supervisão e auxílio de superiores em seus respectivos postos. No mesmo dia em que a plataforma foi ao ar, nossa inscrição foi feita! Dia sim e dia também, acordávamos ansiosos e a primeira ação matinal era verificar se havíamos sido chamados... mas a convocação nunca veio. Curiosamente, neste mesmo período, o Voluntariado EPM ganhava corpo e se estruturava cada vez mais pelo incansável trabalho de alguns alunos do internato, professores e Diretoria da EPM. E, como não podia ser diferente, assim que soubemos da existência dessa incrível frente, oferecemos a nossa ajuda. Alguns dias após seu início, felizmente, tivemos a honra de adentrar o Comitê Organizacional do projeto e, desde então, a nossa vida mudou!

Você talvez esteja pensando que estamos sendo hiperbólicos e exagerados com esta última frase, mas acredite: definitivamente não se trata de força de expressão. Ainda perdidos e sem saber ao certo quais seriam nossas atribuições, comparecemos à nossa primeira reunião do grupo. Logo de cara, um espanto inicial: as figuras ali concentradas naquela sala eram tão conhecidas e marcantes no ambiente da Escola que o sentimento inicial foi de espanto e, inclusive, intimidação. Professores tão renomados reunidos em prol dessa causa dos alunos, dessa luta de nossa querida EPM... Erh, a "coisa" era grande, a "coisa" realmente era séria! Motivados justamente pela grandiosidade da situação e pela responsabilidade de estar naquele ambiente, prontificamo-nos a cuidar de uma nova frente de trabalho proposta naquele mesmo dia: a "Valorização dos Funcionários"!

E então, recebida esta nova incumbência, nossos questionamentos e planejamentos começaram. Como fazer os trabalhadores da saúde se sentirem prestigiados e, além disso, de fato compreendidos e amparados em um ambiente de tantas novidades, transformações e cobranças de todos os lados? A estratégia inicial, a pedido da amiga e professora Jaquelina Ota-Arakaki, foi dar voz aos residentes e demais funcionários dentro das mídias sociais do Voluntariado EPM. Dar-lhes a liberdade de transmitir uma mensagem motivacional ou de outro cunho à sua escolha em algum *post*, juntamente com uma foto própria. A campanha começou bem, muitos pedidos de inclusão chegaram e a sensação de ter sua dedicação diária notada, ainda que minimamente, se fez presente.

Mas apenas isso não bastava, podíamos fazer mais... tínhamos que tentar mais! Embora a sensação de impotência, inerente a uma pandemia

de tamanha proporção, ameaçasse tomar conta em determinados momentos, a força e persistência incondicionais dos professores, colegas e trabalhadores prevaleciam e impulsionavam-nos a tentar e **nos entregar, doar-nos além...**

Este foi o sentimento-chave, essencial e condutor de tudo para nós! O último parágrafo não terminou em negrito à toa! Essa exata reflexão foi o ponto de alicerce de nossa principal atuação dentro do Voluntariado EPM. Ora, se diariamente nos deparamos com exemplos palpáveis de devoção à causa, acompanhamos professores se desdobrando em multifunções para nos amparar e continuar a contribuir à sua maneira, por que não buscarmos a concretização desse ato tão simbólico? Uma entrega, concessão mesmo! Propusemo-nos, então, a angariar doações de alimentos e bebidas àqueles que batalham e se entregam diariamente por nós na chamada linha de frente!

Assim, realizamos diversas ligações para estabelecimentos das redondezas, mandamos *emails* para grandes empresas do ramo alimentício, acionamos contatos pessoais ligados à área... tudo com o intuito de explicar nossa proposta e objetivo final: valorizar os funcionários do Hospital São Paulo e do complexo EPM/Unifesp. Iniciada esta nova empreitada, presenciamos outra faceta intrínseca e impiedosa de qualquer grande crise de dimensões globais: as pessoas precisam se sustentar e o "bolso", conforme o dito popular, quando atingido, dói e não é pouco!

No entanto, esse pequeno balde de água fria inicial foi logo substituído pelas incríveis demonstrações de solidariedade com as quais nos deparamos. Vários estabelecimentos do bairro nos atestavam as fortes dificuldades econômicas enfrentadas, porém, ainda assim se prontificavam a ajudar e a doar o **pouco** em alimentos, mas **muito** em bondade e carinho que conseguissem! E assim o pontapé inicial foi dado: naquela semana situada no fim de abril, conseguimos a doação de quatro marmitas com direito a suco para a DIPA em um dia; no outro, seis pizzas grandes confirmadas para a UTI da Pneumologia; ligações e pedidos de ajuda a todo vapor, a notícia começava a se espalhar e a "Valorização dos Funcionários" ganhava corpo e alargava sua abrangência. Entretanto, nem mesmo em nossas projeções mais otimistas e sonhadoras, imaginaríamos a proporção e grandiosidade que, felizmente, podemos nos orgulhar e bradar que conseguimos atingir!

Sempre com o auxílio de colegas, funcionários e professores, o número de doações aumentava e a "rede do bem" parecia espalhar cada vez mais

sua palavra... no entanto, com a crise se alongando por um período além do imaginado, tivemos que nos reinventar e buscar doações que não dependessem necessariamente de empresas ou restaurantes grandes. Assim, criamos a frente "Cozinha Solidária" com um pontapé inicial de se orgulhar! Em parceria com a apresentadora Rita Lobo, do canal GNT, divulgamos em redes sociais um simples pedido: "se você que está em casa tem condições e gostaria de ajudar os funcionários do Hospital São Paulo, cozinhe um bolo de cenoura!" E assim, a solidariedade, mais uma vez, mostrou-se preponderante e tão contagiosa quanto o vírus. Com alunos voluntários rodando São Paulo e região em cinco carros diferentes e a Diretoria da EPM de portas abertas para nos auxiliar a receber e comportar todas as doações, angariamos perto de 500 bolos!!! Número suficiente para entregarmos pedaços generosos por 3 dias consecutivos para todos os funcionários presentes no Hospital São Paulo, e um dia em todo o prédio da Colsan e também do GRAACC, levando alegria e um pouco de conforto e carinho para estes trabalhadores!

Com o passar do tempo, outras parcerias (com o grupo Médicos na Cozinha, por exemplo) e doações de maior porte surgiram e se concretizaram, por intermédio dos amigos e incansáveis Aécio Góis e Sineida Girão… o trabalho não parou e, justamente por meio de tamanha sinergia e junção de esforços, até o fim de agosto, o Hospital São Paulo havia recebido mais de 2.000 yakisobas, 11.000 latinhas de Red Bull, 10000 balas de goma Haribo, 12.000 unidades de Cup Noodles, 1.000 pães, 800 bolos, 100 esfihas, 50 pizzas, 100 marmitas, 200 hambúrgueres, 2.000 unidades de pipoca *gourmet*, várias pequenas porções relacionadas à Festa Junina vindas de uma edição do Cozinha Solidária, 5.760 copos de água mineral etc.

Quando afirmamos um pouco acima nesse texto que nossa vida havia se transformado, não foi da boca para fora mesmo… O ato de escrever e concretizar no papel essa trajetória dentro do Voluntariado EPM suscita um sentimento de gratidão imenso e quase inexplicável! Gratidão pelos colegas que nos acompanharam em toda essa jornada, pelos professores batalhadores do Comitê Organizacional, pelos heróis da sociedade que compraram nossas ideias e toparam nos ajudar em cada edição da Cozinha Solidária e, principalmente, pela querida Escola Paulista de Medicina e sua Diretoria! Mais do que gratidão, é para nós um orgulho fazer parte dessa faculdade/família! A pandemia nos ensinou coisas novas, mas também salientou outras já sabidas: a EPM é gigante!

Trá-cá-Trá!

O RELATO DE UM ORTOPEDISTA DA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA SOBRE O ENFRENTAMENTO DA COVID-19

• e arcuõ)niniciuõ)e alçeiroõ)duÀo

O ano é 2020, o início de uma nova etapa no Departamento de Ortopedia e Traumatologia (DOT). Com a nova chefia do Departamento pelo Prof. Dr. Fernando Baldy ocorreram diversas mudanças em todas as disciplinas e setores do DOT. Eram grandes os movimentos internos para a realização de vários cursos, congressos e inovações, tanto na graduação como na residência médica. Tanto o *staff* do Departamento como os residentes e pós-graduandos estavam envolvidos nessa nova fase.

Em meados de janeiro começamos a ouvir as notícias vindas da China sobre a epidemia de uma nova doença. Todos nós achávamos que o vírus talvez não chegasse aqui no Brasil ou até que não fosse uma doença tão grave, mas chegou e nos pegou de calças curtas.

Ela foi chegando, chegando e fazendo vítimas e, logo no início, em 20 de março de 2020, montamos um comitê no nosso Departamento para enfrentamento dessa pandemia. O comitê decidiu que nenhum residente do Departamento iria trabalhar sem condições mínimas de segurança e conforto, nem que tirássemos dinheiro do próprio bolso para que isso acontecesse. Conseguimos por doação de colegas, no tempo zero, máscaras N95 e óculos de proteção mas, mesmo assim, tivemos algumas baixas (residentes na linha de frente que pegaram a Covid-19), que felizmente se restabeleceram e voltaram para a linha de frente, como numa batalha.

Nessa mesma semana inicial fui convidado pelo Prof. Dr. Manoel Girão a participar do voluntariado que estava se formando. Neste final de março e começo de abril a Escola estava praticamente fechada, inclusive a parte administrativa do *Campus*, salas de aulas e anfiteatros. Por outro lado, o pronto-socorro do Hospital São Paulo funcionava a todo vapor. Quando cheguei na reunião me deparei com a Prof. Dra. Emilia Sato e o Prof. Dr. João Aléssio, ambos do grupo de risco, além de alguns alunos do quinto e sexto ano. Senti um misto de admiração e entusiasmo. Nossas reuniões eram feitas quase diariamente tentando capitalizar o máximo de doações possível. Tínhamos na Diretoria da EPM a presença sempre marcante do Diretor Prof. Dr. Manoel Girão, do seu vice Prof. Dr. Fúlvio e do chefe de gabinete Prof. Dr. Marcelo, além das secretárias Isabel,

Márcia e Eliana, todos prontamente dispostos a encarar essa pandemia. A Dra. Sineida, esposa do Prof. Girão, foi a líder do processo de captação de doações do nosso voluntariado, sempre com seu telefone na mão recebendo doações, realizando orçamentos e compras de EPI, ponto mais crítico nessa fase inicial.

Em paralelo a tudo isso, o Departamento de Ortopedia, assim como o Hospital São Paulo, focava no atendimento do pronto-socorro, praticamente parando as cirurgias eletivas e diminuindo consideravelmente o atendimento realizado em nosso ambulatório.

O Comitê Gestor do DOT publicava boletins diários sobre a Covid-19, o que acontece até hoje. No início do mês de abril também realizamos um trabalho científico sobre o enfrentamento da Covid-19 com a participação de todo o Departamento. Esse trabalho foi publicado na Revista Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Foi um dos primeiros trabalhos realizados pela Escola Paulista de Medicina envolvendo a Covid-19 a ser publicado em revista indexada.

Logo no início, apesar do trabalho hercúleo do voluntariado, as doações estavam sendo feitas em um ritmo um pouco lento, como era de se esperar. O Departamento de Ortopedia e Traumatologia, também com grande entusiasmo do Prof. Dr. Flávio Faloppa, resolveu fazer uma arrecadação e, para nossa surpresa, conseguiu uma quantia superior a R$ 60.000,00. Isso estimulou outros departamentos da Escola Paulista de Medicina a também arrecadarem para o nosso voluntariado e, como consequência, para o nosso Hospital São Paulo. Essa quantia também tem um valor simbólico, pois o mais importante é que conseguimos envolver todo o Departamento, com a contribuição desde residentes até professores aposentados. Foi uma sensação de dever cumprido e ajuda que encheu de orgulho todos os médicos do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Escola Paulista de Medicina. Isso prova que a Ortopedia da nossa Escola jamais vai se abster de ajudá-la quando for chamada para tal.

Continuei trabalhando no Departamento de Ortopedia e Traumatologia e também no Voluntariado, agora já se chamando Voluntariado da Escola Paulista de Medicina, tendo muito orgulho de ter participado desde o início junto com os meus colegas, professores e alunos que foram fora de série em todas as suas atuações.

Com o passar do tempo o voluntariado cresceu muito, conseguindo grandes conquistas e doações. Até hoje não tivemos nenhum problema de

falta de EPI, sempre tivemos condições básicas de atendimento digno e com segurança em nosso pronto-socorro do Hospital São Paulo.

Em todas as comissões dentro da Escola Paulista de Medicina sempre haverá um ortopedista levando a nossa bandeira, certo de que no final poderemos cantar um *Good Night*, comemorando a nossa vitória em grande estilo.

Capítulo 3

Como a Pandemia da Covid-19 nos Afetou?

Vmilia)anoue)kato

A pandemia da Covid-19 nos afetou de todas as maneiras! Mostrou-nos como nossa vida está sujeita a mudanças drásticas e rápidas! Não poder cumprimentar amigos de forma calorosa como estávamos habituados a fazer; não poder abraçar filhos e netos, esposos e pais! Isso era inimaginável há poucos meses! Manter distanciamento social, não poder ver o sorriso ou o rosto triste atrás das máscaras e protetores faciais, dificultando nossa comunicação!

Ver que essa pandemia, embora afete a todos, sem distinção de cor, religião, classe social ou etnia, faz mais vítimas entre os menos favorecidos! Os estudos mostraram diversas comorbidades associadas a pior prognóstico, incluindo suscetibilidade genética, mas mostraram também associação com condições socioeconômicas desfavoráveis. Observamos grandes diferenças sociais no Brasil, incluindo diferenças regionais de acesso a equipamentos de saúde. As diferenças na possibilidade de se guardar distanciamento social e isolamento domiciliar explicam, em parte, a maior incidência de casos e a maior gravidade na população mais carente. Conquanto as diferenças sociais fossem conhecidas de todos, esses dados nos mostraram quão grandes são os abismos sociais em nosso país e o muito que precisamos trabalhar para reduzi-los.

Nesta pandemia, desde o primeiro dia em que as atividades não essenciais foram suspensas, ofereci-me para fazer parte do Voluntariado da EPM. A meta inicial foi a de arrecadar doações para atender sobretudo

à necessidade de equipamentos de proteção individual (EPI) para os profissionais da área de saúde que passariam a atender os pacientes acometidos ou com suspeita de serem portadores do SARS-Cov-2. O Voluntariado fez muito além da captação de recursos! Eu considero que ter tido a oportunidade de fazer parte do Voluntariado foi uma das atividades mais importantes e impactantes que fiz durante a pandemia. Pude ver a capacidade de trabalho e dedicação de estudantes e docentes, que tão bem souberam enfrentar o medo da enfermidade e do desconhecido que a pandemia nos infligira. Também foi muito gratificante ver o trabalho do nosso alunato no teleatendimento para seguimento dos pacientes atendidos na Unidade de Infecção Respiratória (UIR) do Hospital São Paulo. Uma oportunidade para os estudantes avaliarem à distância os pacientes, desenvolvendo a capacidade de comunicação e acolhimento, tão importantes para a atividade médica!

Com a evolução da pandemia e o aumento do número de casos de Covid-19 que o hospital São Paulo passou a atender, além da realocação de médicos (servidores da Unifesp) para o atendimento na UIR especialmente criada para o atendimento dos pacientes com síndromes gripais, em local isolado do pronto-socorro, foi necessária a abertura de novas enfermarias e leitos de UTI especificamente para pacientes com Covid. Para atender a maior demanda de médicos nessas unidades, embora não ocupasse um cargo administrativo, fui designada a fazer parte da Comissão de Combate ao Covid-19 do Hospital São Paulo, e juntamente com a Diretoria da COREME e demais membros desta comissão, trabalhamos junto aos preceptores e supervisores dos Programas de RM para a realocação de residentes de diferentes programas de Residência Médica, para atender aos pacientes com Covido-19 no pronto-socorro, enfermarias, UTI e UIR.

Embora estivesse no grupo de risco para pior prognóstico caso contraísse SARS-Cov-2, por ter mais de 60 anos e ter diabetes *mellitus*, optei por continuar trabalhando na Universidade durante a pandemia, como voluntária, e para não correr risco de levar possível infecção a meus netinhos, fiquei mais de 3 meses sem nenhum contato pessoal com filhos e netos. Para mim, esta foi a parte mais difícil da pandemia. Manter comunicação com netos pequenos através de vídeo não foi nada satisfatório e, em maio, após decisão compartilhada com os filhos, passei a visitá-los guardando distanciamento social. Aos poucos, com a redução dos casos de Covid-19 no município de São Paulo, voltamos à convivência habitual. Apesar de ir à Universidade diariamente, e, posteriormente, voltando a atender no consultório, tentamos manter o

isolamento, não encontrando com amigos e familiares, e creio que estes foram os efeitos negativos mais marcantes desta pandemia.

Conquanto a pandemia tenha nos mostrado a fragilidade da vida, tendo vivenciado, por causa da Covid-19, a perda de pessoas próximas no trabalho, comprometendo o ânimo de muitos colegas, essa pandemia também nos mostrou a capacidade de aglutinação por um objetivo comum, e a vontade de todos de trabalhar para a melhoria do ensino, assistência e pesquisa na Escola Paulista de Medicina. Foi um período que agilizou o uso de ferramentas novas para a comunicação e para o ensino. O Congresso *Webhall* EPM em Tempos de Pandemia, foi um acontecimento que mostrou a pujança da EPM, mesmo em época tão difícil! Em menos de 3 meses desde a sua idealização pelo Diretor Prof. Manoel Girão, até a sua execução, o primeiro Congresso Virtual e em tempo real mostrou todo o trabalho e empenho da comunidade EPMista durante a pandemia e foi capaz de mobilizar importantes participantes nacionais e internacionais, contribuindo para o engrandecimento desse evento.

Durante a pandemia também pudemos trabalhar muito próximos a diversas pessoas, fortalecendo vínculo de coleguismo e de trabalho, assim como de grande amizade, que esperamos que perdure por toda a vida!

Essa pandemia foi totalmente inusitada, diferente de outras infecções epidêmicas que tive a oportunidade de vivenciar. Na década de 1970 estava cursando Medicina na EPM quando ocorreu o surto de meningite meningocócica. No final do surto, no 4º ano médico, atendíamos no estágio de Moléstias Infecciosas no Hospital Emílio Ribas e chegamos a presenciar casos dramáticos de meningococcemia, mas não houve um efeito tão devastador na população geral. Na década de 1980, tivemos a descoberta do vírus da imunodeficiência adquirida humana e chegamos a ver todos os leitos de isolamento do HSP preenchido por pacientes com SIDA e infecções oportunistas, mas também o efeito na população geral e mesmo junto ao pessoal da saúde não foi tão impactante, pois eram conhecidas as vias de transmissão desse vírus e os meios de proteção. Mais recentemente, já neste século, tivemos a epidemia de H1N1, chegando a atender pacientes com sintomas de infecção viral em locais separados do PS, mas também sem a comoção de ver a notícia de várias centenas de mortes pelo Covid-19, somente na cidade de São Paulo!

Além do grande número de óbitos, efeitos nefastos na economia são gritantes, com muitos perdendo o emprego e a redução de ganhos de um modo geral, aumentando o porcentual da população classificado em

piores condições socioeconômicas. Infelizmente, deveremos ter maior evasão escolar, aumento de porcentual de pacientes com doenças crônicas descompensadas e com consequente agravamento, atraso no diagnóstico de neoplasias, que evoluirão para estágios menos responsivos à terapêutica inicial e de pacientes que falecerão ou evoluirão para lesão definitiva de órgãos, por não terem sido tratados adequadamente e de forma precoce.

Numerosos foram os efeitos negativos desta pandemia, mas eu também espero que essa pandemia tenha mostrado à humanidade que precisamos valorizar o que realmente é importante nesta vida (a vida, a saúde, a amizade, o amor, a harmonia), que não precisamos ser tão consumistas, tão imediatistas, que podemos viver com mais qualidade, que podemos nos adaptar e que a humanidade e principalmente cada comunidade deve estar preparada para vencer novos e inesperados desafios que a vida possa trazer.

CAPÍTULO 4

Memórias da Escola Paulista de Medicina em Tempos de Pandemia

j eãinaláo)j aimunáo)Fujita

Ano 1979, após muita dedicação e esforço para melhorar o aprendizado consegui entrar pelo concurso vestibular FUVEST na ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA. Conseguia realizar um sonho há muito almejado, mas sabia que pelas condições socioeconômicas não muito favoráveis, tinha um novo percurso a percorrer com muito suor e esforço. Nos bancos desta amada Escola encontrei alguns amigos que viviam as mesmas dificuldades; entre eles Manoel Girão. Éramos conhecidos como turma da marmita pois não tínhamos carro nem condições econômicas de pagar nossa alimentação nos bares e restaurantes vizinhos da instituição. Em 1984 concluímos nossa formação e cada um tomou seu caminho na especialidade escolhida após nova prova, agora o concurso de Residencia Médica. Encontramo-nos em 1991 na sala de parto onde meu amigo foi o obstetra de meu primogênito, e naquele momento além da grande amizade, nenhum dos dois sabia o que o futuro reservava.

Ingressei na carreira docente em 2005 e tinha como meta três grandes pilares: ensino, pesquisa e assistência. Estas são as formas de se devolver para a sociedade brasileira todos os gastos que nossa formação envolveu. Todo grande título acadêmico representa um fardo que devemos carregar e o faço com o maior prazer.

No plano de ensino atuo com muito prazer em várias comissões de ensino acadêmico, jamais delegando para terceiros funções que são

minhas. Ainda treino *handball* e rejuvenesço toda vez que entro na quadra, assim como posso ficar mais próximo e ouvir anseios, medos e expectativas de cada aluno e tento na medida do possível ajudar os mais vulneráveis, e uso o esporte como o veículo mais adequado para atingir as metas que busco no ensino de graduação. Na residência médica procuro estar sempre próximo aos alunos para que possam adquirir todo aprendizado para exercício adequado da especialidade Otorrinolaringologia, discutindo casos no ambulatório, entrando nas cirurgias mais complexas e mostrando que o melhor caminho é uma atuação multidisciplinar e multiprofissional. Sempre olho com muito carinho o ambiente que nossos pacientes frequentam e como são atendidos, e dentro do possível tentamos com nosso time resolver e cuidar dos pacientes. Procuro enxergar na pesquisa formas mais econômicas e viáveis de alcançar a cura ou o controle das doenças de VAS de nossos pacientes.

Neste cenário, em 2019 aparece um inimigo voraz e efetivo na contaminação e na letalidade dos mais idosos, a Covid-19. Nesta pandemia tivemos uma mudança radical nas atividades cotidianas, e se de um lado temos a necessidade premente de ajudar o paciente, de outro tínhamos uma angústia gigante de não sermos o próximo paciente a tombar. Em março de 2020 veio a quarentena na cidade de São Paulo, e neste contexto fazia parte do grupo de risco – idoso (que palavra chata) e pneumopata.

Não consigo aceitar ficar atrás de um teclado e ir contra meu juramento de Hipócrates. Neste momento volto a encontrar meu grande amigo, hoje general desta amada instituição – Escola Paulista de Medicina, e descubro que além de excelente médico tinha um veio administrativo e visão de estratégias adequadas para o enfrentamento desta pandemia, e apesar de fazer parte do mesmo grupo de risco, não deixava de estar presente no posto todos os dias. Perguntei se estava precisando de mais soldados e fui muito bem recebido. Apesar de não poder estar na linha de frente do combate, descobri que poderia ajudar os médicos da linha de frente com fornecimentos de EPI, alimentação, moradia e acolhimento, e que poderia ser um instrumento intermediário desta força-tarefa de enfrentamento. Não bastam palavras, imagens e documentos bonitos realizados por WEB ou pelo Whatsapp, precisamos mostrar e dar exemplos, principalmente em momento tão crucial de nosso sistema de saúde. Como vamos cobrar atitudes de nossos alunos, residentes e pós-graduandos se no principal momento nos escondemos na segurança de nossas casas? Medo e insegurança nunca faltaram em

nossa percepção, mas precisavam ser domados e canalizados para tornar-se a principal força para nos mover e buscar soluções lógicas e aplicáveis num Sistema de Saúde já precarizado, e que neste momento se encontra super lotado e sendo cada vez mais exigido. Como poderíamos ajudar os pacientes mais vulneráveis já consumidos pela economia e agora pela pandemia? Nossas comunidades no entorno de nossa amada Escola seriam um ambiente ideal para a propagação e contaminação de grande número de pessoas, o que poderia ser feito para este cenário tenebroso não virar um imenso cemitério? Como especialista em vias aéreas superiores, onde poderia ser mais útil para ajudar a amparar e tratar estes pacientes?

Outro grande amigo de luta e de esporte, Marcos Luzo, meu calouro e companheiro de tatame nas Intermeds da vida, convocou-me para ajudar o grande time da pandemia: os alunos Voluntários. Neste cenário pude tentar ajudar estes futuros médicos que mostraram muita coragem e vontade, o verdadeiro espírito do que significa saúde para a população. Estes futuros e verdadeiros médicos conseguiram, com campanhas diversas, arrecadar doações financeiras e insumos que hoje protegem nossos guerreiros da linha de frente. Campanhas de orientação e ação direta nas comunidades vulneráveis com aplicação de vacinas, orientação sobre cuidados pessoais e higiene foram desenvolvidos, e descobrimos que poderíamos fazer mais e melhor pela educação, saindo das confortáveis salas de aula e mostrando a importância de poder estar ao lado do paciente no meio em que vive.

Como falar em higiene se nem sabonete possui? Como pedir para se proteger com máscara se nem dinheiro para comida consegue? Como pedir para usar álcool gel se no meio da pandemia sempre aparecem espertos que vendem produtos pouco utilizados antes da crise a preço de ouro? Onde colocar um médico que acabou de prestar concurso de residência para Otorrinolaringologia para atuar e ajudar sistema de saúde sem comprometer sua segurança individual?

Todas estas questões apareciam nas diversas reuniões e as estratégias eram montadas. Sentir-se útil e poder fazer parte das tomadas de decisões nos fortalecem e impedem que medo e falta de conhecimento de um inimigo oculto nos deixem ser tomados pelo pânico. Olhar nas pessoas e não enxergar o rosto, apenas os olhos (uso contínuo e constante de máscaras), não ver um sorriso ou um rosto triste, incomoda demais. Tivemos de aprender a interpretar mais ainda o tom das palavras e o olhar para tentar perceber como nossos amigos, alunos, funcionários e

pacientes estavam naquele momento. Dizem que o olho é o espelho da alma, e neste momento estamos tentando aprender o significado destas sábias palavras. Sem tentar desdenhar nenhuma especialidade médica, vimos cirurgiões aprenderem a se paramentar com clínicos - o que uma pandemia consegue fazer? Cuidado e limpeza das mãos com álcool em gel são necessários e hoje em vez de vasos com flores ou enfeites nas mesas vemos frascos, potes e *sprays* de álcool, tirando de nosso foco pequenos detalhes antes inconcebíveis e hoje necessários, gerando uma grande angústia se não estiverem presentes. Mesas de trabalho parecem gôndolas de supermercado com várias amostras de potes e frascos, em que mundo estamos??? Viva a pandemia. Mas nunca desistir e continuar tentando entender o vírus, o ser humano e a doença e como podem se relacionar para se montar estratégias e linhas de enfrentamento da crise. Estamos aprendendo cada vez mais a executar tarefas com aplicação lógica e menos onerosa possível com os parcos recursos que dispomos. Quer melhor situação para entender economia e administração?? Estou crescendo cada vez mais com a pandemia e isso deixa um grande legado e aprendizado na vida.

Todo este esforço foi importante para montar estratégias que tinham dois focos muito importantes: atendimento dos pacientes e na medida do possível manter condições mínimas de ensino no internato e na residência médica. No internato descobri outro grande amigo com o qual já convivia nas reuniões de internato: Aécio Góis – e tentei ser uma ponte entre necessidades individuais de alunos e cenários seguros para darmos condições de formação de nossos sexto-anistas, muitos deles valorosos voluntários. Na residência médica tentei ajudar meus jovens especialistas que perderam temporariamente cenários de cirurgias eletivas, colocando-os em frentes de atendimento que iriam ajudar a combater a crise, e tentar na medida do possível continuar o atendimento dos pacientes com outras doenças que não o SARS-COV. Nosso ambulatório pediátrico de VAS não deixou de atender um dia sequer, pois pacientes precisavam ser acompanhados.

Todo dia chego 7:00 da manhã e vou tomar um café nos bares em frente ao HSP e procuro ouvir, ver e sentir as necessidades e atitudes que podem melhorar o enfrentamento da crise, comunicando imediatamente o General (Girão), e tomando atitudes cabíveis e necessárias.

Tenho grandes dúvidas se não poderia fazer mais nesta guerra, mas tenho a certeza de que o que estiver ao alcance farei. Reencontrar grandes amigos e ter convívio diário com estas pessoas nos faz esquecer a angústia

e o medo de sermos o próximo infectado, e nos torna mais preparados para tentar ajudar nosso precário sistema de saúde a vencer mais uma guerra. Tenho a certeza de que estamos contribuindo muito para a formação de novos médicos e quando me tornar um paciente estarei bem seguro e amparado por estes jovens profissionais que estamos vendo crescer e evoluir. Nesta grande parede é muito importante ser um pequeno tijolo. Tracatraaa!

Capítulo 5

Maratona Virtual Nico *Runners*

o ilõon)Rn Àai

Os Nico *Runners* (NR) surgiram de forma despretensiosa em 2011, quando um grupo de ex-alunos da Escola Paulista de Medicina (EPM) resolveu correr junto o tradicional Revezamento Pão de Açúcar.

Naquele ano foram feitas poucas equipes e ainda tínhamos o nome "Nem Velozes, Nem Furiosos". A brincadeira foi tão divertida que nos anos seguintes a participação continuou como "Equipe NICO *RUNNERS*" (NR), homenagem ao Nicodemus, símbolo da Atlética da EPM, e o número de participantes foi aumentando gradativamente ano após ano.

A marca registrada dos NR sempre foi a alegria de correr e estar juntos. Seja nos treinos no parque Ibirapuera em horários bizarros marcados pelo Wilson Anzai, o Tatoo da turma 51/52, como 7:29 h, 07:38 h ou 07:47 h, seja nas pizzadas para entrega das camisetas e *kits* de corrida ou no churrasco na Atlética após os Revezamentos. Tudo isso são momentos NR.

Ninguém é melhor ou pior, o importante é a festa. Correm juntos centenas de ex-alunos, alunos, professores, funcionários, amigos e familiares. Alguns são mais rápidos, outros mais tranquilos, mas todo mundo se diverte.

E assim se passaram nove anos e chegamos a 2020.

A Pandemia da Covid-19 impôs muitas restrições e não foi diferente para a equipe Nico *Runners*, que foi obrigada a suspender os treinos dos finais de semana que fazia no Parque do Ibirapuera, além de ver todas as corridas de rua canceladas.

Em abril, plena quarentena, a oftalmologista Cristina Itami da Turma 57 da EPM teve a ideia de fazer uma corrida virtual no mesmo dia que aconteceria a tradicional XX Corrida do GRAACC no Dia das Mães, que seria no dia 10 de maio, e o valor total da inscrição seria doado para o Hospital São Paulo (HSP) para ajudar no combate à Covid-19. Como não haveria tempo suficiente para organizarmos tudo em 2 semanas, transferimos para o dia 24/05/2020 e iniciamos a divulgação da inusitada corrida: a "Maratona de Revezamento Virtual Nico *Runners* 2020".

A vontade de contribuir e apoiar o HSP criou uma onda de solidariedade na NR, que contagiou toda a comunidade epemista. Tivemos o apoio da ex-diretora Prof. Emília Sato, do atual Diretor Prof. Manoel Girão e de vários professores, que juntamente com os alunos do Voluntariado da EPM, contribuíram com a divulgação e sucesso do evento.

Quando chegou o grande dia da Maratona Virtual de Revezamento Nico *Runners* 2020, no último domingo de maio, centenas de atletas da Escola acordaram cedo e começaram a correr e completaram o seu trecho do revezamento, cada um na sua respectiva casa, e tudo foi devidamente documentado com fotos e vídeos.

Foi inesquecível, foi divertido, foi grandioso. Cada um de nós sendo um pedacinho, uma parte desse grande momento de união que mostra muito do espírito NR. Espírito de união, solidariedade e esse amor inabalável pela Escola.

CAPÍTULO 6

Mulheres na Pandemia

APRENDENDO A VIVER EM UMA NOVA ERA

• Vliana)haãanelli)e aãro

Em 2019, um ano que considerava ter sido pesado, tive muitas mudanças na minha vida e queria que terminasse logo; assim como muitas pessoas com quem conversava. 2020 chegou! Muitas esperanças...

Porém, no período de meados de fevereiro até fim de março fomos acometidos por uma Pandemia, passamos a conviver com o CORONAVÍRUS – COVID-19. Mas afinal que vírus é esse?

E de repente fomos obrigados a uma mudança radical em nosso modo de viver...

Do dia para a noite, nada de poder cumprimentar as pessoas queridas com beijos e abraços, nada de ficar perto um do outro, com o passar dos dias o uso de máscaras se tornou essencial...

A cada dia mais notícias de que o vírus estava se propagando com uma velocidade grande e que o número de infectados e o número de óbitos crescia.

Com esse panorama começamos a entrar em pânico... muito medo, insegurança, a sensação de ter perdido a liberdade de ir e vir.

Para piorar, veio o isolamento social e os encontros com os amigos e pessoas que amamos foram proibidos, pois estávamos frente a um vírus que ninguém sabia como combater e evitar, senão por essas medidas. A sensação de estarmos cada vez mais sozinhos em momentos que mais gostaríamos de estar com aqueles que amamos foi opressiva.

Mesmo trabalhando na área administrativa, na Diretoria da Escola Paulista de Medicina, a rotina de trabalho foi alterada, pois a prioridade era ajudar a suprir as necessidades dos profissionais que estavam na linha de frente com equipamentos de proteção individual, assim fomos

engajados em receber as doações, organizar a distribuição e controlar essas doações. Apesar de todos os medos, ansiedades e até um certo pânico, a responsabilidade falou mais alto e como membro da equipe da Diretoria da Escola Paulista de Medicina não pude me acovardar e todos os dias estava presencialmente no meu local de trabalho fazendo o que fosse preciso para que tudo desse certo. Mesmo assim, em muitos momentos me senti impotente, como se mesmo estando ali não estava sendo útil o suficiente.

Equipe de trabalho reduzida, as emoções à flor da pele, apesar do medo que permeava cada um de nós, ficamos extremamente unidos e um apoiando o outro nos momentos de maior sensibilidade de cada um. Pessoas que já eram próximas ficaram muito mais, a amizade se fortaleceu e essa foi uma parte boa de toda a situação. Passamos a vivenciar a compaixão na prática, saber escutar e acolher sem julgamento e sempre nos colocando no lugar do próximo.

O retorno para casa me dava medo, pois só de pensar na possibilidade de transmitir o vírus para minha filha, filho, nora, neta era angustiante. Sem contar que para entrar em casa passou a ser necessário uma rotina bem diferente da que tínhamos anteriormente, sapatos tirados na porta, roupas deixadas separadas das demais, lavar as mãos e banho passou a ser ato imediatista, para só depois poder dizer que cheguei em casa. Sem considerar a questão de limpeza e organização da casa, álcool gel 70% em todos os cantos da casa, viramos os "loucos do álcool".

Hoje, depois de quase 6 meses de pandemia, ainda estou me adaptando a esse novo jeito de viver... Confesso, não está nada fácil... Mas tenho muita esperança de que em breve tudo irá se normalizar, mesmo que neste novo jeito de viver e conviver, espero que possamos ter um mundo melhor, com mais compaixão, colaboração e principalmente respeito ao próximo, que todos somos iguais, temos as mesmas necessidades, medos, angústias, todos temos sonhos e vontade de vencer. Que este realmente seja o novo jeito de viver dia a dia, valorizando o presente e vivendo de forma mais intensa e verdadeira cada segundo.

Muitas coisas vivi e ainda vivo neste período de pandemia. Quero deixar agora meu agradecimento de coração e com uma gratidão imensa a algumas pessoas que estiveram e estão ao meu lado, e a cada um com seu jeito próprio e particular a todo apoio, amor, compreensão, paciência, amizade, carinho e cuidado dispensado a mim. Hoje tenho nestas pessoas mais que colegas de trabalho, tenho a cada uma como amigo e as guardarei para sempre em meu coração.

Com muito amor, carinho, respeito, compaixão e gratidão eterna meu muito, muito obrigado a:

Dr. Manoel Girão e Dra. Sineida Girão

Dr. Marcelo Fonseca

Dr. Fúlvio Scorza

Isabel Cristina da Nova Lameirinhas

Nilton de Camillo Jr.

Alessando da Conceição

Carlos Francisco – Cazuza

Vocês fizeram, fazem e sempre farão a diferença na minha vida!

Minha gratidão eterna!

Eliana Paganelli Magro

UM DESABAFO

•)baquelina)k onoe)g ta)Rraêaêi

Bom dia a todos.

Na segunda feira, dia 31 de agosto, completaremos 5 meses da unidade de internação da síndrome respiratória aguda do 11º andar.

Alguns momentos merecem reflexões e planejamentos e talvez novos desafios.

Por lá passaram vários pacientes com suas histórias de vida, que certamente viveram dias de medo, incertezas, fechados num quarto sem poder receber visitas ou caminhar pelos corredores do hospital.

Passaram e passam por lá, também, profissionais da saúde em formação. É isso que nos diferencia.

Somos um hospital universitário e não qualquer hospital universitário, somos o Hospital Universitário (HU) da Escola Paulista de Medicina (EPM).

Esse é o meu principal argumento aos residentes que estão cansados e com legitimidade clamam por condições para completarem a formação nas suas respectivas especialidades.

Como um HU, mostramos a nossa capacidade e excelência de rapidamente nos organizarmos e enfrentarmos uma nova doença pandêmica, cheia de desafios e riscos. Além da assistência, primamos pelo ensino e, no meio do caos, muitos ainda conseguiram gerar conhecimento.

A sociedade respondeu e conseguimos melhorar a infraestrutura do hospital, que de fato será um grande legado.

Com o espírito empreendedor do Prof. Girão e a capacidade de agregar pessoas, conseguimos realizar o *Webhall*, que não deixa dúvidas de que foi um grande marco na nossa história.

O maior desafio agora é de fato deixarmos um grande legado, além da infraestrutura.

Que a academia passe a ter um olhar mais coletivo, que vá além das nossas disciplinas.

Que neste momento crítico de retorno, pensemos na formação de todos, da forma mais igualitária possível.

Um legado que com certeza ficará são os alunos do voluntariado. Tenho muito orgulho de usar esta camiseta. Que vocês sempre mantenham o espírito coletivo, deixando vaidades em segundo plano. Isso trará algumas derrotas sim, mas tenham a certeza de que o resultado final será positivo.

(Desabafo realizado via Whatsapp no grupo privado “Voluntariado”)

Capítulo 7

Memórias, Sentimentos e Reflexões de uma Pandemia

banine)k cçirmer

O surto da doença de coronavírus (Covid-19) foi relatado pela primeira vez em Wuhan, China, em dezembro de 2019[1]. Desde então, espalhou-se rapidamente pela China, Ásia, Oriente Médio, Europa, América do Norte e outras partes do mundo[2]. A Covid-19 foi declarada uma emergência de saúde pública de interesse internacional em 30 de janeiro de 2020[3] e agora é uma pandemia. O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Em 17 de março de 2020 ocorreu o primeiro óbito por Covid-19 no país. Em 20 de março de 2020 foi reconhecida a transmissão comunitária da Covid-19 em todo o território nacional[4].

Desde então o mundo está enfrentando desafios sem precedentes em face de uma pandemia global. A doença Covid-19 já matou milhares em todo o mundo[5]. Os dados relacionados ao número de casos positivos, hospitalizações e óbitos mudam de hora em hora. As preocupações crescentes em relação à sobrecarga dos sistemas de saúde em todo o mundo já estão ocorrendo e provavelmente irão piorar significativamente. Esta crise de saúde afeta não apenas a equipe de frente e gestores de saúde, mas todos os sistemas e comunidades. A Covid-19 também já interrompeu as atividades acadêmicas das universidades em diversos países[6].

DESAFIOS IMPOSTOS À GRADUAÇÃO DIANTE DA PANDEMIA

A Universidade Federal de São Paulo suspendeu o calendário acadêmico em 16 de março de 2020. Desde então a Escola Paulista de Enfermagem vem discutindo como continuar a educar enfermeiras em uma sociedade que enfrenta distanciamento social, isolamento e medidas de quarentena, ao mesmo tempo em que precisamos de enfermeiras na linha de frente. Nós, da EPE, estamos nos preparando para desafios únicos relacionados ao nosso papel em ajudar a desenvolver a próxima geração de prestadores de cuidados.

Em caráter emergencial provocado pela pandemia da Covid-19, os gestores das faculdades e universidades de todo o mundo tiveram que (re)inventar novas formas de prover o ensino preservando a qualidade do mesmo. Com as novas portarias do Ministério da Educação e Saúde, que deram abertura para que todos os cursos utilizassem metodologias remotas para continuidade do ano letivo, foi-nos colocado um novo desafio: promover ao estudante a imersão e a interação nesse meio virtual que possibilite o aprendizado com qualidade, e não um simples momento de ensino à distância[7].

A retomada do calendário acadêmico pela EPE se deu no dia 06 de julho de 2020. Para esse retorno os planos de ensino foram revistos e reestruturados de acordo com as orientações da PORTARIA PROGRAD n. 2091/2020, que define e normatiza a retomada das atividades acadêmicas dos cursos de graduação, excepcionalmente, em regime de Atividades Domiciliares Especiais, durante a suspensão das atividades presenciais devida à pandemia da Covid-19.

Portanto o advento da Covid-19 tem exigido que o corpo docente de enfermagem seja inovador, flexível e ágil frente aos desafios impostos pela educação à distância. Por exemplo, os professores tiveram que mover aulas presenciais para Atividades Domiciliares Especiais (ADE), conceituar e oferecer experiências clínicas alternativas e redefinir como o desempenho dos alunos será avaliado e classificado (cumprido/não cumprido).

Essa pandemia nos faz refletir sobre o que constitui o conteúdo principal para os alunos da graduação e quais estratégias os ajudam a aprender melhor que o ensino presencial. O currículo deverá ser revisto, como sugere a *American Association of Colleges of Nursing*, para que

contemple no mínimo tópicos como vigilância e detecção, isolamento, quarentena e contenção, lavagem adequada das mãos e etiqueta da tosse devem[8].

Parafraseando a Organização Mundial da Saúde sobre a Situação Mundial da Enfermagem, o foco da preparação do enfermeiro deve ser na prestação de cuidados primários, "garantindo a qualidade do atendimento e a segurança do paciente, prevenindo e controlando infecções e combatendo a resistência antimicrobiana" (p. 12). Os currículos precisam ser explícitos sobre o papel do enfermeiro na "promoção da saúde, alfabetização em saúde e gestão de doenças não transmissíveis" (p. 13). O preparo dos enfermeiros para seu papel crítico no gerenciamento de epidemias deve ser parte integrante do currículo, independentemente do nível de escolaridade (graduação ou pós-graduação). A ênfase na saúde da população deve ser reforçada, uma vez que há necessidade de que os futuros profissionais de saúde estejam bem preparados para cuidar de uma população cada vez mais envelhecida e com problemas de saúde mental.

Talvez seja o momento de reconsiderar o que constitui informações e competências críticas aos estudantes da graduação. É possível, dadas as necessidades de saúde da sociedade, que o conteúdo considerado crítico décadas atrás não seja mais relevante ou não possa ser aprendido no período de tempo atual[9].

Acreditamos que a Enfermagem tem papel fundamental no combate à pandemia da Covid-19, não apenas em razão de sua capacidade técnica, mas também por se tratar da maior categoria profissional de Saúde, e a única que está 24 h ao lado do paciente.

Além disso, a OMS definiu 2020 como ano internacional dos profissionais de enfermagem e obstetrícia[10]. Trata-se de uma celebração global que visa elevar o perfil da profissão, reconhecendo o trabalho feito por enfermeiras(os) e parteiras(os) em todo o mundo, bem como de defender mais investimentos e melhorar suas condições de trabalho. Este ano também é de homenagens ao bicentenário de Florence Nightingale, considerada a fundadora da enfermagem moderna. A pioneira da Enfermagem foi também a precursora dos cuidados relacionados à higiene para o controle da transmissão de doenças e infecções. Nos dias atuais os ensinamentos contidos na Teoria Ambientalista desenvolvida por Florence Nightingale no século XIX estão em evidência com a pandemia, sendo a lavagem das mãos um dos métodos efetivos para controlar a transmissão da Covid-19[11].

Dessa forma, Nightingale continua a inspirar profissionais da área da Saúde em todo o mundo com seus ensinamentos contemporâneos e inovadores, evidenciando que a Enfermagem consiste em uma profissão que contribui para melhores condições de saúde, igualdade de gênero, fortalecimento econômico, redução da mortalidade e cobertura universal de saúde para todos[12].

O Curso de Graduação em Enfermagem da EPE entende que nesse momento de desafios sanitários, sociais e enconômicos impostos pela pandemia da covid-19 ao povo brasileiro, tornam-se imperativos os esforços para a formação de enfermeiros.

A pandemia da Covid-19 trouxe a necessidade de isolamento social, medida essa que impactou na forma de ensinar das universidades brasileiras. O Curso de Graduação em Enfermagem tem se concentrado na tarefa imediata de preparar-se para ensinar e apoiar seus estudantes remotamente, além de buscar garantir a volta mais segura possível às atividades práticas, garantindo equipamentos de proteção individual (EPI) para seus estudantes e docentes, por exemplo.

Algumas ações visando o melhor ensino e acolhimento dos estudantes de enfermagem têm sido realizadas, como a criação do Núcleo de Apoio Pedagógico – EPE e a implementação do programa de Tutoria.

DESAFIOS IMPOSTOS À EXTENSÃO DIANTE DA PANDEMIA

Ao tratar mais especificamente sobre a Universidade, a Constituição Federal, no Art. 207, caput, vincula esta instituição à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão[12]. Assim como a Lei n. 9394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conceitua, no Artigo 52, as universidades como “instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano”[13].

Os programas de extensão universitária desvelam a importância de sua existência na relação estabelecida entre instituição e sociedade, consolidando-se através da aproximação e troca de conhecimentos e experiências entre professores, alunos e população, pela possibilidade de desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem a partir de práticas cotidianas coadunadas com o ensino e pesquisa e, especialmente,

pelo fato de propiciar o confronto da teoria com o mundo real de necessidades e desejos. Na área da saúde, assumem particular importância na medida em que se integram à rede assistencial e podem servir de espaço diferenciado para novas experiências voltadas à humanização, ao cuidado e à qualificação da atenção à saúde[14].

O Projeto RECREAR: Recreação para Idosos Hospitalizados, projeto de extensão do Departamento de Saúde Coletiva da EPE, tem como objetivo a criação de espaços de diálogo entre os extensionistas, discutindo sua inserção na sociedade, seu papel ético, político como cidadão e o trabalho interprofissional com questões relativas ao envelhecimento. O propósito do projeto é ocupar o tempo ocioso dos idosos durante a internação no hospital por meio de atividades recreativas como jogos, leituras, entre outras. No entanto, durante a pandemia de Covid-19 as ações no hospital tiveram que ser interrompidas e, por isso, o projeto decidiu estender suas atividades para as Instituições de Longa Permanência (ILPIs) como uma maneira de continuar contribuindo com o bem-estar dos idosos. E uma das ações foi fazer um convite à comunidade para escrever cartas de incentivo, conforto emocional, expressões de amor e solidariedade aos idosos institucionalizados."

DESAFIOS IMPOSTOS À PÓS-GRADUAÇÃO DIANTE DA PANDEMIA

Sobre as atividades de pesquisa, por incentivo público, foram destinados para o país recursos que contribuem com novos métodos de diagnóstico, tratamento e interrupção da transmissão relacionados ao combate da Covid-19. A iniciativa engloba pesquisas relacionadas à história natural da doença; desenvolvimento e avaliação de testes, de alternativas terapêuticas e vacinas; avaliação da atenção à saúde nos três níveis de complexidade frente à epidemia; uso de equipamentos de proteção individual nas ações de prevenção, controle e manejo; adesão e cumprimento das medidas de prevenção e controle, gestão de serviços na pandemia, entre outros temas relacionados à doença. As linhas de pesquisa foram definidas a partir de diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), alinhadas às prioridades nacionais em discussão entre o Ministério da Saúde e especialistas de todo o país, considerando a necessidade de resposta rápida e investimentos em estudos mais

promissores[15]. Nossos docentes e pesquisadores responderam a esta demanda e submeteram diversos projetos pleiteando subsídios para a realização dos seus estudos, tendo como compromisso responder com ciência no enfrentamento desta pandemia (Quadro 1).

Quadro 1. Projetos de pesquisa elaborados durante a pandemia na EPE-UNIFESP

Projeto de pesquisa	Nível
A prática do aleitamento materno na pandemia do Covid-19	Graduação
Aconselhamento telefônico de enfermagem para pacientes com câncer e a evolução destes na pandemia Covid-19: estudo retrospectivo	Pós-graduação
Análise da efetividade de mensagens de texto na adesão do uso de máscaras e distanciamento social em tempos de pandemia	Pós-graduação
Análise e perfil da dor lombar em profissionais do âmbito hospitalar na época da pandemia Covid-19	Pós-graduação
Aspectos emocionais e sociais de profissionais da saúde em quarentena por suspeita ou confirmação de infecção por Covid-19	Pós-graduação
Associação de sinais de alerta precoces com as categorias da classificação de risco de pacientes com suspeita ou confirmação de Covid-19 atendidos no serviço de emergência	Graduação
Avaliação da qualidade de vida dos sobreviventes de sepse por Covid-19 em um hospital terciário	Pós-graduação
Avaliação das alterações bioquímicas e o prognóstico dos pacientes com Covid-19 utilizando as cadeias de Markov	Pós-graduação
Avaliação de Equipamentos de Proteção Individual para profissionais de Saúde: Revisões Sistemáticas	Pós-graduação
Avaliação do cuidado de enfermagem a pacientes com Covid-19 em hospitais universitários brasileiros	Pós-graduação
Conhecimento, atitudes e prática de pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico durante a pandemia Covid-19	Graduação
Criação de um centro multidisciplinar de desenvolvimento, prototipagem, otimização e validação de equipamentos de proteção individual para sustentabilidade e segurança na saúde	Pós-graduação
Cuidado Multiprofissional em pacientes com Covid-19	Graduação
Evidências de validade dos resultados de enfermagem em resposta à ventilação mecânica: adulto e resposta ao desmame da ventilação mecânica: adulto da classificação dos resultados de enfermagem em pacientes em estado crítico por Covid-19	Pós-graduação

Projeto de pesquisa	Nível
Evolução da prevalência da infecção do Covid-19 em gestantes: inquéritos sorológicos seriados	Pós-graduação
Higiene oral em pacientes sob ventilação mecânica validação de protocolo	Pós-graduação
Infecção pelo vírus SARS-Cov-2 em transplantados renais: vigilância em saúde, *screening* e fatores de risco associados	Pós-graduação
Lesão Renal Aguda pelo vírus SARS-Cov-2 em pacientes com Covid-19: Revisão Integrativa	Pós-graduação
Orientação de alta por aconselhamento telefônico em pacientes com doenças cardiovasculares - alerta para prevenção Covid-19	Graduação
Orientação de manutenção de estabilidade para RNI por aconselhamento telefônico em pacientes em uso de varfarina e prevenção de Covid-19	Graduação
Práticas e percepções de profissionais da oncologia na pandemia da Covid-19	Graduação
Prevenção de sintomas e lesões osteomusculares em profissionais de saúde durante a pandemia da covid-19: elaboração e validação de uma planilha	Pós-graduação
Recomendações da RCP em paciente com Covid-19	Pós-graduação
Saúde materno-infantil entre mulheres infectadas por Covid-19 no período perinatal/*Maternal and infant health among perinatal women infected by Covid-19*	Pós-graduação
Saúde mental de profissionais de enfermagem do Brasil durante a pandemia da Covid-19: estudo transversal	Pós-graduação
Saúde mental de profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da Covid-19: estudo transversal	Pós-graduação
Utilização do modelo "cadeias de Markov" nas alterações bioquímicas dos pacientes com Covid-19	Pós-graduação

DESAFIOS IMPOSTOS À GESTÃO DIANTE DA PANDEMIA

A EPE frente ao cenário apresentado se mobilizou, e no cumprimento da sua função gerencial implementou, em parceria com as áreas de liderança da Universidade Federal de São Paulo (Pró-Reitoria de Administração e

Gestão com Pessoas), o processo de trabalho remoto para os seus Servidores Docentes e Técnicos Administrativos. Foram realizadas escalas de trabalho que permitiram flexibilizar a linha operacional, tática e estratégica da Instituição. Docentes e Técnicos Administrativos em Educação, que não faziam parte do grupo de risco (profissionais acima de 60 anos, hipertensos, asmáticos, diabéticos e fumantes), participaram das atividades extensionistas programadas, bem como o estágio curricular supervisionado para os estudantes da 4ª série do Curso de Graduação de Bacharel em Enfermagem e com atividades domiciliares especiais com as três outras séries. As atividades acadêmicas da pós-graduação *stricto sensu* foram mantidas de forma remota. A equipe operacional foi dividida de modo que propiciou que todas as atividades administrativas ocorressem normalmente. Importantes medidas de segurança sanitária, físicas e eletrônicas, foram inclusas como procedimento operacional padrão em meio à pandemia. Fisicamente, a administração da Escola Paulista de Enfermagem aderiu ao uso obrigatório de máscara nas dependências da Unidade Universitária e foram instaladas barreiras de proteção na recepção e faixas de sinalização que pedem o distanciamento de 1,5 m de indivíduo para indivíduo. *Dispensers* de álcool em gel foram instalados e houve aumento considerável relacionado ao número de vezes que as áreas comuns foram higienizadas, bem como a mensuração da temperatura individual de quem utiliza as dependências da Escola. É fato que a Diretoria da EPE- UNIFESP enfrentou inúmeros desafios na condução dos seus processos de trabalho, todavia os métodos emergenciais chamados de "gestão de crise" adotados permitiram que minimamente a estrutura organizacional fosse mantida com o objetivo de garantir a condução dos processos de trabalho.

Na assistência, medidas importantes foram potencializadas para garantir a segurança dos profissionais e estudantes e ampliar a dinâmica alinhada ao relacionamento e integração das equipes. O que já era uma constância na prática profissional e estudantil tornou-se indispensável e fundamental para o exercício do cuidar. Os envolvidos nas atividades do Hospital São Paulo/Hospital Universitário (HSP/HU) e ambulatórios, vinculados à EPE-UNIFESP, realizaram treinamentos presenciais e à distância, que tiveram como objetivo capacitar os enfermeiros e técnicos de enfermagem contratados pelo HSP/HU da UNIFESP emergencialmente para assistir aos pacientes com a Covid-19.

A EPE-UNIFESP, a partir do cenário apresentado, implementou inúmeras iniciativas para viabilizar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão e assistência já programadas. Para orientar a

comunidade estudantil, as famílias dos estudantes e colaboradores, os grupos interligados e profissionais da saúde, em especial os da área de enfermagem, os departamentos que compõem a EPE-UNIFESP construíram documentos digitais (fluxogramas, histórias em quadrinhos, cartazes educativos, entre outros), mobilizaram os estudantes para a realização da campanha de vacinação contra o vírus Influenza [H1N1 e H2N3]) para idosos, pessoas em condições especiais e militares, estimularam e implementaram treinamentos específicos para os profissionais que se mantiveram ativos durante a pandemia em suas atividades assistenciais, em especial aos auxiliares, técnicos e enfermeiros, do Hospital Universitário ligado à EPE-UNIFESP, além de fomentar importantes pesquisas em parceria com instituições governamentais, sob incentivo público, para contribuir com o desenvolvimento de novas descobertas durante o período de isolamento social e pico das transmissão do vírus SARS-Cov-2. Cabe ressaltar a campanha realizada para a doação dos equipamentos de proteção individual, bem como o fornecimento dos utensílios pelo HU/HSP – UNIFESP.

A pandemia do COVID-19 tem ressaltado de maneira comovente o papel essencial que enfermeiras, enfermeiros e outros profissionais de saúde desempenham para proteger a saúde das pessoas e salvar vidas. Um novo relatório da OMS, intitulado *The State of the World's Nursing* 2020 (O Estado da Enfermagem no Mundo 2020), pede mais investimentos em educação, condições de trabalho e liderança para profissionais de enfermagem, fortalecendo suas contribuições aos sistemas de saúde[16]. Neste contexto muitas atividades ainda estão sendo previstas, mas com a certeza de que a contribuição social e o aprendizado adquirido no transcurso desta pandemia serão permanentes e imprimirão um novo modo de ser e fazer enfermagem na Escola Paulista de Enfermagem[17].

Referências

1. Chen N, Zhou M, Dong X, Qu J, Gong F, Han Y, Zhang L. Epidemiological and clinical characteristics of 99 cases of 2019 novel coronavirus pneumonia in Wuhan, China: A descriptive study. Lancet. 2020;395(10223):507-13.
2. Covid-19 Coronavirus pandemic [last update September 11]. [Internet]. [cited 2020 Sep 11]. Acessado em: https://www.worldometers.info/coronavirus/
3. World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-2019): Situation reports [Internet]. Genève: WHO; 2020. [cited 2020 Sep 11]. Acessado em: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports/

4. Oliveira WK, Duarte E, França GVA, Garcia LP. Como o Brasil pode deter a COVID-19. Epidemiol. Serv Saúde. 2020;29(2);e2020044.

5. World Health Organization (WHO). Coronavirus disease 2019 (COVID-19). Situation Report – 66 [Internet]. Genève: WHO; 2020. [cited 2020 Sep 11]. Acessado em: https://www.who.int/docs/default- source/coronaviruse/situation-reports/20200326-sitrep-66-covid-19.pdf?sfvrsn=81b94e61_2.

6. Dewart G, Corcoran L, Thirsk L, Petrovic K. Nursing education in a pandemic: Academic challenges in response to COVID-19. Nurse Educ Today. 2020;92:104471.

7. Bezerra IM. State of the art of nursing education and the challenges to use remote technologies in the time of corona virus pandemic. J Hum Growth Dev. 2020; 30(1):141-7.

8. American Association of Colleges of Nursing (AACN). Considerations or COVID-19 preparedness and response in U.S. Schools of Nursing. Washington: AACN; 2020. [cited 2020 Sep 11]. Acessado em: https://www.aacnnursing.org/Portals/42/AcademicNursing/pdf/Considerations-for-COVID19-Nursing-School s.pdf

9. World Health Organization (WHO). State of the world's nursing. Investing in education, jobs and leadership. Genève: WHO; 2020.

10. World Health Organization (WHO). Year of the nurse and the midwife 2020 [Internet]. Genève: www.who.int/news-room/campaigns/year-of-the-nurse- and-the-midwife-2020

11. Sherifali D. The Year of the Nurse, Florence Nightingale and COVID-19: Reflections from social isolation. Can J Diabetes. 2020;44(4):293-24.

12. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Senado Federal, 1988.

13. Brasil, Leis, Decretos. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [Internet]. Brasília (DF): Presidência da República; 1996, art. 52. [citado 2020 Abr 21]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

14. Hennington ÉA. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. Cad Saúde Pública, 2005;21(1):256-65.

15. Siqueira SM, Jesus VS, Santos EN, Whitaker MC, Sousa BV, Camargo CL. Extension activities, health promotion and sustainable development: the experience of a nursing research group. Esc Anna Nery. 2017;21(1):e20170021.

16. Organização Mundial da Saúde (OMS). Em meio à pandemia de COVID-19, novo relatório da OMS pede investimento urgente em profissionais de enfermagem [Internet]. Brasília (DF): OMS; 2020. [citado 2020 Jul 17]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6139:em-meio-a-pandemia-de-covid-19-novo-relatorio-da-oms-pede-investimento-urgente-em-profissionais-de-enfermagem&Itemid=812.

17. Schirmer J, Balsanelli AP. Estratégias de enfrentamento durante a pandemia da COVID-19 em uma instituição de ensino superior de Enfermagem. Acta Paul Enferm. 2020 [No prelo].

SEÇÃO 2

EPM

Capítulo 8

Orgulho da Nossa Escola Paulista de Medicina

Certezas e Incertezas/Erros e Acertos

e anoel) boão) Satiõta) Taõtello Girão

Mesmo podendo incorrer no erro de ser repetitivo, importante pontuar nossas angústias nos momentos iniciais, pois foram dias especialmente difíceis. Estávamos frente a frente com uma nova doença, um vírus desconhecido do qual não se tinha informação sobre sua epidemiologia, gravidade, frequência e transmissibilidade. No imaginário coletivo parecia que ao encostar numa maçaneta seriamos devorados por esse famigerado vírus. Alguns de nós usavam álcool gel até na cabeça ou sequer sentavam em locais coletivos pelo medo de serem contaminados.

As evidências surgiam em grande quantidade mas com baixa qualidade científica e métodos discutíveis. Vários arautos do conhecimento duvidoso surgiam a cada momento com afirmações, propondo conclusões como se fossem os únicos a perceberem algo que mais ninguém tinha visto até então. Tínhamos assim, de uma hora para outra, vários potenciais candidatos ao prêmio Nobel. Imaginem a angústia na mente de todos. Some-se a isto a falta de uma liderança forte,

capaz de organizar as informações e condutas das politicas de enfrentamento da pandemia.

Merece ainda o registro da completa insegurança que se instalou pela falta de equipamentos em nosso país, desde os EPI até os respiradores, demonstrando nossa fragilidade e completa dependência de fornecedores de outros países.

Os dias foram se passando com melhora gradativa do conhecimento, mas um avançar lento, quase agônico. Ao mesmo tempo surgiram questionamentos importantes, como dúvidas a respeito da manutenção da imunidade dos convalescentes. Dados iniciais apontavam para uma redução de até 50% na quantidade de anticorpos circulantes a cada 30 dias, fato este que levou a conclusões prematuras sobre a perda da imunidade.

Mesmo a esperança nas vacinas (saliente-se que começaram na nossa Escola Paulista de Medicina os primeiros testes clínicos com uma das várias vacinas em construção) trouxe dúvidas e angústia. A vacina seria segura (pois aparentemente várias etapas de desenvolvimento estavam sendo desprezadas), a imunidade seria permanente, caso ocorresse uma infecção, esta seria mais leve?

Ao completar os 100 dias de pandemia algumas perguntas permaneceram sem respostas. Por que o quadro clínico tem esse tipo de distribuição: enquanto alguns perecem pelo caminho, a maioria segue assintomática?

Uma preocupação surgiu neste momento após 100 dias. Gradativamente a intensa rotina e o cansaço cobravam seu preço, as equipes assistenciais começavam a dar nítidos sinais de fadiga. Como manter o moral, o ânimo de todos e ao mesmo tempo estimular as demais áreas de atuação de uma Escola Médica?

Assim surgiu a ideia de elaborarmos um Congresso da Escola Paulista de Medicina, uma forma de desenvolver uma das atividades essenciais de uma Escola Médica, qual seja organizar e divulgar o conhecimento de forma ética, ordenada e eficiente. Rapidamente a comunidade epemista se engajou, demonstrando excepcional coesão e capacidade. O efeito benéfico do evento surgiu já durante sua elaboração, onde todos os departamentos acadêmicos e de gestão participaram com energia. Surgiu então o Congresso da Escola Paulista de Medicina, batizado de *Webhall* EPM, abrindo um novo horizonte para os nossos eventos. Um modelo novo *online* que nos parece ter vindo para ficar e passar a modular os futuros eventos médicos.

Passaremos a descrever as experiências de nossa instituição ordenadas como segue:

- graduação
- residência
- pesquisa
- Brain Coin
- voluntariado

Capítulo 9

Graduação Epm: Curso de Medicina Durante a Pandemia

Rˆ cio)Flávio)l ei©eira)Góiõ

Em 11 de março de 2020 a OMS confirma que a infecção por SARS-Cov-2 é uma pandemia e isto gera inúmeras mudanças no mundo e em especial no Brasil.

As mudanças geradas pelo Covid na saúde, educação, relações sociais e economia são muitos marcantes e com certeza o mundo será outro após a pandemia do Covid.

No Brasil a situação não foi diferente de outros países, em especial o estado e a cidade de São Paulo, que foi um dos epicentros durante a pandemia no Brasil.

O Brasil se preparou desde janeiro para a chegada da infecção, mas mesmo com a preparação, as mudanças são muito radicais, o isolamento social vem para mudar em muito as relações humanas. A forma como o sistema de saúde passa a se organizar veio realmente para nos fazer repensar a relação da saúde e da educação com a sociedade.

Durante a pandemia saímos como uma certeza clara, a importância e o real valor do SUS (Sistema Único de Saúde) para o nosso país, outro legado que fica pós-pandemia é a valorização da imagem do profissional de saúde, que estava muito desgastada. Os profissionais de linha de frente no atendimento passam a ser protagonistas desse atendimento, junto com os profissionais da terapia intensiva.

A equipe de saúde se adapta a um novo tipo de atendimento com EPI (equipamentos de proteção individual), para se proteger, e este novo

modelo se estende ao uso de máscaras e distanciamento social.

Podemos afirmar que a pandemia por SARS-Cov-2 promoveu a mudança mais radical que temos no mundo desde a Segunda Guerra Mundial e essas alterações vieram para mudar as relações humanas com o mundo em todas as instâncias. Neste capítulo falamos sobre a história e as mudanças do Curso de Medicina durante a pandemia.

A HISTÓRIA DO CURSO DE MEDICINA

Durante a pandemia eu, Aécio Góis, estou no meu quarto ano de mandato na coordenação do curso de Medicina, já me preparando para o término de gestão, e não estava esperando que tantas mudanças ocorressem no ano de 2020, mudando para sempre a nossa forma de ensinar.

A pandemia chegou forte e a cidade de São Paulo se tornou um dos grandes epicentros no Brasil. No dia 16 de março foi decidido pela suspensão das atividades presenciais educacionais na cidade de São Paulo, neste dia nos reunimos na comissão do curso médico e decidimos suspender as atividades do 1º ao 4º ano e nos preparamos para atividades *online* à distância em 10 dias.

A princípio íamos manter as atividades do internato, mas em 48 horas avaliando a situação da pandemia, a segurança dos alunos e a necessidade das EPI para a linha de frente, optamos pela suspensão do internato e por reavaliar um momento mais seguro para o retorno das atividades presenciais.

Mas uma certeza nós tínhamos, e estimulados pelo nosso diretor da Escola Paulista de Medicina, Prof. Manoel Girão, começamos a preparação para nossa atividade *online* para o curso de medicina e criamos o Projeto Voluntariado, encabeçado pelos estudantes de medicina e alguns docentes da EPM-UNIFESP (professores Girão, Aécio, Emília, João Alessio, Luso e depois vários outros docentes) e com participação dos nossos alunos (inicialmente liderado pelos nossos alunos do sexto ano - Natalia Borges e Camila Matuizzi - e do quinto ano - Daniela e Vitor - fizemos um projeto que chegou à participação de 288 alunos, que trabalharam em inúmeras frentes de assistência e educação, que fez e deu muito sentido aos alunos e docentes durante a pandemia.

O voluntariado será descrito nesse livro com mais detalhes em outro capítulo.

A preparação para as atividades *online* foi uma iniciativa do curso de Medicina, que se preparou em 10 dias para se adaptar a essa nova realidade. No começo e como num processo de aprendizado, passamos a aprender e a utilizar plataformas digitais que não faziam tanta parte do nosso curso de Medicina como escola médica tradicional.

Logo o Google meeting, o Zoom e o Google Classroom passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Ficamos cerca de 2 semanas sem atividades até serem suspensas pela Pró-Reitoria de Graduação. Tivemos um grande aprendizado nesse período, pois fazer aulas à distância não é simplesmente transpor a atividade presencial para *online*.

Um grande problema enfrentado foi o processo da inclusão digital.

Durante a pandemia criamos optativas interprofissionais, o voluntariado floresceu como uma atividade importante para os nossos discentes e conseguimos nos organizar para termos EPI para o retorno das atividades do nosso internato de medicina.

INCERTEZAS E CONFLITOS

Durante a pandemia as verdades eram muito transitórias nas nossas decisões. As pessoas se isolaram, a ansiedade e a angústia aumentavam em todos nós. O governo brasileiro cria um projeto: o "Brasil Conte Comigo", que a princípio obrigava todo estudante de escola federal e privada do país a se inscrever para trabalhar em pontos de atendimentos em pacientes com Covid. As incertezas e mudanças de normas geraram conflitos, pelas incertezas da Lei. O projeto termina sendo menor do que se imaginava. A ação ao Covid fica sendo realizada por médicos jovens e residentes, já que se normatiza que profissionais de saúde com mais de 60 anos devem se afastar do atendimento. Outra lei implementada pelo governo, com base num modelo inglês, sugere que todos os alunos com mais de 75% do internato cumprido podem se formar. Como somos um curso anual, tínhamos apenas 3% dos alunos que se enquadravam nessa situação e que colaram grau.

Organizamo-nos para equidade e inclusão digital, preparamo-nos para o retorno presencial e graças a uma ação vitoriosa do voluntariado tínhamos EPI suficiente para nossos alunos.

Estamos no final de julho e preparando-nos para uma retomada do quinto ano de Medicina em agosto e as presenciais do segundo ao quarto ano a partir do mês de novembro. Neste momento trabalhamos em parceria com o *Campus* São Paulo e a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) para que as políticas de permanência e a alimentação num preço mais justo sejam garantidas aos alunos no seu retorno às atividades presenciais.

VULNERABILIDADE: FINANCEIRA E EMOCIONAL

Durante a pandemia as diferenças sociais e a situação monetária dos nossos alunos ficaram mais evidentes, muitos passaram a ter mais dificuldade e tiveram que auxiliar a família na renda, e isso dificultaria em muito o acompanhamento das aulas, principalmente as síncronas.

Foi estabelecido, para facilitar, que todas as atividades síncronas fossem gravadas e que os alunos tivessem oportunidade de fazer as avaliações de forma assíncrona. Auxiliamos as dificuldades familiares para inclusão digital com a doação de *chips* e *notebooks*.

A vulnerabilidade emocional foi algo marcante e que se exacerbou durante a pandemia. Tivemos apoio do Departamento de Psiquiatria, com alguns atendimentos e várias ações do voluntariado, que fizeram com que docentes e discentes se sentissem parte do processo através de inúmeras ações de prevenção e tratamento de problemas de saúde mental.

O INTERNATO

O internato do curso médico é um momento muito especial na formação do profissional. Durante a pandemia suspendemos o internato no dia 18 de março e retornamos no dia 18 de maio para o sexto ano e no dia 17 de agosto para o quinto ano.

As principais aflições para o sexto ano eram os EPI, risco de contaminação das famílias e cenários esvaziados, já que a procura pelos hospitais diminuiu muito durante os primeiros meses da pandemia. Nosso hospital era parte Covid e parte não Covid.

O sexto ano volta com toda a garantia de EPI e com treinamento adequado para o uso de EPI e até o mês de agosto tínhamos 7,5% dos alunos do sexto positivos para Covid (com formas leves da doença) que se contaminaram em estágios com menor exposição ao Covid. Tivemos que manter algumas adaptações ao curso médico e internato. Mantivemos as atividades teóricas *online* e recomendamos simulações em grupos menores com distanciamento entre os alunos e uso de EPI.

Alguns conteúdos passaram a ser prioritários no internato, como uso de sedativos, drogas vasoativas e ventilação mecânica.

Ao longo dos estágios, o número de pacientes não Covid aumentou nos mais diversos cenários e as competências necessárias para os estágios foram atingidas.

O grande problema que tínhamos no quinto ano era falta de pacientes ambulatoriais e a superlotação dos ambulatórios entre alunos e residentes. Esperamos atingir todos os objetivos nos nossos estágios do quinto ano, estamos escrevendo este capítulo antes desse retorno. Vários aspectos de logística de transporte e alimentação foram exaustivamente discutidos entre as instâncias da Universidade e os colegiados do curso de Medicina para proporcionar um retorno às atividades de forma inclusiva e democrática.

O FUTURO DO CURSO MÉDICO

A pandemia pelo Covid veio para fazer uma mudança radical no mundo. Em especial nos cursos de graduação, duas mudanças e reflexões são bem importantes. Tivemos uma verdadeira revolução tecnológica com o uso de novas ferramentas e atividades à distância, entendemos e aprendemos que muitas atividades não precisam ser presenciais.

A otimização do tempo e do que é realmente necessário para ser ensinado deverá permear as mudanças curriculares. O que realmente o nosso egresso precisa saber para se tornar médico?

Devemos partir para uma reforma curricular em 2021, mas é muito importante que a forma de pensar e se relacionar com os discentes mude. Precisamos utilizar os princípios de medicina baseada em evidências ao longo do curso. Precisamos otimizar os princípios do CANMEDS como nunca: trabalhar em equipe, comunicar-se bem, os princípios de profissionalismo, que nossos alunos aprendam a tomar decisão de uma

forma probabilística e levar sempre em consideração a segurança do paciente.

É necessário otimizar a simulação para que os princípios de segurança sejam sempre otimizados. Vislumbramos um novo currículo mais focado no papel do egresso e do mercado, com trajetórias desenhadas pelos alunos por meio de disciplinas eletivas, assuntos mais relevantes na discussão e otimização de vivências práticas, priorizando as tomadas de decisão com os melhores princípios da ciência.

Vamos tentar construir uma nova história no curso de Medicina da EPM, priorizando a qualidade e a excelência que norteiam o nosso curso de Medicina desde a sua criação.

Gostaria de terminar esse capítulo com um trecho do livro Kafka à beira do mar, do Haruki Murakami:

> "E quando a tempestade tiver passado,
> Mal te lembrarás de ter
> Conseguido atravessá-la
> De ter conseguido sobreviver.
> Nem sequer terás a certeza de a
> Tormenta ter realmente chegado ao fim
> Mas uma coisa é certa.
> Quando saíres da tempestade já
> Não serás a mesma pessoa
> Exatamente esse é o sentido da TEMPESTADE"

Capítulo 10

Evitando o Colapso com Planejamento e Generosidade

Rluiõio) e arçal) áe) Sarroõ keroáio

Oito de abril de 2020. Há exatos 67 dias o mundo entrava oficialmente numa emergência em saúde pública. No Brasil, ainda que tivessem declarado estado de calamidade pública quase simultaneamente, as diferentes esferas de governo falhavam miseravelmente em sua obrigação de unir o país para a travessia do maior problema sanitário dos últimos 100 anos. Àquela altura uma epidemia de síndrome respiratória aguda grave causada por um novo coronavírus se alastrava pelos cinco continentes: era a pandemia da Covid-19.

O impacto da pandemia sobre todos os âmbitos da convivência já era enorme. O distanciamento social, medida clássica e indispensável no enfrentamento de epidemias transmitidas por via respiratória, rompia as rotinas. O mundo do trabalho passava a funcionar de maneira precária, algumas atividades estavam completamente proscritas, escolas e parques estavam fechados, netos e avós não podiam lambuzar-se de carinhos. Desconforto e preocupação transmutavam-se em temor desbragado com notícias como a de cadáveres sendo mantidos sobre a superfície congelada de um rinque de patinação em Madri, um cenário que, poucos meses antes, só poderia ser vislumbrado em filmes-catástrofe de segunda linha.

Vivíamos a fase de expansão acelerada da epidemia. Mesmo inundados por incertezas epidemiológicas e econômicas, sobejavam diagnósticos e recomendações tão convictos quanto simplórios e

equivocados que, por óbvio, sequer tangenciavam a complexidade do problema. Sujeitos que, até o início do ano, seriam incapazes de definir o que é uma epidemia, apresentavam-se como "especialistas", promovendo desinformação e, como consequência, pânico ou indiferença. Graças à escassez de evidências científicas robustas, os estudiosos da infectologia, da epidemiologia e da economia conseguiam oferecer, na melhor e mais sincera das hipóteses, recomendações prudentes.

Essa era a atmosfera no início de abril. Foi quando recebi mensagem de um colega da Medicina de Urgência, relatando as dificuldades de uma decisão sobre encaminhar ou não uma paciente à UTI. Segundo este colega, as dificuldades eram inerentes ao próprio quadro clínico, que abrangia o perfil da paciente e seu prognóstico. Competente, a equipe do PS já havia encontrado uma solução considerada apropriada por todos, paciente, familiares e profissionais de saúde. O colega receava, entretanto, que decisões como aquela seriam ainda mais complicadas se tivessem a necessidade de considerar outra variável, cujo surgimento parecia iminente: o esgotamento dos leitos de UTI do hospital.

Uma vez que os serviços de saúde representam o setor social onde o impacto da pandemia é mais evidente, todos que atuamos no campo da Bioética, que é um espaço multidisciplinar para a discussão de problemas éticos relacionados à saúde e às ciências da vida, sabíamos que o enfrentamento da alocação de recursos escassos seria incontornável. Informações chegadas de alguns países onde a transmissão comunitária do SARS-Cov-2 se instalara antes do Brasil eram assustadoras. Em Milão, Madri, Paris, Londres e Nova York, metrópoles tão gigantescas e cosmopolitas como São Paulo, durante o célebre e imprevisível pico da epidemia, um grande número de serviços de saúde entrou em colapso. Dada a realidade médico-sanitária brasileira, seria muito provável que a evolução da pandemia pressionasse o nosso Sistema Único de Saúde a ponto de levar ao colapso uma prestação de serviços que já era problemática.

Sequer seria preciso trabalhar com Bioética ou ser um profissional de saúde para se preocupar com o problema. Na medida em que a pandemia afeta difusamente a sociedade e que a saúde é um valor indispensável para a elaboração e a execução de qualquer projeto de vida, o assunto interessa a todos. Prova disso foi o alvoroço causado pela notícia de que, em algumas regiões da Itália, pacientes com mais de 80 anos não teriam acesso a leitos de UTI. Um familiar meu, que não trabalha com saúde e nunca se interessou por esse tipo de assunto, na ocasião me disse: "Vão

deixar os velhinhos morrer! Fiquei chorando meia hora depois que li esta notícia".

Sob essa aura de preocupação, um grupo de 15 profissionais passou a se reunir a fim de preparar um documento norteador para o fluxo de pacientes no Hospital São Paulo em situação de recursos limitados. Havia neste grupo de trabalho representantes do pronto-socorro, das enfermarias Covid-19, das UTI (adulto e pediátrica), dos Cuidados Paliativos, da Comissão de Ética Médica, do Comitê de Ética em Pesquisa, da Comissão de Residência Médica e do Centro de Bioética.

Nosso principal objetivo era elaborar um documento capaz de explicitar critérios colegiados para a alocação de recursos em um período de excepcionalidades. Em última análise, o que interessava era apoiar os profissionais da linha de frente na tomada de decisões delicadas e estressantes, uma vez que a lógica para o enfrentamento de crises de saúde pública tensiona a ética clínica. Nesta, a prioridade dos profissionais de saúde é zelar pelo bem-estar de cada paciente; naquela, a saúde coletiva é o foco principal. Tal mudança de foco representa um complexo desafio ético-profissional.

Na primeira reunião, no dia 14 de abril, a angústia partia do PS. A retaguarda estava cheia, muitos pacientes iam direto para a UTI, onde ainda não havia lotação completa, mas o tal pico da epidemia ainda não tinha sido atingido. O receio de que entrássemos em situação de esgotamento nos dias seguintes me lançou numa leitura frenética do material que havia selecionado sobre o assunto. Precipitadamente, passei a escrutinar protocolos de triagem para acesso às UTI, tanto os que tinham sido elaborados antes desta pandemia tendo como objeto epidemias de doenças respiratórias, como aqueles que tinham sido publicados nas últimas semanas na Europa, então o centro da pandemia.

No dia seguinte enviei uma proposta de protocolo aos integrantes do grupo de trabalho que, de maneira gentil e honesta, apontavam uma série de dúvidas e falhas. Na ânsia de colocar à disposição da linha de frente algo que pudesse auxiliá-los numa explosão da epidemia que poderia acontecer a qualquer momento, produzi um protocolo muito aquém do necessário. As razões eram óbvias: uma proposta como essa não pode ser produzida de um dia para o outro, e muito menos por uma única pessoa.

Ao longo das semanas seguintes, o grupo passou a trocar ideias diariamente, e fomos formando o esboço de um documento norteador, com justificativas, objetivos explícitos, levantamento da situação de recursos humanos, materiais e de estrutura do hospital, considerações

sobre segurança e respaldo normativo. Toda essa fundamentação se mostraria valiosíssima e indispensável para a escolha de ferramentas e a criação de um fluxo de triagem.

Além dos clássicos princípios gerais da ética biomédica (Não maleficência, Beneficência, Respeito à autonomia e Justiça), outros quatro princípios concretos e específicos balizaram a elaboração do documento: 1) maximização de benefícios; 2) recompensa do valor instrumental; 3) transparência e comunicação; e 4) tratamento equitativo de pacientes Covid e não Covid.

Enquanto explorávamos diferentes ferramentas de triagem e buscávamos respaldo legal e ético-profissional, genuínas discussões bioéticas eram conduzidas em nossos encontros virtuais. Previsivelmente, o primeiro problema enfrentado foi o da adoção, ou não, da idade como critério de exclusão. Alguns de nós entendiam que, especificando o princípio da maximização de benefícios nas metas de salvar mais vidas ou anos de vida e de dar a oportunidade de desfrutar os diferentes ciclos da vida, pacientes acima de determinada idade deveriam ser excluídos na situação de esgotamento dos recursos. Outros, baseados principalmente no enfoque dos direitos humanos, acreditavam que estabelecer um corte etário era injusto. A decisão consensual foi a de não adotar a idade como critério de exclusão, mas adaptar para a idade uma das ferramentas de triagem.

Foge do escopo deste texto a exploração de todos os pontos que foram objeto de discussão. Mas vale a pena comentar outro tópico que fez o grupo divergir: deveríamos, caso houvesse insuficiência de recursos e o prognóstico entre dois ou mais pacientes fosse idêntico, priorizar profissionais de saúde e de apoio que estavam na linha de frente? Parte do nosso grupo, evocando o princípio da recompensa do valor instrumental (sujeitos mais importantes para o combate à pandemia devem ser priorizados), entendia que sim. Outra parte do grupo, entretanto, ainda que compreendendo o valor daquele princípio, acreditava que tal priorização passaria uma impressão de corporativismo cujo esclarecimento seria excessivamente desgastante. Desta vez não houve consenso e, por maioria, decidimos não adotar a recompensa do valor instrumental como critério de desempate.

A partir de discussões como essas e de consultas a documentos que foram surgindo naqueles dias (como as recomendações da Associação de Medicina Intensiva Brasileira e do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, onde a epidemia tinha levado o sistema de saúde a uma

situação próxima do colapso), chegamos a uma proposta que foi objeto de preciosa colaboração analítica da Comissão de Ética Médica do Hospital São Paulo. Exatos 50 dias após o primeiro sinal de alarme dos integrantes da linha de frente, o Documento Norteador para o Fluxo de Pacientes no Hospital São Paulo durante a Pandemia da Covid-19 em Situação de Recursos Limitados foi aprovado pelas direções técnica e clínica do nosso hospital. Proporcionamos aos colegas da linha de frente um documento cuja utilização, todos torcíamos e continuamos torcendo, fosse desnecessária. Até o momento em que escrevo este texto, segundo as chefias do PS e das enfermarias, os instrumentos de triagem foram necessários uma única vez, logo após sua aprovação, no final de maio.

Mas o que permitiu que tivéssemos tempo para sair de um protocolo feito às pressas para um documento útil e razoável? Por que, apesar da progressão aritmética no número de pacientes atendidos pela nossa Unidade de Infecção Respiratória e internados nas nossas enfermarias e UTI, a prestação de serviços do Hospital São Paulo não entrou em colapso? Intuo: planejamento e generosidade.

Planejar é um dever, em especial no cenário de incertezas e constantes mudanças que caracteriza a pandemia da Covid-19. O planejamento permite antecipar os desafios e ajuda na busca de soluções eficazes. Em acordo com as autoridades de saúde, o Hospital São Paulo foi preparado para ser um um centro de referência preferencial para a Covid-19. Isto levou à adoção de estratégias como a separação de setores Covid-19 (ou coortes) e setores não Covid. Houve também um compromisso da direção do HSP com a ampliação do número de leitos coortes (UTI ou enfermaria) de acordo com a necessidade. Desde o início da pandemia, enfermarias e andares inteiros têm sido reorganizados para receber pacientes infectados pelo SARS-Cov-2. No dia 3 de junho, quando a ocupação dos leitos de UTI rondava os 90%, o HSP, com o apoio da iniciativa privada, abriu mais 31 leitos para pacientes críticos.

É importante lembrar que, passada a pandemia, o fluxo de pacientes que tiveram internações e cirurgias eletivas proteladas devem pressionar novamente o serviço. Esperamos que toda a eficiência de planejamento demonstrada ao longo dos últimos meses e os melhoramentos realizados para enfrentar a pandemia sejam decisivos para acolher e oferecer um cuidado apropriado a esses pacientes.

Mas planejamento é ideia e organização de recursos que só se torna realidade com o engajamento das pessoas. E, para surpresa de ninguém, também neste aspecto a Escola Paulista de Medicina demonstrou sua

tradicional competência. As equipes de engenharia reformaram setores inteiros em tempo recorde. Todo o pessoal de apoio, segurança, limpeza, cozinha, transporte, secretariado e burocracia se desdobrou para oferecer aos profissionais de saúde da linha de frente as melhores condições possíveis para uma navegação segura no oceano de preocupações e incertezas da pandemia. Fisioterapeutas, médicos, enfermeiros e seus auxiliares e assistentes; fossem residentes, contratados ou docentes, entregaram muito mais que a simples obrigação profissional. Todas essas pessoas, do funcionário menos graduado ao professor-doutor, deram aula de generosidade.

Generosidade... Na minha visão, a mais importante virtude para uma pessoa que trabalha na área da saúde. É a consciência da própria liberdade e a firme decisão de usá-la para ajudar os outros. Dentre os membros da comunidade epemista, nossos caçulas, os estudantes, destacaram-se num impressionante exemplo de cuidado com as pessoas. A partir do momento em que suas aulas foram suspensas, organizaram-se em rede, num voluntariado acadêmico multifacetado: elaboraram material de educação em saúde, foram às comunidades vizinhas em campanhas de vacinação e esclarecimento, orientaram pacientes por telefone, receberam e organizaram doações para o hospital e promoveram atividades de incentivo que emocionaram e motivaram nossa linha de frente.

No momento em que escrevo este texto somamos cerca de 70 mil óbitos pela Covid-19 em nosso país. Há uma aparente diminuição na incidência da doença no município de São Paulo, mas a reabertura de diferentes atividades ainda causa receio de uma nova onda de pressão sobre os serviços de saúde. A pandemia ainda não passou.

Mas vai passar. E quando isto acontecer, tenho a convicção de que olharemos para este período e sentiremos que honramos o nome da nossa Escola. Mais ainda: acredito que sairemos desta emergência em saúde pública estruturados e motivados para superarmos as inevitáveis dificuldades acadêmicas e assistenciais do "novo normal". E, como é também tradição da Escola Paulista de Medicina, iremos nos reencontrar e celebrar.

CAPÍTULO 11

A Residência Médica e a Pandemia pelo Covid-19

Ráaãmar)Rnáriolo
Fábio) neiãa) áe) Taõtro kparapani
Gabriel)Ruãuõto)dimone

O período de Residência Médica se constitui em um dos mais importantes momentos da formação do profissional médico, o qual se caracteriza pelo aprendizado em serviço. Isso significa que o médico, além de receber significativa carga de conhecimentos teóricos, tem a tarefa de elaborar raciocínios clínicos e realizar procedimentos cirúrgicos durante o atendimento a pacientes, sempre sob supervisão de preceptores especificamente designados para esta atividade.

Proporcionalmente, o tempo dedicado às atividades práticas é de duas a três vezes maior do que o destinado às atividades teóricas, o que faz com que a existência e manutenção de cenários nos quais o residente possa atuar presencialmente sejam de grande importância para que o aprendizado atinja o mais elevado nível de aproveitamento possível.

A doença provocada pelo SARS-Cov-2, um novo Coronavírus, denominada Covid-19, primeiramente descrita em final de dezembro de 2019, tornou-se um problema de saúde pública mundial ao atingir praticamente todos os continentes, já nos primeiros meses de 2020. No dia 11 de março a Organização Mundial da Saúde (OMS) a caracterizou como uma pandemia.

A Residência Médica no Brasil, tradicionalmente, tem início no primeiro dia do mês de março, e neste ano de 2020, já nos seus primeiros dias, sofreu o forte impacto da instalação da pandemia e das suas consequências nas rotinas preestabelecidas.

O estado de pandemia, especialmente causado por uma doença nova, condicionou a realização de mudanças radicais nos serviços e sistemas de atendimento à saúde do país e do mundo. Questões relativas às medidas protetivas visando o bloqueio da transmissão do agente etiológico, divergências quanto à eficiência dos métodos diagnósticos, propostas terapêuticas alternativas e experimentais, descrições de manifestações clínicas díspares contribuíram para que os primeiros meses de enfrentamento dessa doença gerassem uma verdadeira avalanche de informações, algumas vezes conflitantes, as quais foram publicadas pelas mais relevantes revistas científicas da área médica, algumas vezes sem os devidos cuidados de revisão e comprovação científica.

Estávamos frente a uma doença nova, cujo comportamento fisiopatológico estava sendo descoberto e descrito a cada dia. Alguns poucos conceitos ficaram claros desde o início. Além de nova, infecciosa e transmitida, principalmente, por fômites e secreções oronasais. Portanto, os procedimentos de higiene e proteção individuais se constituíam em recursos indispensáveis.

Conscientes do tamanho e da complexidade das dificuldades que a pandemia causaria na comunidade em geral e, em especial na população de potenciais pacientes a serem atendidos no Hospital São Paulo, a Diretoria da Escola Paulista de Medicina (EPM), por meio de seus Departamentos e a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM) pelo Hospital São Paulo, Hospital Universitário da Universidade Federal de São Paulo (HU/UNIFESP), mobilizaram-se integralmente no sentido de oferecer à sociedade todos os recursos possíveis para o atendimento ao maior número de pacientes possível, com as mais elevadas normas de qualidade e segurança.

De comum acordo, os responsáveis pelo desenvolvimento dos Programas de Residência Médica e os Chefes de Departamento decidiram que caberia aos residentes, inicialmente àqueles que já haviam recebido suficiente treinamento em Clínica Médica, a tarefa de realizar o atendimento dos pacientes com suspeita de serem portadores de Covid-19. Aos residentes de outras áreas, após treinamento específico, couberam as atividades de suporte, triagem e de tratamento das complicações mais afins com suas respectivas especialidades.

Esta atribuição fez com que todas as atividades práticas e teóricas previamente definidas em suas grades curriculares fossem alteradas, postergadas e, algumas, até suspensas. Estágios ambulatoriais foram restritos ao máximo, preservando somente o atendimento aos pacientes para os quais o acompanhamento era de importância fundamental, tais como os que estavam em regime de anticoagulação crônica, os portadores de neoplasias e os imunocomprometidos.

Logo de início se mostrou de fundamental importância preservar a saúde dos próprios residentes, excluindo da participação, na linha de frente, aqueles que apresentavam algum fator de risco mais relevante. Havia trabalho para todos, em razão das diferentes características do atendimento ao paciente com suspeita ou com diagnóstico firmado de Covid-19.

Tipicamente, muitos pacientes, após o primeiro atendimento, podiam ser orientados a retornar a seus lares, por apresentarem sintomatologia leve e estarem em condições clínicas compatíveis com essa conduta. Mas mesmo estes pacientes careciam de uma monitoração à distância, atividade esta realizada por acadêmicos do Curso Médico e pelos residentes que apresentavam alguma comorbidade ou alguma condição que limitasse sua participação na linha de frente.

Mesmo assumindo todos os procedimentos de segurança, treinamento e supervisão, pelo menos 63 dos nossos 1.147 residentes foram contaminados pelo SARS-Cov-2 em algum momento dos 5 meses iniciais da pandemia, precisando, portanto, ser afastados por algum tempo das atividades. Felizmente, entre eles não tivemos nenhum evento de maior gravidade.

Foram abertas enfermarias, salas de atendimento de emergência e unidades de tratamento intensivo específicas, dadas as necessidades de isolamento e medidas protetivas, tanto aos pacientes entre si quanto entre todos os profissionais de saúde envolvidos.

Mesmo nestes casos, a adoção das medidas extraordinárias de segurança individual preconizadas pelos sanitaristas resultou em grandes restrições às atividades práticas, seja em diversidade e quantidade de pacientes atendidos, resultando em redução significativa de oportunidades de treinamento prático aos residentes.

O isolamento dos pacientes atendidos e a implantação de novas rotinas foram amplamente discutidos e estabelecidos.

Considerando que o tempo de duração da pandemia era e permanece sendo indefinido, e mesmo as previsões mais otimistas sugerem que seja

um problema que perdurará por meses, foi levantada uma questão imediata: quanto da formação médica do residente teria sido afetada pela indisponibilidade de numerosos e importantes cenários de atividade prática? Como corolário a esta questão, outra se impôs: como minimizar eventuais perdas já ocorridas ou as que viessem a ocorrer ao longo do estado de exceção?

Resumidamente, podem ser referidos como prejuízos à formação do nosso residente médico durante a pandemia a perda de cenários e de práticas necessárias, o remanejamento de estágios no próprio complexo ou em outras instituições, inclusive no exterior. Com a finalidade de minimizar as perdas ocorridas durante os primeiros 5 meses da pandemia, período considerado de maior comprometimento das atividades rotineiras dos residentes, algumas medidas foram tomadas, como a reprogramação de estágios, redistribuição de atividades teóricas e de procedimentos práticos, sempre com a colaboração dos Departamentos da Escola e dos serviços do Hospital São Paulo.

Apesar de não terem ocorrido casos mais graves do ponto de vista físico entre os residentes, infelizmente, alguns deles perderam entes queridos ou amigos próximos, o que impactou negativamente no clima emocional e gerou um estresse psicológico adicional de difícil gerenciamento. Reconhecidamente, os estresses físico e mental aos quais os residentes foram submetidos atingiram níveis preocupantes e, em resposta a esta situação, a Instituição, sabiamente, promoveu a criação de novos serviços de atendimento psicológico, organizados especificamente para esta conjuntura. Os profissionais das áreas de saúde mental atuaram, algumas vezes de forma preventiva, no sentido de preservar a saúde mental não só dos residentes, o que contribuiu para a estabilização emocional de todos os integrantes da grande equipe de colaboradores envolvidos no atendimento aos pacientes e aos seus familiares.

Até este momento, ninguém imaginava que tão infausto evento pudesse trazer algum benefício, mas....

Algum benefício pôde ser observado em relação à transmissão de conhecimentos, especialmente os teóricos. As restrições de atividades presenciais foram forte estímulo para que novas tecnologias de ensino fossem implantadas. Videoconferências, aulas síncronas e assíncronas passaram a ser rotina na transmissão de conhecimentos, facilitando, em alguns casos, o acesso a temas e personagens os quais, em condições normais, dificilmente ocorreriam. Foi vencida a limitação temporal clássica que condicionava, quase exclusivamente, a atividades presenciais.

O próprio atendimento médico, respeitadas as limitações inerentes à relação médico-paciente, foram adaptadas, recebendo os benefícios dos recursos da informática, propiciando que o atendimento pudesse, de alguma forma válida, ter continuidade.

Especificamente em relação ao residente, um profissional em fase crítica de formação, um aspecto de fundamental importância foi revelado. Alguns dos residentes que foram contaminados, passando a ser pacientes, vivenciaram as mesmas agruras e angústias daqueles que, há poucos dias, estavam sob seus cuidados médicos. Esta experiência foi impactante, seguramente, marcou fundo na percepção de cada residente que adoeceu e mesmo de seus colegas que, com elevado espírito de equipe, acompanharam-nos durante todo o período de enfermidade.

Com certeza, a pandemia e todas as suas implicações médicas, sociais e humanas refletirão de forma intensa não só no presente, mas para toda a vida destes jovens médicos, moldando suas visões e posturas frente a arte de cuidar.

Capítulo 12

Braincoms: Memórias de um Congresso Acadêmico

Váuarão) j oáriãueõ) Taõtello Girão
duiÀ) Fernanão) Sello) Grell) áe e oraeõ

Os trabalhos para organização do *Braincoms* 2020 começaram em setembro de 2019 com a troca da presidência e seleção de um novo comitê. Desde o primeiro momento passamos por dificuldades para conseguir realizar o evento da forma que gostaríamos. Reformas na universidade, falta de espaço físico e alterações de políticas universitárias referentes à realização de eventos foram apenas alguns dos desafios iniciais que enfrentamos. No entanto, com grande esforço e dedicação da gestão, foram todos superados dentro de alguns meses.

Iniciamos o ano letivo de 2020 com o comitê completo, dividido em suas subáreas, um novo local e data definidos para a realização do evento e as burocracias para registro do congresso e elaboração do estatuto já encaminhadas. As três palestrantes internacionais, Dra. Denise Cardo, Professora Madalena Patrício e Dra. Marci Bowers já estavam confirmadas e iniciávamos o processo de compra das passagens. Todos os 23 *workshops* práticos estavam definidos e a maioria já estava confirmada. Quanto às atividades de sensibilização, também já havíamos confirmado dois dos três participantes do evento. Estávamos animados, felizes e determinados a fazer um congresso de excelência, superando todas as

expectativas, a despeito das notícias que já circulavam no mundo a respeito do novo coronavírus.

As inscrições do congresso foram abertas em 11 de fevereiro. A última reunião presencial do comitê organizador do *Braincoms* 2020 ocorreu no dia 13 de março. No dia seguinte foi publicado um comunicado suspendendo oficialmente as aulas da graduação a partir do dia 16 de março, por 2 semanas, com a possibilidade de prorrogação indefinida da volta. Foi difícil de acreditar que tudo que assistimos no mundo, agora, estava prestes a ocorrer no nosso país, mas continuamos com o planejamento do congresso na esperança de que a situação fosse controlada até agosto, data prevista para realização do evento.

A decisão de cancelar o congresso veio com um grande sentimento de medo, insegurança e tristeza que tomavam conta de todos nós da organização. Vimos todo o trabalho e esforço do comitê se perder no meio da enorme crise sanitária que assolava o país. Assim, diante do agravamento da pandemia, anunciamos oficialmente, no dia 24 de abril, o cancelamento do evento, momento em que 50 das 350 inscrições já haviam sido feitas.

Inconformados e movidos pelo sentimento de solidariedade, surgiu entre os alunos do comitê organizador a ideia de realizar um evento *on line*, o *WeBRAINCOMS*, com o objetivo de trazer informações relevantes e propor debates necessários sobre o novo coronavírus, além de contribuir com a arrecadação de doações para o Hospital São Paulo (HSP), que tanto necessitava ajuda naquele momento. Assim, no dia 17/05 divulgamos a realização do novo evento e abrimos as inscrições para o congresso. Em apenas 2 dias já havia mais de 6 mil inscritos e, com isso, aumentava a responsabilidade e o desejo de realizar um evento de excelência, como nunca visto na história do *Braincoms*.

Foram 2 meses de trabalho árduo, muito aprendizado e enormes desafios. Tivemos que mudar completamente o formato do evento, adequando-nos a uma nova realidade que se impunha. Estudamos ferramentas de planejamento, aprendemos a produzir conteúdos para as redes sociais, a editar vídeos, legendar, fazer transmissões *online*. Desenvolvemos um fluxo interno de produção extremamente estruturado, controlamos prazos, expandimos nossas parcerias para outros países e aumentamos a divulgação do evento de forma inédita. Os números de inscritos aumentavam vertiginosamente à medida que confirmávamos os novos palestrantes.

Em meio a um cenário caótico no mundo, encontramos uma forma de devolver à sociedade um pouco do conhecimento que acumulamos com os anos de faculdade. Além disso, juntos com outros projetos parceiros como o Voluntariado EPM, DoeHSP, GRAACC e Cruz Vermelha, integramos uma rede de solidariedade, estruturada na vontade de ajudar e fazer a diferença. À medida que crescíamos enquanto congresso, ganhando maior visibilidade e aumentando o número de participantes, crescíamos também enquanto seres humanos. Aprendemos que é possível fazer a diferença, impactar os outros, propor mudanças, contribuir para o crescimento coletivo e desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equânime. Percebemos o papel importante que cumprimos enquanto futuros profissionais da saúde e, mais ainda, enquanto cidadãos.

A experiência de organizar um evento internacional *online*, totalmente gratuito, bilíngue, com acessibilidade comunicativa e quase 27 mil inscritos de mais de 70 países diferentes, é um aprendizado para a vida. Não somos os mesmos estudantes de 2 meses atrás; o mundo não é o mesmo de 2 meses atrás. O senso de responsabilidade social, pertencimento e solidariedade consolida-se de forma irretratável em nós. Esperamos que, no mundo pós-pandemia, possamos no unir, não mais virtualmente, para construirmos juntos uma sociedade melhor, onde haja mais solidariedade, empatia, diálogo, respeito às diversidades de gênero, raça, religião, nacionalidade, condição socioeconômica, acesso à saúde e educação de qualidade e, principalmente, mais humanidade.

CAPÍTULO 13

Perenizando o Conhecimento: *Webhall* Epm – Em Tempos de Covid-19

Rrtçur)Rmaral)r enarái
ããor)Rãu õtini)r anin

Registrar aqui as memórias e os sentimentos sobre a pandemia de Covid-19 não é uma tarefa fácil: pensar sobre esse vírus cruel e traiçoeiro, que nos obrigou e ainda obriga a nos afastarmos de quem mais amamos e que impôs ao mundo uma nova forma de se viver, o "novo normal", ainda é difícil de ser aceito como realidade. Mas foi com muita honra e orgulho que recebemos o convite para deixar essa reflexão ao lado da comunidade Epemista, ou melhor, da família Epemista, que nos acolheu com um carinho surpreendente e nos deu a honra de conhecer e trabalhar ao lado de pessoas incríveis.

Com o peso desse convite em mãos, deixamos o prédio da Diretoria da Escola Paulista de Medicina. Descemos as escadas e, antes de sairmos pelo portão, olhamos para trás e pensamos por alguns instantes todos os passos que nos fizeram chegar ali. Foi um daqueles momentos que, em segundos, se passa uma vida na frente dos nossos olhos. No final desse turbilhão de momentos, ideias e emoções, lembramos da seguinte frase: "Arthur e equipe, acho que vocês ainda não têm noção da grandiosidade do evento que vocês ajudaram a viabilizar." - *Jaquelina Sonoe Ota-Arakaki*.

Para explicar como tivemos a honra de ouvir essa frase, voltamos para o começo do ano. Ainda nas comemorações de ano novo é dada a notícia

de que os Estados Unidos provocaram um conflito que poderia gerar uma Terceira Guerra Mundial. Longe de acreditar na real possibilidade desse conflito, colocamo-nos a pensar em como seria viver uma guerra de tamanha dimensão nos tempos de hoje. Qual seria a mudança que isso causaria no mundo? Será que nossa nação iria se envolver? Será que nós iríamos nos envolver?

No meio de tantas possibilidades, a imaginação nos leva a vários caminhos e, hoje, retomando todos esses pensamentos, vemos quão ingênua e fantasiosa nossa mente pode ser quando não temos uma base real de comparação. Com nossos quase 30 anos de vida, percebemos que estudar a história não nos dá a real dimensão do que é viver uma pandemia, nem mesmo uma guerra.

A comparação da pandemia com uma guerra é inevitável. O inimigo em comum ao mundo surgiu longe, por sorte o mais longe possível, mas vinha caminhando ferozmente e era iminente sua chegada até nossas fronteiras. Acompanhar o que acontecia com cada país nos deixava angustiados: se a situação era tão grave em países mais desenvolvidos, o que seria de nós?

Ainda longe de entender onde chegaríamos, março veio com a notícia do início dos casos no Brasil. Tão rápidas quanto o vírus, teriam que ser nossas decisões, e foi assim que, juntos, executamos nossa primeira estratégia: isolar nossa equipe em suas residências e trabalhar à distância. Não sabíamos ao certo o que essa decisão nos causaria ou por quanto tempo ela se estenderia, mas tínhamos a certeza de que o valor da vida está acima de qualquer outra escolha e, se temos a possibilidade do trabalho remoto, por que não o fazer?

Os dias passavam e o vírus avançava ferozmente, sem políticas nacionais para conter a pandemia, víamos nosso país estender o tapete vermelho para essa corrida. No espírito das Olimpíadas, que não puderam acontecer, o Brasil se destacava negativamente e parecia cada dia querer bater um novo recorde. Com toda essa velocidade e impacto, não demoraria para que os nomes virassem números e que, cada vez mais, nós conhecêssemos esses números, gerando o medo de que pessoas próximas entrassem nessa conta fúnebre estampada na TV todos os dias.

Junto das perdas e do medo, a recessão econômica que o isolamento nos traria, ainda que em segundo plano, era inevitável. Os primeiros 3 meses foram muito duros, com uma parada praticamente de 80% da nossa demanda. Resistimos até onde foi possível, mas a perda de clientes resultou em redução de espaço físico e de colaboradores queridos.

Abalados com o resultado do início dessa guerra, não restou outra opção a não ser a criatividade. Recolhemo-nos e olhamos para o cenário atual. Traçamos estratégias de onde nossa força poderia ser não só útil, mas valiosa nessa batalha. Não queríamos somente sobreviver, nossa vontade era de ajudar, fazer a diferença e somar.

E foi nesse cenário que surgiu o convite de realizar o *Webhall* EPM – Em Tempos de Covid-19. Como não poderia deixar de ser, o desafio era grande e o tempo era escasso. Da primeira reunião ao primeiro dia do congresso eram menos de 7 semanas. Com um início ainda nebuloso, a única certeza era que seriam 5 dias de eventos seguidos e ao vivo.

Como um dos nossos pontos fortes sempre foi a loucura, iniciamos o projeto no mesmo dia em que conheci os primeiros membros da família Epemista, com um único pedido: que pudéssemos trabalhar ao lado deles na construção integral desse projeto. E assim, fomos acolhidos e iniciamos uma nova fase nessa batalha.

Criamos diversas frentes de trabalho, que teriam que caminhar juntas para o sucesso dessa operação. Se por um lado estávamos trabalhando duro na construção visual e operacional, por outro, foi o apoio da frente cientifica o que nos deu a real dimensão de onde estávamos pisando.

Vimos então que, ao longo dos 5 dias de evento, teríamos mais de 100 salas, na maioria do tempo simultâneas. Tudo isso com o foco em registrar o conhecimento duramente adquirido pela Escola Paulista de Medicina, com todos os atendimentos realizados pelo Hospital São Paulo no enfrentamento à Covid-19, em seus diversos departamentos.

Todo esse processo, em que caminhamos ao lado de grandes nomes da EPM e de todo o trabalho do Hospital São Paulo, trouxe à tona uma realidade que ainda não havíamos vivido. E, mais que isso, aproximou-nos muito da linha de frente dessa batalha. Conhecer médicos e residentes e outros profissionais da saúde que lutavam a cada dia com todas suas forças para salvar as vidas que ali chegavam foi uma oportunidade única. Ver o amor pela profissão sendo realizado ao seu máximo nos inspirava cada dia a acordar ainda mais confiantes e animados para continuar na luta.

E assim essa batalha avançava, lutando dia a dia e lado a lado, chegando com o passar do tempo mais perto do nosso destino. As últimas semanas conseguiram ser mais intensas que as primeiras. Àquela altura já sabíamos que teríamos mais de 400 participantes, divididos entre palestrantes e moderadores, figurando entre eles um Ex-Presidente da República, dois Ex-Ministros da Saúde, um Ex-Ministro da Educação,

Secretários Estaduais e Municipais da Saúde de São Paulo, mais de 15 convidados internacionais e grandes nomes da Medicina nacional.

A grande semana chega e, junto a ela, reforços, pessoas maravilhosas que estiveram ao nosso lado a cada segundo. Juntos, dormimos pouco, sorrimos e choramos. Treinamos todos os participantes e fizemos um evento incrível, ao vivo e com pouquíssimos erros, tão pequenos que nem se fizeram perceptíveis perto do que foi realizado.

Hoje, após vivenciar essa batalha, trazemos conosco a sensação de dever cumprido e, talvez, tenhamos chegado perto de entender o que a Dra. Jaquelina quis nos dizer. A conclusão desse evento foi a realização de muitas coisas juntas. Conseguimos registrar boa parte de todo o conhecimento adquirido arduamente nessa batalha, o qual foi gratamente recebido por outros profissionais que há pouco começaram a enfrentar essa Pandemia. E o mais importante, deixamos claro, para nós mesmos, a força que a Família Epemista demonstra ao realizar um evento tão grandioso em tamanho e conhecimento, em tão pouco tempo, unindo todos os departamentos de um Hospital em plena crise mundial.

Queremos também registrar, entre os aprendizados que a Pandemia nos trouxe, o mais forte e que será para a vida toda: não importa o tamanho do desafio que você tem pela frente, se você tiver ao seu lado pessoas dispostas a se unirem, de coração aberto e com garra, nada é impossível. Agradecemos de coração a todos que estiveram juntos nessa batalha. Foi uma honra chegar até aqui e sei que juntos iremos longe, pois quem tem um amigo, tem tudo!

CAPÍTULO 14

Voluntariado

Daniela)e enáeõ)T çiloff
nictor)e uniÀ)áe)Freitaõ
f atália)Sorãeõ)T aráin
T amila)Siancçi)e atiuÀÀi
boão)RI ˆ õõio)buliano)herfeito
Vmilia)anoue)k ato
e arcuõ) niniciuõ) e alçeiroõ duÀo
e anoel) boão) Satiõta) T aõtello Girão
R ˆ cio)Flávio)l ei©eira)Góiõ

Marcada pelo avanço da Covid-19 no Brasil, a Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo decidiu pela suspensão temporária das atividades presenciais do curso internato em 18 de março de 2020. De imediato, surgiu entre os alunos o desejo de ajudar e participar ativamente no combate à doença. Entendíamos nosso papel perante a Escola, o Hospital e a formação médica e nos incomodava a possibilidade de permanecermos passivos diante de tudo.

A vontade de ajudar e participar no enfrentamento da doença encontrou terreno fértil e apoio irrestrito de professores e da direção da Escola. Foi o prelúdio do Voluntariado-EPM.

De início, priorizamos ações voltadas ao Hospital, com a urgente arrecadação de máscaras e recursos financeiros, possibilitando a

segurança dos profissionais do Hospital. A busca de equipamentos de proteção inovou e as iniciativas da Escola espalharam-se, ganhando corpo e formando verdadeira rede de solidariedade.

A intenção de ajudar ativamente no cuidado dos pacientes levou ao segundo grande projeto: o telemonitoramento dos pacientes atendidos com síndrome gripal na Unidade de Infecção Respiratória do Hospital São Paulo (UIR-HSP). Os alunos iniciaram o serviço de telemedicina e ampliaram o cuidado aos pacientes atendidos.

A ajuda entre os próprios alunos, residentes e professores da Escola foi outra preocupação imediata: nós e nossos colegas sofríamos os impactos do isolamento, física e mentalmente. Ampliar a atenção para os alunos e garantir seu bem-estar foi o início da segunda frente. O sentimento de família que marca todos os egressos desta Escola é a grande motriz do Voluntariado, e cuidar uns dos outros era um objetivo comum a todos os envolvidos.

Em pouco tempo, o projeto foi abraçado por mais de 12 professores e mais de 100 alunos do internato, passando a contar com o apoio institucional da EPM-UNIFESP. O crescimento do Voluntariado tornou outras ações igualmente necessárias: a comunidade local precisava ser abraçada pela instituição. Sabíamos que a pandemia agravaria as vulnerabilidades sociais e que o perigo da doença se multiplicaria. Tínhamos um dever de acolher a sociedade por meio da promoção de saúde física e mental e do auxílio de outras demandas locais.

Expandimos para todos os alunos de medicina da EPM, abrangendo do primeiro ao quarto ano. Essa inclusão tornou possível a criação e o crescimento de novos projetos, um engajamento geral dos alunos para com as necessidades da comunidade, da Escola e do HSP durante a pandemia, além de uma troca de conhecimento entre as diferentes turmas da graduação.

A partir das primeiras iniciativas, estruturou-se o Voluntariado em três grandes frentes: proteção e suporte aos profissionais do complexo Hospital São Paulo – Escola Paulista de Medicina; suporte à saúde física e mental dos alunos, médicos, funcionários e residentes da EPM/UNIFESP; acompanhamento, orientação e conscientização da comunidade local.

PROTEÇÃO E SUPORTE AOS PROFISSIONAIS DO COMPLEXO HOSPITAL SÃO PAULO – ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

As campanhas de arrecadação organizadas com o intuito original de prover equipamentos de proteção superaram as expectativas iniciais, atingindo valores da casa dos milhões. Tamanho feito garantiu a segurança de nossos profissionais e permitiu a abertura de novas enfermarias, reformas do pronto-socorro e a compra de equipamentos novos. O trabalho em rede envolveu, por exemplo, um grupo de costureiras que fabricaram milhares de aventais descartáveis a partir de doações feitas, permitindo à Escola ter seu próprio suprimento e não depender exclusivamente dos itens de fábrica.

Ao longo do tempo, diversos grupos aderiram à proposta e se mobilizaram com o mesmo objetivo. O grupo Nico *Runners*, formado por alunos, ex-alunos e afins corredores, promoveu uma maratona virtual de revezamento, na qual todo o valor das inscrições foi revertido ao hospital. O conjunto "Doutores do Samba", formado por ex-alunos da EPM, realizou um *show* que, além da grande soma arrecadada, uniu a comunidade epemista em torno da paixão pela Escola e pela Atlética. Outros parceiros foram fundamentais: a AmBev, pela produção de *face shields* com o apoio científico dos nossos professores; a campanha DoeJá, divulgada e apoiada pela UNIFESP; a campanha "equipar para salvar", criada por pessoas da comunidade com o desejo de ajudar o Hospital nesse momento difícil. Todas essas participações permitiram a proteção de nossos funcionários e o suporte ao Hospital São Paulo.

O apoio institucional da COLSAN foi fundamental, sem o qual boa parte das nossas ações não seriam possíveis. O uso de seu prédio próximo ao HSP como centro de doações e estoque, montado e organizado principalmente por voluntários, tornou-se o grande arsenal no combate ao coronavírus. O trabalho diário dos estudantes, recebendo, catalogando e organizando todas as doações em materiais, permitiu bom funcionamento e logística durante um momento tão delicado e marcado por desordem ao redor do mundo.

Além da entrega de EPI, foi preciso capacitar os médicos e residentes com a produção de materiais educativos. Vídeos e treinamentos de paramentação e desparamentação, intubação, simulação de via aérea difícil, realização de discussões e debates sobre luto e a percepção da relação médico-paciente. Essas ações mantiveram nossos colegas atualizados e preparados para o enfrentamento e colocaram a Escola na vanguarda, produzindo conhecimento.

O suporte aos funcionários, médicos e residentes gradualmente saiu da proteção física e avançou para o cuidado com a saúde mental da equipe. Doações de comida, vindas de restaurantes locais, de uma escola de panificação e de membros da comunidade foram o próximo passo no cuidado. Oferecer esse zelo a quem estava no *front*, sobrecarregado de trabalho e isolado do convívio social também era fundamental.

A culinária foi a solução encontrada para oferecer assistência a quem estava no hospital e saúde psíquica àqueles de casa. Nascia o Cozinha Solidária, projeto com participação da *chef* e apresentadora de TV Rita Lobo. Doações de bolos continham, em cada uma das centenas de pedaços, a preocupação com os nossos profissionais e o anseio de ajudar no momento de crise atual. O projeto Médicos na Cozinha, voltado ao bem-estar de médicos através da culinária, viabilizou a entrega de pães caseiros para o Hospital, além de um bate-papo sobre autocuidado e culinária.

O cuidado com os pacientes foi outra parte das ações envolvendo o HSP. O volume de pacientes atendidos diariamente pela Unidade de Infecção Respiratória e a necessidade de acompanhamento em mais de um momento originaram a ação de telemonitoramento realizada pelos alunos, acompanhados por professores da Escola. Mais de 3.000 atendimentos telefônicos foram feitos, promovendo o cuidado e evitando retornos desnecessários ao pronto-socorro.

SUPORTE À SAÚDE FÍSICA E MENTAL DOS ALUNOS, MÉDICOS, FUNCIONÁRIOS E RESIDENTES DA EPM/UNIFESP

No que se refere à saúde física dos alunos, nossa primeira preocupação foi garantir a segurança alimentar de todos, compreendendo o impacto social que a pandemia impunha. Os estudantes do *Campus* São Paulo que necessitavam de maior suporte foram identificados e receberam cestas básicas durante todo o período da crise.

A identificação precoce dos casos de Covid-19 entre os alunos e residentes inspirou ações de mapeamento, garantindo que fosse oferecido o melhor suporte clínico possível. Aqueles que desenvolveram a doença tinham ao seu lado não só o corpo médico da Escola, mas o cuidado e a preocupação individual de cada professor.

A expressão artística foi a forma de enfrentar o processo da pandemia e promover a saúde mental da comunidade EPM. Estimulados pelo Concurso Cultural "Arte em Tempos de Solidariedade", foram produzidos textos, poemas, músicas, fotografias e desenhos expressando o entendimento e as reflexões acerca do tema "Pandemia Covid-19: a quarentena para o indivíduo". Mais de cem trabalhos foram submetidos, criando um ambiente rico de troca e integração, mesmo em tempos de distanciamento social. A expressão artística forneceu, simultaneamente, um escapismo do momento e um convite à introspecção sobre as experiências do isolamento.

A promoção de saúde física entre os alunos originou o projeto MoviMente, aulas de ginástica e dança realizadas em lives do YouTube. Incentivar atividades físicas provia também um escape da rotina do isolamento, comunicando as pessoas por meio da sensação de treinarem juntas, apesar da distância física. A boa recepção levou à criação de uma camiseta temática do momento, cujo lucro foi inteiramente destinado ao Hospital, arrecadando mais de 20.000 reais entre alunos e ex-alunos.

ACOMPANHAMENTO, ORIENTAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL

A incursão na sociedade se iniciou a partir da reflexão acerca do nosso papel social enquanto instituição. Em um período de pandemia e agravo das vulnerabilidades socioeconômicas, era primordial que a instituição se colocasse, ainda mais, a serviço da sociedade. A primeira ação desenhada foi a participação na campanha de vacinação contra Influenza 2020. O auxílio dos voluntários possibilitou a aplicação de mais de 12.000 doses. Essa ação foi além dos muros da Escola e para dentro de batalhões da PM e comunidades próximas.

Intensificou-se a relação entre diretoria da EPM, Voluntariado e lideranças locais, o que permitiu a construção de planos de ação em conjunto e garantiu um vínculo de confiança. Nossas atividades se expandiram para outras comunidades da região, envolvendo a comunidade Mario Cardim, Comunidades Mauro I e II, Comunidade da Mangueira e Comunidade Souza Ramos. As ações incluem visitas às comunidades, com o intuito de conscientizar e orientar medidas

preventivas, arrecadação e doação de mantimentos (máscara, álcool gel, cestas básicas, cestas orgânicas, roupas).

O diálogo com as comunidades demonstrou a necessidade da educação em saúde vinda de fontes confiáveis e didáticas, especialmente numa época marcada por *fake news* e o enorme volume de informações, muitas vezes desencontradas. A educação e conscientização popular ganharam papel central na frente junto à comunidade, variando em forma, com tira-dúvidas presenciais, produção de artes e histórias em quadrinhos, porém sempre entregando o mais atual do conhecimento médico. Em questão de poucos meses, as iniciativas ensinaram a grande número de professores e alunos a como fazer divulgação científica e como empoderar os pacientes em sua saúde.

Outro método desenvolvido foi o perfil de Instagram @CoronavírusExplicado, que tem como objetivo levar o conhecimento médico atualizado de forma fácil e lúdica para a população, esclarecendo dúvidas e educando sobre formas de contágio e prevenção.

As crianças, impactadas pelo contexto de distanciamento social e suspensão das aulas, encontraram cuidados pela iniciativa da Pediatria e alunos do Voluntariado, o PedCast. A ação foi baseada na criação de um canal de *podcasts* que tem por objetivo dar voz às crianças, entender suas dúvidas e respondê-las, com embasamento científico, por meio de uma linguagem lúdica e acessível.

O luto, sentimento tão marcante na pandemia, precisou se readequar ao novo contexto, enterros sem rituais, com poucas pessoas, mantendo o distanciamento e, na maioria das vezes, sem a possibilidade da presença física de amigos e familiares. Foi um grave estressor na população e nos próprios médicos, muitos desacostumados a dar más notícias ou fazê-lo no volume que a Covid-19 impôs. Junto à Liga Acadêmica de Tanatologia e Cuidados Paliativos (LATAN), o Voluntariado começou a oferecer conteúdo educativo sobre o luto, além de divulgar serviços já existentes de acolhimento psicológico.

Todas as ações educativas derivam da concepção de que educar o público sobre saúde e adoecimento é fundamental para prevenir e melhorar o prognóstico das doenças. Além disso, capacitar o público a entender processos de luto alivia parte do sofrimento psíquico experimentado.

CONCLUSÃO

Dentro das limitações técnicas e momentâneas, a mobilização preencheu os espaços necessários, recrutando materiais e recursos financeiros, montando planos para a saúde dos alunos e funcionários, implementando práticas de telemedicina, promovendo ações para a comunidade ao redor do Hospital e desenvolvendo trabalhos científicos, cumprindo com o tripé que norteia a Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

O trabalho até agora realizado demonstra a responsabilidade social e o interesse de centenas de pessoas, alunos e docentes, em fazer da graduação em Medicina algo mais amplo que um ensino técnico: formar médicos com excelente capacidade formal e técnica e, mais do que isso, capazes de exercer uma medicina humanizada que, diante de uma crise de saúde global, unem-se para melhorar o seu entorno.

Não só como futuros médicos, o Voluntariado trouxe a oportunidade de sermos melhores pessoas, por procurarmos incessantemente maneiras diferentes de ajudar, mesmo estando em isolamento e, em alguns casos, distantes da Vila Clementino.

O projeto nos tirou da zona de conforto para nos incentivar a sermos melhores em comunidade e nos preocuparmos com a dor e os problemas dos outros. A lição que aprendemos é que, independentemente das condições, sempre há uma forma de tornar o ambiente melhor. Uma de nossas doadoras de bolos enviou um bilhete simples, mas simbólico para o momento: “Não sei costurar máscaras, mas hoje fiz o meu melhor com muito amor.”

Capítulo 15

A Sociedade

INTRODUÇÃO

•)e anoel)boão)Sati õta)T aõtello)Girão

Nos momentos iniciais não tínhamos certeza da dimensão que a pandemia iria atingir, mas estava muito clara a necessidade de interagirmos com a sociedade, em especial com as comunidades no entorno da EPM. Muitos moradores sequer sabiam por que existiam pessoas andando com máscaras na rua. Os moradores das comunidades necessitavam de apoio pois, de uma hora para outra, parte expressiva das pessoas se confinaram atendendo ao chamado de distanciamento social necessário, e repentinamente se viram sem opções concretas de sustento. Mal sabiam da importância e de como lidar com EPI, identificar sintomas de alerta e sobre os cuidados sanitários adequados.

Foi aí que o grupo de alunos voluntários organizou iniciativas educativas em conjunto com os líderes comunitários, forneceu álcool gel e máscaras, e em conjunto com as Escolas de Medicina e de Enfermagem, campanhas de vacinação e de triagem de potenciais doentes foram organizadas e, junto com os líderes comunitários, iniciativas de higiene. Montaram, numa parceria com os síndicos dos prédios do bairro, uma atividade de orientação para os funcionários dos prédios, tendo como contrapartida dos condomínios uma campanha de doação de alimentos para as comunidades, num movimento chamado de Vizinhança Solidária.

Essa proximidade com a população foi um dos pontos importantes de ganho com a pandemia. A percepção da realidade das comunidades foi uma oportunidade imensa para os alunos que dela participaram.

Outros movimentos de solidariedade e apoio surgiram nas semanas subsequentes. Merecem registro nestas linhas várias destas. Cito neste

momento os movimentos das “costureiras solidárias” e das “cozinheiras solidárias”. O primeiro veio num momento de especial importância, estávamos com grande dificuldade para obtenção de aventais e máscaras descartáveis. Quando se encontrava o produto, o preço exorbitante dificultava a obtenção. Nesse contexto surgiu este abençoado movimento de algumas costureiras, que passaram a confeccionar os aventais para as equipes assistenciais. Um ato voluntário que ajudou a preservar a saúde e a vida dos profissionais de saúde da frente de trabalho. Que Deus as abençoe sempre!!!!!

Com absoluta convicção afirmo que o envolvimento da EPM com as comunidades do entorno ajudou a diminuir o impacto inicial do coronavírus nessa população. O trabalho não cessa nos 100 dias de pandemia. Muito tem que ser feito, mas iniciamos o processo. Estamos organizando uma atividade sustentada para essas comunidades, criando junto com as ligas acadêmicas da Escola Paulista de Medicina uma via de atendimento contínuo para essa população. Nesta mesma linha obtivemos apoio de alguns vereadores para o atendimento de população de moradores de rua. Assim, procuramos movimentos da sociedade com reconhecida experiência e excelência no acolhimento desta população de moradores de rua, para tentar ações em conjunto, levando os nossos alunos para o atendimento médico.

A ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA E SEU COMPROMISSO COM AS COMUNIDADES DA VILA CLEMENTINO: UMA OBRIGAÇÃO SOCIAL

• Tarloõ)Franciõco)áoõ)kantoõ)bunior)3TaÀuÀa4)•)Rleõõanáro)áa Tonceição)3Saáeco4)•)f ilton)áe)Tamillo)búnior

O ano de 2020 será o marco de uma grande separação entre práticas conhecidas como “velhas” e aquelas que passaram a fazer parte do nosso cotidiano, agora conhecidas como “novas”. A nossa prática profissional sempre se deu em busca por resoluções para os problemas apresentados por uma Escola de Medicina, busca por recursos, obras, parcerias, termos de cooperação etc. Sempre nos pautamos pela preocupação com a graduação, pesquisa, extensão e assistência, em uma perspectiva de buscar a excelência na formação médica.

Os paradigmas estavam colocados, como em qualquer outro ano, até que nos vimos com demandas novas, quebrando uma dinâmica já conhecida e durante anos repetida. O novo vem com nome e suas consequências: Coronavírus e Covid-19. Vimo-nos num planeta em que mais nada era permitido, tudo passa a ser um perigo de contágio, tudo era dúvida e todos sem chão.

Dentro da Escola Paulista de Medicina um novo cenário se fez necessário, novas preocupações nos desafiavam diariamente, como assegurar a segurança dos estudantes, como garantir a saúde dos docentes e técnicos que desenvolvem suas atividades no Hospital São Paulo? E a população que vive em torno do Complexo Hospitalar?

Sabemos que o Brasil possui uma grande desigualdade social e, muitas vezes, acreditamos que só podemos encontrar a pobreza nas periferias dos grandes centros urbanos, ledo engano. Em determinado momento no início da pandemia fomos informados que existiam pessoas em situação de rua ao lado do nosso pronto-socorro, ao lado dos nossos ambulatórios e ao lado da nossa Diretoria. A luz vermelha se acendeu, não poderíamos mais nos furtar das responsabilidades que uma escola de ensino da saúde tem com a população mais carente, além daquelas que já faziam parte do nosso trabalho.

Passamos a mapear os pontos sensíveis da Vila Clementino, bairro conhecido pelo conjunto de equipamentos de saúde existentes no famoso quadrilátero da saúde; ajudar no processo de construção da dignidade destas pessoas passou a fazer parte das nossas tarefas. Quantos eram, onde moravam, quais dificuldades e de que forma poderíamos ajudar passou a compor a reflexão diária.

O primeiro passo foi conhecer o bairro, saber quais comunidades existem e quais eram suas demandas, e assim fizemos. Mario Cardim, Mangueira, Mauro (I e II), 11 de Junho (Comunidade e Pensão), Souza Ramos (Esquerda e Direita), Ellen Keller, Madre, Vila Z Santo Irineu e Loefgren, 11 ao todo, nomes que aparentemente eram um registro no guia de ruas, ou referências estatísticas para o poder público, passaram a ter uma nova conotação. Nestes endereços existem comunidades que passam de 15 mil pessoas, muitas mulheres, homens, crianças, idosos, empregados, desempregados, gestantes e pessoas com necessidades especiais. Todas com um problema comum: ausência de políticas públicas que atendessem às necessidades destas pessoas.

A aproximação se deu pelas lideranças comunitárias, onde não nos colocávamos como salvadores da “lavoura”, mas sim um parceiro que se

apresentava naquele momento de dificuldade, mas tinha o desejo de uma construção de projetos perenes, projetos que pudessem dar vazão à construção de uma vida digna, neste momento, observando e atendendo à saúde, afinal de contas, estávamos em uma pandemia, onde só sabíamos como começou, o fim ainda estava e ainda está bem distante.

Paralelamente, na Escola Paulista de Medicina (EPM) os alunos do curso de Medicina se organizavam para o que poderia vir, dando início ao trabalho de voluntariado, onde buscar soluções para os diferentes problemas que se apresentassem era a meta. Tão logo apresentamos a demanda de atenção às comunidades, elas passaram a fazer parte da pauta de discussão do coletivo.

Nas reuniões do Voluntariado uma série de ideias foi aparecendo, sempre com a preocupação da viabilidade, pois a vontade política não é igual a velocidade administrativa e não poderíamos frustrar um conjunto de comunidades que se abriam pra gente em busca de melhorar a qualidade de vida e ainda se proteger de uma pandemia. Valdirene Do Vale Silva, atual Agente de Saúde da Comunidade Mauro II, relatounos que a comunidade se sentia amparada, acolhida e bem abastecida em relação à doação de máscaras, álcool gel, roupas, informações e tudo mais que a Escola estava fornecendo. Pensar na estrutura necessária e eficiente para o sucesso sempre foi uma preocupação e as campanhas começaram a surgir. Como sempre dizíamos aos líderes comunitários, "de acordo com as nossas pernas", e assim foi, tira-dúvidas, vacinação contra o H1N1, distribuição de álcool gel, máscaras, panfletos, faixas, equipamentos para diagnóstico e muita sola de sapato. Deize Graziele Conceição Ferreira Feliciano, voluntária do projeto, faz um registro importante "foi uma experiência incrível. Do ponto de vista pessoal, considero que foi muito importante no que tange a minha saúde mental. Em um momento que estamos todos com medo e, por vezes, nos sentimos impotentes, ir até as comunidades, tirar dúvidas, orientar, vacinar, entregar máscaras, álcool gel e outros foi muito impactante na minha vida pessoal".

A preocupação não poderia se dar somente naquele momento e, por conta disso, várias possibilidades de trabalhos conjuntos passaram a fazer parte das discussões, tais como buscar as Secretarias de Saúde e os responsáveis locais para verificar de que forma poderíamos colaborar no processo, estreitamento político com a subprefeitura no sentido de buscar estruturas de colaboração, buscar parceiros privados para doações de qualquer natureza, diálogo permanente com as lideranças comunitárias e

discussão contínua com as pessoas engajadas no Voluntariado da EPM, a comunidade sentia falta desta relação como nos explicita a Tatiana de Souza Pimentel, líder da Comunidade Mauro II, afirmando que antes da pandemia as pessoas só procuravam o hospital quando necessitavam, sem vínculo algum.

Percebemos um campo fértil para uma troca de saberes ímpar entre as comunidades e os estudantes de Medicina, pois atuar em um espaço negligenciado pelo Estado trouxe uma nova forma de ver a medicina, uma medicina que transcende o consultório ou o centro cirúrgico. Estar junto com a população, constatando as necessidades e propondo possíveis soluções fez com que a humanização do processo ensino-aprendizagem e seus desdobramentos se realizassem em práticas, de forma não intencional, como apontado por Beatriz Mayumi Hosomi:

> “Penso que esse processo de inserção e a prática vivida nas comunidades configuram uma experiência muito rica em muitos aspectos (não só pessoais) e trazem um grande crescimento do ponto de vista de relacionamentos interpessoais, pois me proporcionaram experiências de como lidar com pessoas em seu ambiente de moradia e de realidades socioeconômicas distintas da minha. Além disso, me permitiram adquirir um conhecimento de mundo que eu não possuía, propiciando melhor compreensão das diferentes e contrastantes realidades sociais vividas no país.”
>
> “Acredito que essas experiências de inserção em comunidades de baixa renda possuem grande valor na vida acadêmica, uma vez que acrescentam muito tanto do ponto de vista técnico-científico da medicina, por me permitirem praticar os conhecimentos adquiridos na graduação e aprender novas informações sobre as aplicações médicas, quanto para a prática de uma medicina humanizada e mais consciente sobre a condição socioeconômica do nosso país e sobre o que ela impacta no dia a dia do paciente.”

Por outro lado, algumas das comunidades se reinventaram, colocaram em prática várias ações que, até então, não se viam no espaço interno, como a lavagem das ruas internas de forma coletiva, uma auto-organização que surgiu a partir das conversas sobre a importância da higiene dos espaços coletivos. Valdirene Do Vale Silva nos relata um dos papéis que a Escola teve na mudança de olhares sobre a prática do

Voluntariado, "Gostaria muito de ter essa continuidade, apesar de ter o trabalho da Unidade Básica de Saúde, mas vejo que houve muita interação da comunidade, principalmente quando relatávamos a visita da escola aqui. Alguns moradores chegaram até relatar, que bom que apareceram esses anjos aqui." Acelino Marques, líder Comunitário da Comunidade Mauro I, além de agradecer, solicita a continuidade do trabalho: "esperamos que essa parceria dure por muitos e muitos anos e quem vier dar continuidade aos trabalhos, sejam bem-sucedidos. E quero parabenizar a todos que estão abraçando a causa".

As dificuldades também estiveram presentes, pois como já havíamos dito, a vontade política não é igual à velocidade administrativa, e o desejo de resolver todos os problemas se fez latente. Como possibilitar uma qualidade de vida para esse coletivo de forma rápida? Como atender às demandas médicas que se faziam necessárias? Como possibilitar uma formação aos jovens para que pudessem entrar no mercado de trabalho? Como buscar uma nova oportunidade para aqueles que estavam sem emprego e renda? Ideias não faltaram, mas nosso trabalho sempre se pautou por uma velocidade de ação que pudéssemos dar conta, de acordo com nossas "pernas", e assim estamos caminhando ainda. Aquilo que se apresentou como uma dificuldade se transformou em objetivo, meta, desejo e sonho. Sonho que se fez realidade, a Universidade só tem sentido se cumprir o seu dever transformador, o seu papel de mudar as histórias de vida das pessoas, mostrar que todo cidadão tem direitos, e estes, devem ser cobrados do poder público. A EPM mostrou que é possível empoderar e realizar as mudanças necessárias, e desta maneira no dia 21 de agosto de 2020 aconteceu a 1ª. Reunião do Fórum Permanente de Saúde das Comunidades da Vila Clementino, organização que só foi possível por conta da proximidade emergencial realizada durante a Pandemia. Este Fórum surge com o objetivo de tornar as pautas de reinvindicações por saúde unificadas, empoderando os canais de diálogo com o poder público e consequentemente a realidade das pessoas que vivem nelas.

Para a Escola Paulista de Medicina, é um espaço de possível transformação para o ensino da medicina, uma medicina mais próxima da realidade brasileira, onde os problemas existem e precisam ser superados. As estudantes de Medicina Amanda Naomi Sato, Deize Graziele Conceição Ferreira Feliciano e Beatriz Mayumi Hosomi (respectivamente) nos mostram como pode ser um caminho importante ter uma inserção qualificada durante a graduação em espaços que possam servir para a aprendizagem não formal, "(...) eu acredito que é algo que

agrega muito a nós, estudantes de medicina, pois, futuramente, as pessoas com as quais tivemos contato serão nossos pacientes. E, para saber cuidar e tratar alguém, precisa ir além do conhecimento médico, precisamos conhecer o contexto social dos pacientes e suas histórias, e isso nós só conseguiremos se fizermos da vivência deles a nossa também.", "(...) foi possível ver a importância que um agente comunitário faz na ação do cuidar visando o bem-estar individual, e não apenas a ausência de doença. Foi nítido como essas ações fomentam o cuidado com o outro dentro da comunidade, incentivado a cidadania e o compromisso social." e "(...) tenho certeza de que essa experiência terá um impacto positivo na minha vida profissional pela agregação propiciada, tanto pelo crescimento pessoal quanto pelo desenvolvimento acadêmico. Acredito que essas oportunidades podem me tornar uma profissional mais consciente e compreensiva com a condição de cada paciente e assim me permitir tomar decisões que conciliam o melhor do saber científico adaptado para a capacidade de cada indivíduo e, assim, alcançar bons resultados e um bom desempenho profissional."

Enfim, estar vivendo esta pandemia nos coloca em outro patamar de trabalho, reflexões e atitudes, passamos dos 150 mil óbitos no Brasil, e ainda não temos a noção de quantos outros brasileiros irão enfrentar sofrimentos e perdas. Além dos problemas diários, temos o compromisso formal com essas 15 mil pessoas que necessitam de políticas públicas para ter uma vida digna, onde deixar viver não é um favor que o Estado nos faz, mas sim um direito onde exista educação de qualidade, acesso à saúde, trabalho e renda, moradia digna, lazer e justiça social.

> *"Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, a repressão, os assassinatos, mas também pela existência de extrema pobreza e estruturas econômicas injustas, que originam as grandes desigualdades."*

Papa Francisco

A INCLUSÃO DAS COMUNIDADES NA SOCIEDADE

•) deila) g liveira) Franciõco) •) naláilene) áo) nale) kilva) •) Fabiana Triõtina)dopeõ)•)Rcelino)e arqueõ)•)l atiana)áe)k ouÀa)himentel

Através das falas dos moradores mais antigos, foi durante a década de 1960 que os primeiros moradores começaram a chegar nas comunidades localizadas na Vila Clementino, as moradias eram barracos de madeira, sem infraestrutura nenhuma de esgoto, água e energia e ficavam entre cocheiras de cavalos, brejos e córregos, uma pequena ponte era necessária para a locomoção de todos os moradores. Em sua maioria os moradores vinham para São Paulo em busca de melhores condições de vida, porém ao chegar aqui a realidade foi outra, bem diferente.

A comunidade foi crescendo, evoluindo e se modernizando, mas as dificuldades sempre existiram e ainda estão presentes, principalmente na desigualdade social e discriminação de seus moradores. As comunidades nunca contaram com amparo de saúde, lazer ou cultura. Mesmo localizadas em um bairro de classe média alta, até hoje são invisíveis aos olhos da sociedade e do poder público.

Durante a pandemia, ficou evidente o descaso e falta de respeito das redes de atendimento de saúde pública, falta de humanidade e empatia. Não dão importância ao sofrimento e necessidades do próximo, ficam a desejar em todos os aspectos.

Parte significativa das pessoas que moram nestas comunidades trabalha em serviços como babá, zelador, porteiro e em limpeza dos hospitais do bairro, são pessoas que mais sofreram e sofrem em relação à pandemia da Covid-19. Com pouca informação, vivem em ambientes superlotados e sem condições de seguir as recomendações básicas, como comprar álcool em gel, estocar comida ou trabalhar de casa, os moradores das favelas foram as principais vítimas do Coronavírus.

A grande maioria da população de baixa renda vem sobrevivendo em meio à pandemia com muito suor, mães são obrigadas a deixar seus filhos com vizinhos e a família ajuda como pode. Em sua maioria as pessoas moram em casas com um pouco mais de três cômodos e meio, onde os membros das famílias ficam abarrotadas. Acreditamos que muitas pessoas tenham contraído o Coronavírus, uns com sintomas graves e outros assintomáticos, todos sobrevivendo em meio ao caos deste cenário

de invisibilidade e abandono. Neste cenário é impossível ter uma "quarentena" dentro de uma favela e por outro lado é impossível deixar de trabalhar para ter alimento em casa. A questão colocada passa a ser a seguinte: será que os benefícios, os cuidados, a cautela, tanto solicitados pelos órgãos oficiais, são realmente possíveis de serem implementados por todos? Será mesmo que o governo está olhando isso?

Os mais pobres correm o risco de serem responsabilizados como vilões desta pandemia, existem projeções de que, somente nas comunidades localizadas na região sul de São Paulo, onde vivem cerca de 100 mil habitantes, será onde teremos um grande número de contágio pelo Coronavírus. Algumas perguntas se fazem necessárias, como exemplo, como um idoso vai entrar em uma situação de isolamento em uma casa com dez pessoas e dois cômodos?

Esse isolamento é uma sugestão para 'gringo ver', somente para os ricos, o pobre não tem condição de tomar essa precaução, é utópico e ilusório. Infelizmente teremos muitas perdas nas favelas, essa é uma preocupação que se faz presente na discussão de lideranças das favelas em todo o país. Nas comunidades, as pessoas ainda não estão conscientes da real situação do vírus, tivemos um final de semana cheio de festas, cheio de atividades, cheio de comemorações de aniversários, o que agravou ainda mais a situação, durante a semana percebemos muitas pessoas relatando casos, indo para as UBS e Amas. Mas o que temos percebido? Que o governo tem tomado medidas para minimizar a crise, mas esses planos que o governo tem colocado são planos que não atingem ou não beneficiam as reais demandas das comunidades como um todo.

Não existe sequer uma resposta e muito menos uma política focada nestes problemas, e nosso caso não é diferente, estamos localizados no quadrilátero da saúde da maior cidade do país e somos mais de 15 mil pessoas, os problemas existem e não vemos o governo buscando uma solução para equacionar essa conta.

Durante o início da pandemia houve uma aproximação das comunidades da Vila Clementino com a Escola Paulista de Medicina (EPM) da Unifesp, e o número de infectados dentro das comunidades pôde ser considerado pequeno dentro desse contexto, porque com essa aproximação conseguimos assistir os nossos moradores nas questões básicas de atendimento imediato às necessidades de combate à pandemia e, por conta disso, o número foi bem menor que o esperado, e cremos que essas ações pavimentem um caminho para parcerias futuras.

Graças à ajuda da Escola Paulista de Medicina (EPM) da Unifesp, instituições filantrópicas, associações diversas, ONGs e voluntários vinham e distribuíram cestas básicas para que a população não entrasse em pânico, as comunidades receberam ajuda e orientações de médicos que vinham e faziam o seu trabalho, assim o número de infectados foi controlado e se evitou que tivéssemos mais óbitos dentro da comunidade.

Acreditamos que ainda precisamos de muitos "olhos" para nós, de olhares para os mais carentes, precisamos de ajuda, precisamos de espaço no governo para que possamos ter algo melhor em prol de todos, sem ser necessário decidir na sorte quem pode ter direito a sobreviver.

Buscamos um mundo melhor!

O PODER PÚBLICO NO COMBATE À PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

• Dioão)Satiõta)koareõ)•)Tarolina)j occa

Ninguém imaginava ou concebia uma pandemia como essa, com reflexos imediatos e tão transformadores em tantos países. Nem mesmo alguns conflitos trouxeram mudanças tão drásticas de forma simultânea, como é o caso da contaminação pelo novo coronavírus. Assumi a Subprefeitura da Vila Mariana bem no começo do processo de quarentena na cidade de São Paulo, exatamente em 24 de março de 2020, em meio a muitas incertezas. Tempos que nos impõem uma carga imprevista de incógnitas exigem políticas públicas que contemplem e, principalmente, respeitem a vocação de determinada região e que extraiam dessa vocação ações efetivas capazes de atenuar as adversidades em um momento delicado.

As Subprefeituras passaram a ter esse nome em 2002 (antes, elas eram chamadas de Administrações Regionais, o que já reforçava a ideia de construção propositiva de um diálogo do poder público com o munícipe *in loco*). Nossas Subprefeituras têm justamente a missão de aproximar o poder público das pessoas numa cidade tão grande como a nossa. Como todo mundo diz em tom anedótico mas numa alusão que leva em conta identidades e preceitos sociais e culturais, "existem várias São Paulo dentro de São Paulo". Entre as atribuições principais, a chamada função precípua, estão a zeladoria, o licenciamento de pequenos negócios e a fiscalização das leis de posturas municipais, como as de uso e ocupação do solo. Outra função importante das Subprefeituras é ser ponte entre a

população e os demais órgãos e secretarias da administração municipal. Nesse contexto, a atuação das administrações regionais durante a quarentena tem sido ainda mais importante, depende ainda mais da articulação e da sinergia exigidas. A Subprefeitura Vila Mariana cuida de três distritos - Vila Mariana, Saúde e Moema - em uma área de 26,5 km^2 e uma população de 344.632 mil habitantes, segundo o último Censo de 2010.

No dia 17 de março de 2020 a Prefeitura declarou estado de emergência. A partir de então, diversas medidas foram adotadas para tentar reduzir o contágio pelo novo coronavírus. Era fundamental estar presente, agir e atuar em protocolos preventivos. Como todo mundo sabe, a informação é vital e faz diferença quando o assunto é saúde pública. Servidores do grupo de risco, ou seja, com mais de 60 anos, portadores de doenças preexistentes, gestantes e lactantes continuaram a colaborar com a dinâmica da cidade, mas em *home office*. Os órgãos da administração direta, as autarquias e fundações com unidades de atendimento ao público mantiveram apenas os chamados serviços essenciais e tiveram autonomia para suspender ou reduzir o atendimento visando diminuir o fluxo e a aglomeração de pessoas. A Subprefeitura da Vila Mariana criou canais remotos (*e-mail* e telefone) para evitar o comparecimento pessoal na Praça de Atendimento; mantivemo-nos atentos à nossa comunicação com a sociedade pelas redes sociais e pelo *site*. Também foi permitido aos servidores alterar a jornada de trabalho para que o horário de entrada ou saída não coincidisse com os horários de pico do sistema de transporte público. No nosso caso, esse cuidado representa uma precaução extra, já que a região é atendida por estações de Metrô das linhas Azul, Verde e Roxa, corredores de ônibus e terminais. As férias dos servidores das áreas de saúde, segurança urbana, assistência social e do serviço funerário foram suspensas; a pandemia exigia da cidade, dos seus administradores e de seus servidores maior articulação.

A administração municipal respeitou a ciência, adotando protocolos e rotinas mais rígidos. Além da determinação do uso de máscaras e da colocação de álcool gel nas dependências, a preocupação com a manutenção de ambientes arejados e com distância segura entre as pessoas foi e continua sendo objeto de atenção permanente. As empresas terceirizadas que prestam serviço para a Subprefeitura tiveram de seguir as mesmas medidas definidas pelas autoridades de saúde e afastaram os profissionais com sintomas compatíveis ou infectados pelo coronavírus.

Os cursos, oficinas e eventos promovidos pelo município foram suspensos. Os enterros e velórios restringiram a dez o número máximo de pessoas. A Prefeitura também determinou o fechamento imediato de museus, bibliotecas, teatros, clubes esportivos e centros culturais municipais. A suspensão de programas que pudessem ensejar a aglomeração de pessoas, como o "Ruas Abertas", também foi necessária. Autorizações para eventos foram restringidas e processos e expedientes administrativos tiveram os prazos regulamentares e legais suspensos.

No dia em que assumi o cargo de subprefeito da Vila Mariana, 24 de março, teve início a quarentena nos 645 municípios do Estado de São Paulo. Com isso, todos os serviços considerados não essenciais tiveram de interromper imediatamente as atividades. *Shoppings*, restaurantes, lojas de rua, salões de beleza e dezenas de outros comércios fecharam as portas. As Subprefeituras precisaram intensificar a vigilância para que os decretos municipais, baseados nas orientações das autoridades médicas e da vigilância sanitária, fossem cumpridos.

A Vila Clementino - importante ressaltar - é um bairro do distrito da Vila Mariana com vocação médica; essa é uma região que mantém parte dos sobrados (muitos deles sem vaga para carros) construídos nas décadas de 1950 e 1960, quando o adensamento se intensificou. Hoje, temos uma pequena cidade dentro da cidade: comércio, bares, restaurantes, *shoppings,* condomínios de vários portes "conversam" com vocações que se ajustam ao tempo. Aqui se encontra a Escola Paulista de Medicina da Unifesp, que administra o complexo do Hospital São Paulo, o Amparo Maternal, além de dezenas de hospitais e clínicas particulares e entidades de apoio e auxílio às pessoas com deficiência, como o Instituto Jô Clemente (antiga Apae de São Paulo), a AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente), a Fundação Dorina Nowill, o Hospital do Rim, entre outros.

Em meio a essa situação de calamidade, sobre a qual ninguém tinha ideia exata da dimensão e do período pelo qual se estenderia, a Escola Paulista de Medicina, cumprindo sua missão - que também é pública e de diálogo com a pesquisa científica voltada à qualidade de vida das pessoas – colocou-se à disposição para ajudar no combate à proliferação do novo coronavírus. Recebi a primeira mensagem da Escola no domingo, 29 de março, perguntando sobre como poderíamos unir esforços diante desse cenário.

A Escola, depois de um período de afastamento, tinha se aproximado novamente da Subprefeitura. No final de 2019 havia sido retomado o

projeto Bairro Amigo do Idoso, uma parceria entre os dois órgãos. O Comitê do Bairro Amigo do Idoso foi instituído em novembro de 2019 com o objetivo promover ações regionalizadas para dar efetividade ao Programa São Paulo Amigo do Idoso e ao Selo do Amigo do Idoso, instituídos pelo Decreto Estadual nº 58.407, de 15 de maio de 2012. A Vila Clementino foi escolhida por ter um contingente proporcionalmente elevado de pessoas idosas e é também onde está localizada a Escola Paulista de Medicina. Além da Subprefeitura e da Unifesp, fazem parte do comitê as secretarias municipais de Direitos Humanos e Cidadania - por meio da Coordenação de Políticas para Pessoas Idosas -, Saúde, Esportes, Transportes e Assistência e Desenvolvimento Social, além da Câmara dos Vereadores de São Paulo, por meio dos vereadores Gilberto Natalini (titular) e Mario Covas Neto (suplente), e o Grande Conselho Municipal do Idoso. A coordenação do comitê é da Escola Paulista Medicina.

No início das nossas conversas sobre a pandemia, a preocupação se voltou às comunidades da região, que são poucas, mas que abrigam mais de 15 mil pessoas, segundo estimativas das lideranças locais. São cinco comunidades - Mauro 1, Mauro 2, Mário Cardim, Cel. Luis Alves e Sousa Ramos - e oito núcleos (locais com menos famílias, mas todas em situação de vulnerabilidade social). Como manter o isolamento em casas com dois, três cômodos onde moram famílias inteiras? Como agir em realidades nas quais os muros são grudados e o espaço para cada pessoa é ínfimo, mínimo mesmo? O que está ao alcance do poder público fazer quando não há opção de trabalho remoto, de distração para as crianças? E, muitas vezes, quando não há água e itens básicos de higiene, embora esse seja um coeficiente realmente inexpressivo no todo dessa região?

Em um primeiro momento, a ideia era criar um espaço de acolhimento na região onde os infectados que moram nas comunidades pudessem cumprir a quarentena. Mas isso infelizmente não se concretizou. Então partimos para ações mais viáveis e ajudamos a Escola Paulista de Medicina (EPM) a levar a campanha de vacinação contra a gripe para a comunidade da Rua Mário Cardim, onde moram mais de 5 mil pessoas, além de iniciar a distribuição de máscaras e álcool gel. Nesse momento os voluntários da EPM aproveitavam para dar informações sobre a doença às pessoas e orientar sobre o uso correto dos equipamentos de proteção como a forma mais eficaz de evitar o contágio pelo novo coronavírus. Também fizemos distribuição de mais de 3 mil máscaras com apoio do HCor e orientação sobre o coronavírus para quem passava na Praça Oswaldo Cruz, no início da Av. Paulista, e nas

comunidades Mauro 1 e 2, no núcleo da Rua 11 de Junho e no Centro Temporário de Acolhimento (CTA) Vila Mariana.

A Subprefeitura intensificou a limpeza das vias da região próximas a hospitais, estações de Metrô, pontos de ônibus e locais com grande circulação de pessoas e, pela primeira vez, levou a zeladoria também para dentro das comunidades, que passaram a ser lavadas regularmente com água, sabão, água sanitária e desinfetante bactericida. Aos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) dos agentes de limpeza, além das luvas, protetor auricular, bota de borracha e avental, foram adicionados uniformes especiais, máscaras e viseiras. Além das 80 equipes de lavagem fixas, foram contratadas mais 55 equipes extras neste período na cidade toda. Com isso, conseguimos unir a tríade medicina, poder público e sociedade no combate à pandemia.

Até julho foram registrados casos de Covid-19 nas comunidades da região e apenas três mortes. Temos a convicção de que sem as ações do poder público em parceria com a Escola Paulista de Medicina os números seriam maiores.

Não é possível fazer prognósticos confiáveis sobre a evolução da pandemia e as consequências no médio e longo prazos para a saúde das pessoas, para a economia, para o desenvolvimento das cidades, enfim, para a vida de todos nós. Somente no futuro poderemos avaliar com clareza se as medidas adotadas foram corretas, se foram as melhores, se surtiram todo o resultado imaginado. Olhando para trás, daqui a alguns anos poderemos saber se os caminhos escolhidos foram os mais corretos. Mas neste momento já nos basta a certeza de que nosso objetivo principal foi sempre o de preservar vidas. Como disse o prefeito Bruno Covas em muitas das entrevistas coletivas dadas neste período, as vidas devem estar sempre em primeiro plano, em primeiro lugar.

Paradoxal também é pensar que neste momento no qual o distanciamento social é a regra o poder público precisa estar mais próximo das pessoas. E o órgão público mais próximo dos cidadãos, em qualquer município, é a Prefeitura. No caso da cidade de São Paulo, com seus quase 12 milhões de habitantes, as Subprefeituras. Encontraremos novos caminhos e a resiliência que tanto se recomenda será um legado da nossa própria reconstrução no pós-pandemia.

MOVIMENTOS DA SOCIEDADE: COSTUREIRAS VOLUNTÁRIAS

“Parece que o mundo apertou a tecla *pause* e todos precisaram olhar para coisas esquecidas, empoeiradas, ou vistas como ‘comuns’ a ponto de ninguém perceber o quanto eram importantes. O pânico, a tristeza, o desespero e o medo tomaram a vida das pessoas de forma avassaladora, transformando num caos.

Em pausa e em pânico, recebi um apelo de uma amiga, médica do Hospital São Paulo e que estava vendo de frente e de perto a tal ameaça que levaria em pouco tempo centenas de vidas.

Eles precisavam de máscaras para se proteger, e eu não podia sair de casa. Foi então que no dia 24 de março formamos o grupo das Costureiras Solidárias SP, nascido a partir de um grupo de duas salas de aula do Centro Educacional Pioneiro.

Nós não tínhamos nada além da vontade de ajudar e poucas pessoas com máquinas de costura. Não tínhamos muito a nosso favor, mas naquele momento não tínhamos nada a perder. Então, por que não doar amor ao próximo?

Quando essa corrente do bem se formou, nosso grupo cresceu rapidamente. Foi então que percebemos que havia uma busca das pessoas por querer fazer algo em meio à pandemia vivida pelo mundo todo.

É lindo falar de solidariedade, mas confesso que gostoso mesmo é poder sentir a solidariedade das pessoas, sentir essa energia boa que todos colocam em tudo o que fazem. É poder ler e ouvir agradecimentos por poder estar ajudando, é poder ver o quanto somos capazes mas muitas vezes nem imaginamos que é possível.

Éramos 20 pessoas, que em uma semana se tornaram cem. Formamos um grupo onde poucos se conheciam, e que parentes e amigos foram se agregando ao grupo e ele cresceu cada dia mais. Era espantoso ver a qualidade de todas aquelas pessoas se empenhando em costurar, cortar, transportar ou fazer o que fosse possível para ajudar.

Foram incontáveis as vezes que fiquei sem jeito em pedir para uma médica contar clipe nasal, ou levar material para engenheiros, advogados, publicitários ou dentistas para pesar ou cortar. Eram pessoas importantes, inteligentes, estudadas, mas que estavam impotentes como nós frente aos acontecimentos. Nesse momento

percebi o quanto somos iguais perante algo tão grave como é essa pandemia. E que diplomas, dinheiro ou qualquer outra convenção não teriam muita importância diante da urgência que vivemos.

Montamos um grupo de coordenadoras para distribuir as responsabilidades que eram tantas naquele momento, quando percebi que tinha mais departamentos do que pessoas para coordenar. Passei a buscar essas coordenadoras dentro do grupo olhando o perfil de como lideravam as coisas até aquele momento, ou seja, a metade das pessoas que fazem parte da coordenação eu não conhecia antes da pandemia. Confesso que esse foi um dos muitos presentes que ganhei com o projeto.

Tive noites com poucas horas de sono, nem tudo foi fácil, e muitas vezes eu me achava uma louca por estar movendo uma quantidade tão grande de pessoas, sem saber direito como fazer e o que fazer. Tivemos momentos de desespero por não sabermos lidar com coisas tão novas e tão intensas ao mesmo tempo.

Tivemos muitos problemas, principalmente no início. O primeiro deles foi que nesse grupo que se formou e cresceu havia muitas pessoas do grupo de risco. E nossa responsabilidade não nos permitia deixá-las se expondo a qualquer tipo de ameaça.

Nós tentamos muitas alternativas, como por exemplo fazer a esterilização de todo o material em autoclave, mas isso logo caiu por terra por causa do alto custo e vários outros motivos durante o processo. Mas não desistimos, fomos atrás de infectologistas, pesquisas sobre o coronavírus, até que chegamos à solução adotada: a quarentena para todo o material manipulado, com protocolo especial para o grupo de risco.

Nosso grupo cresceu tão rápido, que nosso maior problema era a falta de material para mandar para as costureiras, seguido por problemas de logística e transporte, até as crises pessoais de cada uma de nós e de voluntárias que compartilhavam também conosco.

Era um misto de emoções fortes, a gente dizia que parecia que estávamos em uma montanha russa, pois durante o dia a gente ficava triste, depois feliz, depois desesperada, depois já estávamos chorando de emoção. Vivemos um bom teste para o coração!

Tenho certeza de que só passamos por esta fase sem parar com o projeto porque éramos muitas coordenadoras e uma se apoiava na outra com uma confiança incrível, que conquistamos em pouco

tempo de convivência. Talvez esse seja outro grande presente que recebi do projeto: aprendi a confiar e delegar, sem a pressão de me cobrar por cada coisa que pudesse sair errada ou certa.

Aceitar as coisas como elas são de forma orgânica é algo que desde o início plantamos nas voluntárias. Então, uma das primeiras coisas que elas tinham que entender era que a saúde estava em primeiro lugar, portanto, que cada um deveria seguir seu ritmo natural para fazer as costuras, que não houvesse pressão nenhuma por prazos ou perfeição na produção, que as tarefas trouxessem prazer e bem-estar acima de tudo, que as máscaras deveriam ser suas companheiras e não um peso para elas. Assim cada uma no seu ritmo, começaram a costurar, inicialmente máscaras, e depois de 15 dias de projeto introduzimos também os aventais.

Hoje não somos só o projeto das Costureiras Solidárias, hoje montamos uma rede de amigos que ainda não se conhecem, mas que têm se apoiado em todos os momentos felizes e de dificuldades. Nos grupos de WhatsApp muitas encontraram companhia, carinho, respeito e amor ao próximo.

Elas vivem trocando mimos, o pessoal que faz o transporte de *kits* e leva de casa em casa recebe todo o carinho que merecem das dezenas de costureiras espalhadas por São Paulo e municípios vizinhos. Ontem mesmo encontrei uma voluntária dos transportes que me contou que ficava tão feliz quando recebia presentes, bolos, flores, chocolate etc., que também resolveu aderir, e me confidenciou que percebeu o quanto é bom oferecer algo a alguém que está praticando o bem e resolveu levar bombons aos lugares por onde passa.

Percebemos o quanto esse movimento trouxe alegria às pessoas que se viam indefesas e impotentes diante da pandemia. A partir do projeto passaram a se fortalecer com a ajuda que estavam oferecendo aos profissionais de saúde, e com isso passaram a emanar uma energia boa de fazer o bem, sem pensar o tempo todo no pânico que é conviver com essa doença rondando nossas vidas.

fortalecemo-noss também diante das perdas que muitos tiveram, e cada um a seu jeito encontrou uma forma de se abrigar junto ao grupo, ou falando sobre isso, ou se distraindo com a fala dos outros. Não fechamos os olhos às perdas e fizemos o acolhimento que cada pessoa precisou, foram momentos difíceis,

mas fazemos o possível para que se sintam confortáveis em estar conosco.

Por este motivo, algumas voluntárias que tiveram problemas com a máquina de costura ou algum problema de saúde não quiseram sair do grupo, por gostarem da companhia, por terem encontrado naquele lugar algo que talvez seja muito raro na vida. Um querer bem sem saber sequer quem é a pessoa que está falando com você.

Depois do centésimo dia em meio à pandemia, tenho certeza de que sou uma pessoa melhor do que era antes, muito melhor por ter conhecido pessoas maravilhosas que estão no projeto e outras tantas que não fazem parte dele, mas que de certa forma me possibilitaram ver tantos trabalhos lindos que são feitos.

Hoje me sinto uma pessoa mais preparada para qualquer coisa, pois se o coronavírus passou por nós de forma devastadora e deixou rastros de tristeza por perdas e sequelas, ele passou por nós e nos ensinou muito também. Ensinou-me sobre a importância do abraço, do estar junto. Ensinou as pessoas a olharem nos olhos, a valorizar as coisas essenciais e simples. Mostrou que precisamos respeitar o espaço uns dos outros. Demonstrou para a população que quando as pessoas querem, elas conseguem muito mais do que imaginam. Empresas, governo e população podem se unir por um bem maior.

Foram 100 dias muito intensos e de grandes aprendizados para todos. Eu agradeço todos os dias por ter recebido aquele pedido de ajuda, por ter conseguido seguir em frente e ter ajudado o grupo a costurar e doar mais de 60 mil itens até hoje. Agradeço por ter podido conhecer pessoas tão especiais dentro e fora do projeto, que tenho certeza que farão parte da minha vida, e também, agradeço por estar aqui compartilhando este momento tão especial com muitas pessoas, e quem sabe plantando uma sementinha dessa corrente fabulosa que invadiu nossas vidas para nunca mais sair delas!”

Sou Vivian Yoshie Yamashita Yamada, coordenadora geral do projeto Costureiras Solidárias SP, empresária, 44 anos, mãe e esposa

"A pandemia nos mostrou o quão frágil e vulnerável o ser humano é, mas também fez aflorar nossa humanidade, nossa vontade de ajudar o próximo, nossa verdadeira essência! E as Costureiras Solidárias tornaram possível a concretização deste propósito de "fazer o bem sem olhar a quem": ao entregarmos máscaras e aventais, doávamos muito mais do que o nosso tempo, doávamos amor, coragem e fé para enfrentarmos juntos todos os problemas. Em troca, recebemos a certeza de que a vida vale a pena ser vivida e que amar o próximo nunca é demais!"

Sou Margareth Bierwagen, Coordenadora das Máscaras de Tecido, 47 anos, Advogada, filha, tia e esposa

"O dia 24/03/2020 ficou marcado por uma linda manifestação de união e solidariedade das famílias dos 4ºs anos A e B da Escola. Recebemos o pedido de ajuda do Hospital São Paulo através de nossa amiga Dra. Joice e após 4 horas, o grupo Costureiras Solidárias já estava criado (pela Vivian) e trabalhando. Foi incrível o comprometimento das famílias! Todos dedicados para conseguirmos doar um lote de máscaras caseiras o mais rápido possível. Encerramos o dia com 17 costureiras, sete cortadeiras e com um valor suficiente para dois lotes de produção.

O medo e a insegurança diante da pandemia me impulsionaram a abraçar a causa solidária de doação de EPI. Pessoalmente, o vírus passou pela minha família e ao ver uma pessoa querida internada com suspeita de Covid-19, senti uma sensação de impotência e frustração que motivou a minha vontade de ajudar o time de Costureiras Solidárias SP, mesmo sem saber costurar.

Precisávamos cuidar dos Profissionais que estavam na frente da Batalha porque eram seres humanos, pais, filhos, amigos, vidas que importavam tanto quanto as de qualquer paciente. O crescimento do grupo foi muito rápido e nos bastidores aconteceram perdas, doenças, máquinas quebradas... mas a equipe seguiu bravamente. A emoção ao ver o sorriso de quem recebe as máscaras feitas por nós compensou cada momento e superação.

O futuro do grupo ainda é incerto, assim como o da pandemia. Toda crise traz, além de dor e sofrimento, o fortalecimento da fé e

da esperança, o amadurecimento, novas experiências e conhecimentos que nos transformam. Após a pandemia espero contar com a companhia das novas e "velhas" amigas queridas e desejo que os nossos filhos e as próximas gerações possam se espelhar no exemplo desse estimado trabalho.

Uma coisa é certa... o grupo Costureiras Solidárias SP foi um encontro de almas solidárias, intenso e real, baseado em amor, respeito e determinação e esperamos perpetuar estes valores que nos cercam desde o início.

Gratidão."

Sou a Meire Kuratame, 48 anos, Coordenadora de Cadastros do grupo Costureiras Solidárias SP, CEO do Lar (dona de casa mesmo), voluntária "amadora" e tenho a honra e o orgulho de participar desse projeto "megavilhoso" desde o seu nascimento

" A gente nunca pensou que ia ver o mundo parar, o fluxo da vida interromper, mas nestes 100 dias de pandemia aconteceu...

Em um piscar de olhos a correria do trabalho, rotina dos filhos e tudo pelo qual lutávamos tanto já não fazia sentido...

Então recebi a oportunidade de ajudar amigas que iniciavam o grupo das Costureiras Solidárias, voluntárias que costuravam máscaras e aventais para o Hospital São Paulo. Nestes 100 dias recebi a chance de vivenciar a ajuda ao próximo, reavaliar todos os meus valores de vida e pude conviver com voluntárias maravilhosas que doam amor, carinho, compreensão e que chegam como abelhas se unindo ao grupo de trabalho sem pedir nada em troca.

A força e a luz vêm do trabalho e da dedicação ao próximo. O equilíbrio e o amor fazem laços que levarei por toda a vida.

Sou Tatiana Abujadi Palmieri Nakano, coordenadora do grupo de aventais do projeto Costureiras Solidárias SP, médica, 40 anos, mãe e esposa

“Quando começou a pandemia estava me preparando para a rotina em casa, organizando-me com as atividades das crianças, casa, trabalho e todas as mudanças que estavam acontecendo... achando que iria me organizar, tirar as coisas do armário como muitos já estavam fazendo.

Minha experiência foi além de tudo isso.

Sim, a organização e limpeza foram internas... abrir meu coração, renovar-me e me descobrir.

Nossa história aconteceu como a Vivian relatou com crescimento inacreditável, graças à coragem e habilidade dela de coordenar e administrar o grupo!!

Sempre muito receptiva e disposta a resolver qualquer problema, e sempre pronta para achar uma solução. Fico muito feliz por colaborar com meu conhecimento na costura e receber muito mais do que colaboro.

Essa relação com tantas pessoas incríveis que fazem parte do grupo de Coordenadoras, e todas as Voluntárias envolvidas me deixa muito feliz! Cada uma contribuindo com o que tem de melhor e uma ensinando à outra. Sempre se apoiando e prontas a ajudar!! Sensação até estranha de felicidade, pela oportunidade de fortalecer vínculos e fazer novas amigas, nesse momento tão triste para tantas pessoas...mas também está certo, pois isso que me move todos os dias e me faz superar todas as dificuldades e inseguranças desse momento.

Vivian e todas as voluntárias, muita gratidão pela confiança e ensinamento que me proporcionam todos os dias!!

Sim, tivemos momentos difíceis no começo, pois já tínhamos costureiras esperando serviço e ainda não tínhamos material para mandar para elas... peça-piloto, não tínhamos experiência nesse segmento. Hoje temos relatos de muitas pessoas gratas por serem úteis e fazerem parte do nosso projeto!

Nunca tinha participado de um trabalho voluntário efetivamente, apenas em alguns momentos temporários. Agora aprendi o que é ser solidária, ter compaixão, ajudar o próximo e aprendi a amar as pessoas mesmo sem ainda conhecê-las pessoalmente!!

Estamos sempre envolvidas nessa egrégora positiva de amor, reciprocidade e cumplicidade.

Como é forte, tudo dá certo quando estamos em sintonia e todas em busca de um mesmo propósito... as pessoas certas aparecem na hora certa!

Mesmo nesse momento tão difícil podemos escrever nossa história diferente...

Sim, sofremos com a perda de pessoas próximas e também de pessoas que não conhecemos, mas a emoção de poder ajudar os profissionais que estão salvando vidas mesmo arriscando a sua própria vida é muito gratificante. E saber que contribuímos com todas as pessoas!!

Muito obrigada a todos os profissionais do Hospital São Paulo, que confiaram na gente e apoiam o nosso projeto!!

Gratidão especial ao meu marido Nilton e meus filhos Sabrina e Yuzo que me apoiam e ajudam direta e indiretamente!!! Gratidão por ser acolhida no grupo das Costureiras Solidárias SP.

Sinto-me muito orgulhosa e privilegiada!!

E grata pela vida, por me dar a oportunidade de ser uma pessoa muito melhor nessa Pandemia.

Sou Marcia Sakai, Empresária. Responsável Técnica do Projeto, 49 anos

"Eu sou supersticiosa e tenho uma crença de que ano par é que é bom. Parece que as melhores coisas da minha vida vêm em anos pares: minhas aprovações públicas, meu casamento, meus filhos e até aqueles amigos especiais que a vida me deu se instalaram na minha vida em anos pares. Mas 2019 foi um ano tão bom para mim! Foi um ano de muitas realizações, algumas que eu nem ousei sonhar aconteceram na minha vida... e eu imaginei que 2020 estaria fora do padrão.

Eu ouvia notícias, mas como muitos não dei importância ao tal vírus que se aproximava. Em 17/03/2020 a ficha caiu realmente, busquei meus filhos na escola e pensei que ficaríamos presos em casa por um tempo. Como seria isso? Por quanto tempo? Como conseguiríamos?

Dia 23 de março iniciou-se oficialmente a quarentena em São Paulo e eu comemorei meus 34 anos de uma forma diferente,

olhando para pessoas queridas pela tela do computador. Foi estranho apagar as velas e comer o bolo enquanto do outro lado da tela as pessoas só olhavam, mas ao mesmo tempo foi inspirador ver que mesmo com tamanha distância entre nós e toda a incerteza do mundo, ainda podíamos comemorar felizes mais um ano juntos.

À noite me deitei no meu travesseiro, inquieta, a cabeça a mil. Como no meio daquela incerteza eu podia seguir sendo eu mesma? Como eu poderia fazer alguma coisa para ajudar se eu nem podia sair de casa? Lembrei da minha máquina de costura encostada no armário junto de uns tecidos que eu usaria para meus artesanatos e levantei empolgada.

Por 4 dias eu cortei e costurei todos aqueles tecidos de forma bem amadora, enfim fiz 32 máscaras. Feliz com a minha realização, escrevi a mão algumas instruções de uso e entreguei aos meus vizinhos de prédio que estariam no grupo de risco. As máscaras que sobraram deixei no elevador, era o pouquinho que eu podia fazer para ajudar naquele momento.

Mais uma vez fui dormir inquieta, com a certeza de que eu podia fazer mais e ajudar mais pessoas, mas onde conseguir o material? Como entregar a quem precisava? Pensei que amanhã eu acharia um jeito, no entanto eu estava enganada...

O amanhã foi o dia 28 de março onde, atrapalhada com os cuidados dos meus dois filhos, o dia se passou sem que eu pensasse na questão das máscaras. No fim da tarde uma mensagem no grupo de mães da escola do meu filho me emocionou. Era uma mãe, conhecida por ter muita energia e empolgação para trabalho em conjunto, dizendo que procuravam costureiras voluntárias para costurar máscaras para o Hospital São Paulo. Pareceu que ela sabia que eu precisava daquela informação e me pescou no grupo no momento em que eu começava a me desanimar. Eu não achei um jeito, as Costureiras Solidárias que me acharam.

Entrar no grupo das Costureiras Solidárias não salvou só o meu dia, salvou a mim e a minha família da quarentena. Salvou-nos de assistir aterrorizados e impotentes as notícias trágicas, salvou-nos de sentir medo das pessoas, salvou-nos do isolamento.

Foi através de uma querida professora da Escola Paulista de Enfermagem que entramos em contato com uma excelente pessoa e profissional da SOBECC e conseguimos a doação de material e acesso à RDC 356/20 para iniciarmos a produção das máscaras

dentro das normas estipuladas pelos órgãos regulamentadores. Com a informação jogada lá no grupo, todas nos empolgamos em produzir EPI dentro do padrão.

Eu me lembro das estratégias que bolamos para compor as máscaras com clipe nasal. Éramos um grupo de mães que mal se conheciam tentando ajudar da forma como podíamos, bolando estratégias e sonhando com um bom resultado. Lembro-me sorridente de assar amarrilhos no forno como teste para ver se as máscaras poderiam passar pelo processo de esterilização. Estávamos cheias de boa vontade e de solidariedade no coração.

Não sei se eu pensei no quanto este grupo poderia ir adiante, mas acho que não imaginei que 100 dias de pandemia se passariam conosco ajudando e fazendo a diferença. E quando eu digo ajudar, eu não falo só de máscaras e aventais que produzimos, eu falo de como o grupo apoiou e ajudou pessoas, de como o grupo cresceu abraçando e acolhendo quem estivesse ao nosso alcance.

Mandamos máscaras sim, mas o que chegou ao hospital foi carinho, cuidado, amor. Entregamos aventais sim, mas costuramos amizade, companheirismo, compreensão. Quando um de nós precisa, tem ali na tela do celular amigos prontos para ajudar da forma como for possível, da forma como for necessário.

Quando eu tive questões pessoais, envergonhada de não ter dado o suporte ao grupo que eu havia me comprometido em administrar, procurei o grupo de administradoras para me desculpar e acabei expondo o meu problema. Imaginei que me diriam para sair por um tempo e voltar quando tudo estivesse resolvido, no entanto, elas me disseram para ficar, acolheram-me, deram-me conselhos e apoio. Foi mais fácil enfrentar os problemas sentada na frente da máquina e sabendo que eu tinha amigas para quando eu precisasse de apoio. E parece que os problemas acabaram mais rapidamente quando senti essa solidariedade que doávamos estendida a mim e à minha família.

Preocupar-me com as pessoas do grupo de risco que entravam cada vez mais depressa no grupo de voluntários foi algo natural, quase que inevitável, fui logo opinando e sugerindo cuidados extras com as pessoas que integravam este grupo. Acho que a minha preocupação apontou para a Vivian e demais participantes que eu administraria com carinho, cuidado e respeito a todos os que entrassem para este grupo.

Meu primeiro ato como administradora foi dar ao grupo o nome de Grupo de Risco, o que imediatamente gerou um comentário adorável sobre como elas (até aquele momento apenas costureiras mulheres) não eram um grupo de doentes. Foi então que troquei o nome para as Mais Amadas, porque se tratava do grupo de costureiras que eu iria tratar com ainda mais amor. Quem não cuida com carinho daquilo que mais ama?

Lá nos "amadinhos" que busco animação nos dias de preguiça, que recebo os melhores vídeos, que percebi tantos talentos outrora apagados pela modernidade do mundo, que vi solidariedade na forma mais pura. Ali conheci nomes que se destacam e histórias que nos comovem. Fazer parte deste grupo é ter sempre uma força extra para seguir em frente.

Meus amadinhos são sempre tão dispostos e carinhosos, um verdadeiro presente. Pouquíssimas vezes algum assunto divergiu opiniões, e quando isso aconteceu, foi rapidamente resolvido com a compreensão e o espírito de equipe que o grupo tem. Criar estratégias para ajudar nas dúvidas de pessoas por vezes tão experientes é um trabalho em conjunto, onde sempre surge uma ideia que melhora o trabalho de todos. Os amadinhos tornam o meu dia melhor, reforçam o meu propósito de vida.

Sempre tive muito apoio e ajuda das demais coordenadoras lá no grupo dos amadinhos e atualmente coordeno o grupo juntamente com a Denise, uma pessoa ótima e positiva que trouxe para o grupo a estrutura e organização que nos faltava.

Permaneci no grupo costurando as máscaras para o hospital e administrando o grupo dos amadinhos. Paralelamente segui fazendo máscaras de tecido para vender para conhecidos, com o lucro arrecadado comprava mais material e fazia algumas máscaras de tecido para doar principalmente a familiares de trabalhadores ligados à área da saúde, pois estes nem sempre tinham condições de comprar máscaras suficientes e se preocupavam com a saúde das pessoas que os receberiam ao voltar do trabalho.

Quando surgiu a possibilidade de costurar com tecidos doados máscaras para doar à população e instituições necessitadas, senti que foi mais um presente que as Costureiras Solidárias me deram.

Quando alguma instituição ou projeto nos procura pedindo ajuda, meu coração transborda de alegria e eu me sinto satisfeita na frente da máquina cortando, costurando e dando acabamento

madrugada adentro. Por vezes alguém me pergunta “e que horas você descansa?” Eu descanso ali, costurando... limpo minha mente das incertezas e mortes, concentro-me no presente e nas vidas que estamos salvando. Não posso descrever em palavras o quanto é recompensador este voluntariado, posso apenas dizer que me torna uma pessoa melhor.

A época do dia das mães, inspirada em tanto amor que os grupos emanavam, quis criar um vídeo com a visão das crianças sobre o que eles entendiam que seus familiares faziam. Que emoção vê-los contar, cada um orgulhoso da função que sua mãe/avó/tia desenvolvia no grupo. Foi mais um presente que o grupo me deu: compartilharam comigo o íntimo de suas famílias e me permitiram fazer desses relatos um vídeo para as mães.

Surgiu também no grupo a ideia de mandar os desenhos das crianças junto com as entregas para o hospital, inspirando as crianças a criarem e demonstrarem a sua visão da situação. Sabiamente a Vivian juntou tudo em um vídeo maravilhoso que encanta a todos que o assistem. Envolver as crianças no projeto faz com que eu me sinta ainda mais forte e determinada.

Eu envolvo meus filhos, na medida do possível, para que eles também sintam a satisfação em ajudar. O meu mais novo (2 anos) adora apertar o pedal da máquina e brincar com os cones vazios de linhas, ele sabe que quando a mamãe se senta para costurar é preciso brincar sentado, calmo perto da mesa de costura onde a mamãe interage com ele entre uma máscara e outra. O meu mais velho (7 anos) corta clipes, separa máscaras e ajeita meu ateliê, na maioria das vezes satisfeito em ajudar e se sentir útil, tendo se empolgado nos últimos dias em costurar ele mesmo máscaras (simples) na máquina sob minha supervisão.

Então se passaram 100 dias de pandemia...

E nós pouco passamos de todos os apuros que imaginei em meados de março, pouco sentimos de todo o medo que pairava no ar, pouco perdemos até o momento. Acredito que porque envolvidos em ajudar ao próximo, em salvar uma vida que seja, em mudar um destino por vez.

Se eu tivesse que resumir os 100 dias, diria que foram dias de solidariedade e carinho em proporções que eu não imaginava serem possíveis com a rotina outrora habitual, dias de rir de coisas

bobas, de ajudar e fazer amigos, dias de trabalho árduo, mas com uma recompensa mental e emocional inestimável.

Enquanto a população precisar e este grupo me acolher estarei aqui, feliz e disposta.

Lamento profundamente tantas vidas perdidas e tanto sofrimento que envolve o mundo neste ano, gostaria de ter o poder de reverter cada lágrima derramada, cada ente querido perdido... Como não tenho este poder, sigo agradecendo a todos que estão envolvidos no combate ao Coronavírus e, com o apoio das Costureiras Solidárias, na luta para minimizar os danos causados pela doença.

No fim, do ponto de vista da minha vida e família, acho que minha superstição estava certa. Quando, apenas na primeira metade do ano, eu pude me aproximar mais da minha família, ajudar com meu artesanato tantas pessoas que precisam e fazer tantos amigos (que muito em breve conhecerei pessoalmente) como fiz até agora?

Sendo assim, o ano de 2020 tem se mostrado um ano par à altura dos demais e sou grata por isso."

Sou Evelyn Shiguematsu, 34 anos, artesã, estudante do terceiro ano de enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem, mãe, esposa, filha, irmã, tia, neta, nora... coordenadora do grupo de costureiras de risco, voluntária, costureira!

De repente me vi impossibilitada de continuar os atendimentos nas clínicas, pois dentre várias profissões, o cirurgião-dentista é um dos que mais correria riscos de contaminação por Covid-19, então tive que pensar na equipe, nos pacientes e nos nossos familiares e parar tudo, todos os atendimentos.

A busca por equipamentos de biossegurança e informações de como nos proteger neste momento foi intensa, mas ao mesmo tempo tive oportunidades de fazer atividades no meu dia a dia que antes eu não conseguiria por conta do trabalho, como acompanhar o crescimento e os estudos da minha filha mais de perto e poder me devotar a algumas atividades para ajudar o próximo.

Foi nesse momento que eu ingressei como voluntária das costureiras solidárias através do convite de uma das minhas amigas. Comecei a fazer parte do grupo das costureiras solidárias bem no início. Foi um projeto que cresceu muito em pouco tempo, e eu tive a honra de presenciar a solidariedade das pessoas que faziam parte do projeto e também das que queriam ajudar de alguma maneira.

Através do projeto conheci pessoas especiais, que se não fosse a pandemia nunca teria conhecido e me encantado com a força e história pessoal de cada uma. Exemplos pra minha vida e para a vida da minha filha eternamente.

Sou Cristiane Yumi Nagao Nakamura, ortodontista, proprietária de duas clínicas odontológicas, mãe e esposa

O início dessa pandemia foi um tanto desesperador! Trancados em casa com um bombardeio de notícias ruins, mensagens de todos os tipos sobre a Covid e ainda um panorama sem perspectiva de melhora. Além disso, a incerteza de como seriam as nossas vidas em quarentena, desde as aulas virtuais das crianças, sair ou não para fazer compras, marido em *home office*.

Uma das coisas que me tocava muito eram as histórias que eu ouvia daqueles que estavam na linha de frente arriscando suas vidas. Eu tinha o privilégio de poder ficar em casa e eles não. Eis que no meio disso tudo surgiu o projeto das Costureiras Solidárias. Graças a ele sabia que de alguma forma poderia ajudar a proteger um desses profissionais, então me dediquei de corpo e alma a esse projeto. A experiência foi tão incrível, pois conheci e me aproximei de pessoas maravilhosas, dedicadas e engajadas para que tudo funcionasse bem, às quais tenho enorme gratidão. E estar no meio de um grupo que tem tanto amor envolvido e tanta vontade de ajudar o próximo faz nossas almas se acalentarem e termos fé e esperança de que tudo isso vai passar.

Sou Denise Emi Ido Suzuki, uma das coordenadoras dos transportes e das costureiras mais amadas do projeto Costureiras Solidárias SP, 47 anos, mãe e esposa

Comecei no grupo em 24 de março de 2020 costurando 50 máscaras de TNT. Os dias foram passando, a pandemia chegando e me senti como se estivesse anestesiada, congelada.

Em poucos dias me juntei ao grupo de coordenadoras e num piscar de olhos já éramos mais de 250 voluntárias trocando experiências de vida.

Foi como uma terapia de choque e me fez reavaliar todos os meus valores emocionais e materiais.

Aprendi a ter coragem, força para seguir em frente e nunca desistir de ser feliz.

Um sentimento imensurável de gratidão, de estar bem com a família e amigas, para enfrentar qualquer batalha da vida.

Fazer o bem me fez ficar bem!"

Sou Angélica Key Aihara Okubo, 44 anos, mãe, filha, esposa, coordenadora da logística do projeto Costureiras Solidárias SP

Capítulo 16

A História dos Doutores do Samba

Ruãuõto) laêao) Rêiêubo
j oáriãueõ)hereira
j oárião)Galvão)niana
Váuaráo)kune)Tçriõtiano
haulo) Rfonõo) e onteiro
hacçeco)Guimarãeõ

INÍCIO DA BANDA – DE NOVA GERAÇÃO A DOUTORES DO SAMBA

O samba de roda já é tradição na Escola Paulista de Medicina (EPM) desde a época da fundação da "Bateria 51", em 1979. A galera se reunia para o "Samba dos Velhos" no principal ponto de encontro dos alunos e ex-alunos da Escola, a Atlética - Associação Atlética Acadêmica Pereira Barreto (AAAPB). Os alunos que gostavam de samba juntavam-se aos integrantes da bateria para fazer o evento que oferecia som, diversão e as histórias das músicas que exaltam a nossa Escola.

O "Samba dos Velhos" já havia sido composto por Harada, Lino, Shwab, Rochinha, Negão, Pretto, Messias, Promissão, João Negão, entre tantos outros mestres. No final dos anos 1990, de forma esporádica mas ainda ativo, nas rodas de samba a galera encontrava um time forte e representativo do pagode epemista: Lula, Fralda, Achul, Boi, Catuta,

Danelon, Biola, Bessa, Perencin, Giba, Ednajar e Felipão, apelidos muito conhecidos nos arredores do complexo EPM/UNIFESP/HSP. Já no início dos anos 2000 os sambas diminuíram. Os novatos da época eram Rodrigão, Maurinho, Veco e Ike, que faziam parte da Bateria 51 e já tentavam participar do sambão.

Em 2002 a banda surgiu diante da dificuldade de reunir os "velhos" para tocar e com o objetivo de organizar as festas de samba com maior frequência. Com incentivo da turma 61, alunos das turmas 66 e 67, aventureiros, iniciaram uma nova banda de samba.

A primeira formação foi composta por: **Maurinho "Batata" 66,** que tocava música clássica e fazia as frases de samba no violão; **Fábio "Godzila" 66,** que tocava surdo e caixa na Bateria 51; "**Rodrigão" da Ortóptica/TO,** que fazia parte da bateria 51, tocava mais no "Samba dos Velhos" e foi o elo entre as gerações, **Frederico "Ferrão" 66,** que tinha começado a tocar cavaco e se lançava nos vocais; e **Murillo "Conga" 67,** que gostava de samba, jogava futebol e conhecia todas as letras das músicas.

Para reforçar o grupo, alunos da turma 68 (3º ano da época) que gostavam de samba foram chegando: "**Léo" Balsalobre 68,** que gostava de cantar e tocava o pandeiro; **Rodrigo "Perrella" 68,** que fazia parte da Bateria 51, da Mocidade Alegre e tocava o repique; **Oreste 68,** que aprendeu a tocar o pandeiro para reforçar a percussão da banda; **Augusto "Paçoca" 68,** que tocava guitarra e foi convencido a aprender a tocar banjo, além de fazer os solos das músicas. Nos primeiros ensaios na Atlética, ainda sem microfone e com poucos integrantes, outros dois caras do futebol decidiram entrar para a banda: **Renato "Cid" 67 e Paulo Guimarães "PA" 67,** que se prontificaram a completar a "cozinha" com afoxé e ganzá, respectivamente.

Assim, em 2002 se formou a nova banda de samba da EPM: o "**Nova Geração"**. A banda misturava estilos como samba raiz, partido alto, pagode e sambas da EPM.

SHOWS NA ATLÉTICA E INTENDEM

Com as músicas já ensaiadas, a primeira apresentação foi na Intermed de 2002 na casa do 6º ano que na época era Turma 65. A roda de samba não tinha microfone nem amplificador, mas o pessoal curtiu demais a nova

banda de samba da EPM. O incentivo do Biola 61, a motivação do Giba 61 e as críticas do Danelon 61 deram energia pro grupo se aperfeiçoar e criar uma nova era no samba epemístico.

A partir de então, todas as festas da Atlética, que geralmente eram às sextas-feiras, contavam com o samba do "Nova Geração", que tinha uma camiseta para identificar o novo time que ia melhorando a cada apresentação. Um dos *shows* memoráveis foi a festa da Interfono na Atlética, com cerca de 500 pessoas e mais de 4 horas de samba, um marco na época.

Em 2003 rolou o primeiro samba forte e bonito em uma Intermed na casa do sexto ano, Turma 66. Realmente, algo muito emocionante. Durante essa Intermed, Rodrigão e Fred conversaram e criaram um novo nome pra banda: **Doutores do Samba**.

Em 2005, novos alunos se interessaram em entrar para a banda: **Fernando "Amato" 71,** que estava se aperfeiçoando em instrumentos de percussão, dentre eles a cuíca; e **Eduardo "Perna" 71,** que era integrante da bateria 51, da Mancha e tocava caixa e chimbau. Eles realmente fizeram por merecer entrar no time dos Doutores do Samba.

Os Doutores do Samba organizavam e promoviam os sambas e os "Velhos" apareciam para somar e enriquecer o evento de samba que voltava forte no calendário de *happy hours* e festas no coração da EPM. Surgiram então convites de todos os tipos: churrasco de amigos, festas de ambulatórios, de Departamentos da Escola, de eventos de amigos dos amigos...

Nesse mesmo ano surgiram as composições originais, músicas autorais da banda, composições do **Paçoca 68,** totalizando cinco obras autorais que podem ser resumidas assim:

1. "Deixa": primeira composição em homenagem aos alunos e médicos do hospital que fugiam do plantão para ver a banda tocar de sexta-feira na Atlética. As festas frequentemente acabavam com polícia e reclamação de som alto por parte da vila que ficava atrás da famosa casa de massagem "Dra. Oyama". Até o reitor apareceu uma vez para reclamar do barulho.
2. "Samba do Bandejão": samba composto em homenagem ao bandejão da UNIFESP, ao seu Manoel, figura lendária da BIBLAC, e ao Celso, que era o segurança, funcionário da catraca.
3. "Primeira Vez": composição sobre peripécias do Paçoca, nem ele consegue explicar sem ficar vermelho.

5. "Atestado": homenagem àquele paciente que passou o maior sufoco para ir ao hospital pegar um atestado para não ir trabalhar, já que estava de ressaca da noite anterior.
5. "Salvação": composição do Paçoca a pedido do Maurinho que queria uma música em tom menor e com mais emoção na letra. O tom da música é em "Dm" e conta a história do término de um relacionamento.

As sextas-feiras da Intermed tinham Doutores do Samba para abrir a competição. Várias faculdades e muita gente da cidade se reunia nos bares das rodas de samba dos "índios". Em 2005, com a EPM campeã da Intermed em Santa Rita do Passa Quatro, os Doutores do Samba fizeram mais uma apresentação memorável na Intermed. Os Doutores ainda tocaram até o sexto ano da turma 71, em 2009, quando finalizaram suas apresentações nas competições.

VIDA APÓS A FORMATURA

Em 2006, já com as dificuldades de tocar na Atlética por causa do barulho, os Doutores do Samba saíram dos muros da EPM para tocar em barzinhos próximos. O primeiro bar foi o Biblioteca Bar, de um amigo do Fredão, no Bosque da Saúde, com capacidade para 50 pessoas e que logo não comportou mais o número de pessoas que vinham assistir aos *shows*. No nosso primeiro *show* no Biblioteca Bar a casa lotou, nossa consumação estourou o valor do cachê predeterminado e combinado com o dono do bar, mas ele acabou nos isentando de cobranças pelo grande sucesso e pela grande alegria que foi aquela noite.

Em 2007, com o aumento do público nos *shows*, os Doutores do Samba começaram a tocar no Bar e Espetinhos Lero-Lero, na Vila Clementino. A capacidade ali era muito maior, cerca de 100 pessoas. Nós contávamos com amigos para fazer o som ficar bacana, como o Dj Serginho, sempre parceiro. As apresentações dos "Doutores" viraram uma tradição não apenas para os alunos da faculdade de Medicina, Enfermagem, Biomedicina, Tecnologia Oftálmica e Fonoaudiologia, mas também para muitos profissionais do Hospital São Paulo, médicos residentes, fisioterapeutas, enfermeiros, nutricionistas, estagiários, chefes de ambulatórios.

Os *shows* mensais viraram ponto de encontro dos profissionais de saúde de vários hospitais. Logo, em 2008 foi necessário uma nova mudança de local que levou a banda até o então consagrado Bar Notredame, na Vila Olímpia, com capacidade para cerca de 1.200 pessoas. Foi nesse período que a banda se destacou mais, tocando junto com bandas famosas da noite, como a dupla sertaneja Lucylla & Luciana, amigos dos Inimigos da HP, além da então promissora Banda MBM. O auge de público foi a gravação do DVD que lotou a casa, com mais de 1.200 pessoas e contou com o lançamento das músicas autorais da banda. Pelo número frequente de *shows*, **Jorge Véspero,** que era amigo da banda e presidente do bloco Amigos da Vila Mariana, foi convidado a tocar pandeiro para reforçar o time de percussão.

Os Doutores do Samba tocaram em várias baladas de São Paulo, já com a promoção da UP2 Eventos: Vila Rica, Mercedes, Casa do Samba, Legítimo, Corleone.

Receberam convite para iniciar um projeto semanal no Bar Unyco no Morumbi, mas como seriam todos os finais de semana, era inviável pelos compromissos em hospitais e plantões.

Depois de 2011, com o término da residência médica, pós-graduação de vários integrantes, a vida profissional corrida, casamentos e filhos, os *shows* da banda passaram a ser menos frequentes, até que em 2012 a banda deu um tempo em suas atividades.

Mas a amizade dos seus integrantes sempre permaneceu viva, e pelo menos uma vez ao ano arrumam um encontro da família regado a muito samba e lembrança dos velhos tempos.

PROJETO LIVE SOLIDÁRIA – JUNTOS PELO HOSPITAL SÃO PAULO

Com o início da pandemia em fevereiro de 2020 o Hospital São Paulo, vinculado à EPM - UNIFESP e casa dos integrantes da banda, começou a passar por dificuldades para garantir a segurança dos profissionais de saúde pela falta de equipamentos de proteção individual (EPI). Foi lançada campanha pelos alunos e ex-alunos de todos os cursos da faculdade para ajudarem com doações para compra desses materiais.

Estávamos isolados há 45 dias aproximadamente, em quarentena, e os grupos de WhatsApp eram a válvula de escape para todos nós. Numa

troca de mensagens num certo dia no nosso grupo dos Doutores de Samba, recordamos como era bom o tempo que a gente podia se encontrar, tomar uma cerveja e tocar um samba entre os amigos, num churrasco ou acompanhados de uma pizza, falar sobre os nossos bons momentos na Atlética, na graduação, nas Intermeds. Surgiu a ideia de se reunir de alguma maneira, mas com esse isolamento radical a ideia quase perdeu força.

Já era início de maio de 2020, e aí o **PA** e o **Fredão** tiveram a ideia de fazer uma *live* dos Doutores do Samba beneficente, para ajudar na arrecadação de dinheiro para compra de EPI e outros materiais que faltavam no Hospital São Paulo. Logo a ideia ganhou um impulso e se transformou em um Projeto escrito no papel, tomando corpo e forma cada vez maiores.

No dia 08 de maio de 2020 os integrantes da banda se reuniram na pizzaria Ritorna na vila Clementino, a portas fechadas, preocupados e seguindo os protocolos de distanciamento e proteção, para discutir os detalhes e a divisão de trabalhos na realização do evento. Será que seria possível? Mas como??? Ninguém fazia ideia do que estaria por vir. Tínhamos que correr contra o tempo, marcamos a *live* com 21 dias de antecedência e esse era o nosso desafio.

PA logo buscou o apoio da EPM - Unifesp, do Voluntariado e do Hospital São Paulo, que receberam com entusiasmo desde o início, contando com o suporte do Prof. Manoel Girão, Prof. João Aléssio e Dr. José Roberto Ferraro. Logo na semana seguinte o Léo conseguiu nosso primeiro patrocinador, que nos deu a mínima tranquilidade financeira, viabilizando a realização do evento; ainda consegui uma matéria no G1 divulgando a nossa *live* solidária. A partir daí, outras emissoras e canais de mídia como SBT, TV Gazeta, Record, Isto é, ESTADÃO etc., ajudaram na divulgação. O Fredão, PA, Leo e o Rodrigão viraram os garotos-propaganda da banda e davam uma entrevista quase que a cada 2 dias.

Da noite para o dia, Paçoca e Amato criaram o *site* dos Doutores do Samba, Instagram, Facebook, Youtube, Spotify, Deezer e SoundCloud, mídias que foram fundamentais para alavancar nosso evento. Perrella e Rodrigão ficaram encarregados da *playlist*, e não economizaram, 45 músicas... e o Perrella virou maestro dos ensaios das vozes.

O Perna ficou responsável pelo controle das doações e contato com o financeiro do Hospital São Paulo/Colsan e aplicativos de doações. O Godzilla organizou os ensaios no formato ajustado. Todos se envolveram em patrocínios, era foco 25 h por dia. Jorge conseguiu um ensaio técnico

memorável em uma das casas mais tradicionais do samba paulistano: Traço de União. Todos os integrantes e os amigos dos amigos dos Doutores do Samba foram responsáveis por conseguirmos os vídeos de divulgação e apoio de artistas famosos como: Vampeta, Marcelinho, William Bigode, Edilson, Neto, Velloso, Flavio Prado, Thiaguinho, Thais Ferçosa, Michel Teló, Zico, maestro Jose Carlos Martins entre outros, a quem somos muito gratos pela ajuda. O Voluntariado da Escola e os alunos da faculdade ajudaram com a edição dos vídeos e a arte do *marketing* da banda.

DIA 31 DE MAIO DE 2020 – DIA DA LIVE SOLIDÁRIA DOS DOUTORES DO SAMBA

Após muito trabalho e ensaios noturnos, a banda conseguiu realizar o grande dia. A equipe da *Live XP* doou carinhosamente o seu espaço com equipamentos de filmagem e som impecáveis, além de garantir a segurança da banda com uso de álcool gel, mensuração de temperatura, máscaras e divisórias de acrílico. Empresas fizeram doações de cerca de R$ 500 mil em EPI. O **Nelsinho** irmão do PA foi convidado a ser o apresentador da *LIVE*, e com incrível facilidade, bateu bola com o Léo e Fredão durante o *show* e se encarregou de segurar o público nos nossos dois pequenos intervalos de 10 minutos ao longo das mais de 4 horas e meia de *live*.

A *LIVE* começou as 16:00 h e só terminou depois das 20:30 h, e contou com participações do diretor da Escola Paulista de Medicina, Prof. Dr. Manoel Girão, Prof. João Aléssio, do humorista Diogo Portugal, jogador de futebol Denilson, músico do BokaLoka Toninho Branco e muito samba. A audiência chegou a mais de 2.300 pessoas simultâneas e a *LIVE* teve um total de 31 mil visualizações no Youtube. O total arrecadado foi cerca de R$ 800 mil entre valores em dinheiro e EPI. Ao término da *LIVE*, a banda comemorou o sucesso do evento com sensação de missão cumprida.

Com certeza este projeto foi o momento mais importante da história da nossa banda. Ficamos realizados, orgulhosos e emocionados em resgatar todo nosso amor, nosso carinho e nosso sentimento de gratidão, doando em forma de música e alegria, e retribuindo um pouquinho a tudo que nossa casa significa para cada um de nós.

REPERCUSSÃO APÓS A LIVE

Após a *live*, recebemos inúmeros agradecimentos *live* de professores, ex-alunos e diretores da EPM - UNIFESP e do Hospital São Paulo. Profissionais de outros hospitais e os pacientes de cada um dos "Doutores do Samba" nos parabenizaram pela iniciativa.

A nossa mensagem de amor à EPM, ajuda ao HSP, responsabilidade na crise de saúde mundial e de alegria e alto astral do samba foi dada da maneira que queríamos, e foi só neste momento que tivemos a certeza disso.

O reconhecimento da importância da *live* dos Doutores do Samba para sua geração surgiu rapidamente com a organização do Dia do Trá-cá-trá em 14 de junho de 2020, ao utilizar trechos das nossas músicas e clipes da *live* como fundo para vários vídeos do evento.

A *Live* beneficente dos Doutores do Samba – "Juntos pelo Hospital São Paulo" nos despertou para um novo propósito, e em breve surgiremos com novos projetos.

Juntos pela Escola, pelo Samba e pela Amizade!

Trá-cá-trá!!!

Nomes dos integrantes:

- Mauro Toledo Leite
- Rodrigo Galvão Viana
- Frederico Teixeira Barbosa
- Fabio Leite Vieira
- Murillo Ferri Schoedl
- Renato Radaelli
- Paulo Afonso Monteiro Pacheco Guimarães
- Leonardo Lopes Balsalobre Filho
- Augusto Takao Akikubo Rodrigues Pereira
- Rodrigo Perrella
- Oreste Lemos Carrazzone
- Eduardo Sune Christiano
- Fernando Campos Moraes Amato
- Jorge Véspero Garcia

Capítulo 17

Sentimentos

Tracatrá, um Fio Condutor

bacob)k Àejnfelá

Momentos passam. Reconhecimento, experiências e emoções ficam.

As Histórias se repetem ...

Em 1968 entrei na Escola Paulista de Medicina. Nesta ocasião eu era um menino de 17 anos, fui e sou o caçula da minha turma.

Os anos eram estranhos para mim e acredito, com certeza, para todos.

Particularmente chegava a um mundo novo, perseguindo inocente o sonho de ser médico. Com a convicção e certeza de uma realização pessoal. Minha vontade era ser médico. Assim como todos jovens recém-saídos da alfabetização e ensino básico, decidi meu rumo, minha vida. Cheguei na Universidade para ser médico. Só pensávamos nisto!

O cenário externo era desolador.

A repressão do regime militar recentemente instituído era o pano de fundo para a recepção aos calouros, quase um cenário de guerra. Durante o trote um "aluno infiltrado" chegou a sacar uma arma contra um calouro. Quase terminou em tragédia.

O TracaTrá falou mais alto. Cabeças raspadas, fomos captar recursos para a festa *chopp* dos veteranos e comemorar.

O ambiente dos alunos da EPM era fraterno, caloroso e receptivo; contrastava com a dureza das relações do nosso mundo externo.

A música que unia todos era o TracaTrá. A atividade que nos agregava era o esporte. A unanimidade era ganhar a Santa-Pauli-Med e a Pauli-Poli.

Nas Assembléias, não havia unidade, nas quadras e pistas era só TracaTrá.

O cenário da Escola Paulista/Hospital São Paulo desses anos iniciais também era tenebroso: Hospital São Paulo enfrentando 6 meses de greve, hospital sem recursos, dificuldades para cumprir o programa de ensino. Nenhuma perspectiva de solução.

Naquela ocasião muitos (eu inclusive) duvidavam que a Escola ou o Hospital São Paulo pudessem sobreviver. Nosso sonho se esvaindo. A Federalização da EPM e do HSP oportunamente foi conseguida.

Mas tivemos sorte, a situação foi se acomodando e o ensino/atendimento retomados com muita qualidade.

Enquanto isto sempre o TracaTrá.

Nossa turma teve muitas competências: ofereceu a base das seleções esportivas. Veludo, Lugó, Celsão, Claudio Mateus, Zé do Caixão compuseram durante todo o curso a base do futebol da nossa escola. Foram se incorporando aos ícones da época, Del Grande (Buru), Ulisses, Menon, Várzea, Gerd Jardim, entre tantos.

TracaTrá... entre um evento ou outro... Tem que estudar...

A proximidade das relações dos alunos com os professores, referências da medicina nacional, proporcionavam relacionamento acadêmico quase familiar. Diria que a proximidade e a convivência de alunos e professores era o diferencial.

Tivemos sorte. Assistimos a aula inaugural do Prof. Prates. Trombávamos com Prof. Oswaldo Ramos nos corredores e enfermarias. Acompanhávamos os ensinamentos e projetos de Moacir de Padua Vilela, Dirceu, Galluzzi, Bocanegra e Fefferman. Descíamos o elevador e tomávamos café com Delácio, Camano, Otaviano e Geraldo Rodrigues Lima. Pedro Paulo MonteLeone (PP) foi nosso paraninfo e guia. Cuidou de nossa turma e união até o último dos seus dias.

Nosso hospital sempre fechando, o dinheiro sempre acabando, tudo faltando...

Formamos-nos e o futuro, para nós, parecia cor de rosa pois éramos jovens com uma vida pela frente. Nossos sonhos se materializavam.

... Mudou o cenário, tem que trabalhar e tem que estudar...

Fiz radiologia inspirado pelo professor Feres Secaf. Ele fazia mágica interpretando uma simples radiografia. Só havia raios X. Nenhum outro método era cogitado nem imaginado na época.

Imaginem...

As dificuldades do Hospital São Paulo e da Escola sempre existiram. Apesar disto sempre persistiu um ambiente amistoso e relacionamento próximo entre professores e alunos. Um ambiente de alta qualidade, ou seja, propício para desenvolver novas técnicas, novas pesquisas, novas visões acadêmicas. Tudo de novo.

A escola era uma família e toda família tem seus problemas.

Mas, onde há problemas também há oportunidades. **TracaTrá**

TRACATRÁ: UM GRITO DE ALEGRIA, SUPERAÇÃO, VITÓRIA E AMOR

Na adolescência científica tive a oportunidade de acompanhar o nascimento do ultrassom e ser o primeiro coordenador do setor na Radiologia da Escola.

Neste cenário os Departamentos se organizaram e consolidaram as Disciplinas, os grupos de Pesquisa conduzidos por líderes e mentes privilegiadas colocaram nossas pesquisas em evidência e reconhecimento.

A EPM é lugar de oportunidades. Implantar novas técnicas com a proximidade dos grandes professores é único em nossa instituição.

Tivemos o privilégio de acompanhar e apoiar os novos serviços e projetos pioneiros, implantados com sucesso em nosso hospital. Os primeiros transplantes renais do professor Medina, acompanhar atendimento e cirurgias da equipe da gastroclínica e cirúrgica encabeçadas por Moacir de Pádua Vilela, Tarciso e Del Grande.

Participar das incontáveis discussões clínicas-radiológicas do dia a dia é o segredo de nossa Escola e da minha formação.

Nesta Escola convivemos com vários "Espremedores de Limão", pois é preciso muito limão para se fazer uma limonada ou até caipirinha... TracaTrá!

Entre um TracaTrá e outro vimos nascer vários filhos pródigos como o Hospital do RIM, o GRAAC, o IBEPO, a COLSAN, a AFIP e a FIDI (onde estou diretamente envolvido). Instituições de excelência e líderes nas suas áreas de atuação, exemplos de gestão e práticas de eficiência.

Estas instituições, além de contribuírem como líderes nas respectivas áreas de atuação, são uma extensão no ensino e na pesquisa e não deixam de prestar suporte à instituição mãe, a grandiosa Escola Paulista de Medicina.

Enfim, o espaço ficou pequeno e a Universidade Federal de São Paulo passou a ser o horizonte a ser oferecido e ocupado.

TRACATRÁ É UM GRITO DE ALEGRIA, DE SUPERAÇÃO, DE VITÓRIA E DE AMOR. TRACATRÁ É EMOÇÃO E PORTANTO DIFÍCIL NÃO SE EMOCIONAR

Há 2 anos (2018) tivemos a oportunidade de participar da organização das comemorações de 85 anos de EPM. A comunidade epemista reagiu de maneira grandiosa ao convite para essa festa, solicitada pela Profa. Emília Sato. Participaram em torno de 5.400 alunos, veteranos e calouros, de forma efusiva e fraterna no evento que marcou a renovação dos laços de união de nossa comunidade.

O TracaTrá que acompanhou representantes da comunidade de todas as turmas foi entoado e celebrado no seu maior nível.

FOI O MAIOR TRACATRÁ DA HISTÓRIA DE NOSSA COMUNIDADE

Em 2020 estamos vivendo em nosso país uma tragédia mundial que é a epidemia pelo Covid-19. Esta virose mortal que está acometendo o nosso planeta está infligindo dificuldades, sofrimentos e mortes. A pandemia

provocou a quarentena Mundial. Novamente nos vemos num cenário terrível e aparentemente sem perspectivas.

Um aspecto menor, neste ano, diante de tamanha tragédia é a impossibilidade de comemorar o aniversário EPM. O diretor da Escola Paulista, Prof. Manoel Girão, e a Congregação da EPM entenderam como pertinente criar a data comemorativa como oficial no calendário da Escola Paulista de Medicina. O **segundo domingo do mês de junho** ficou consagrado a esta comemoração, o dia do TracaTrá, consagrando o aniversário da Escola Paulista de Medicina. Em 2020, o dia do TracaTrá foi comemorado. A sua primeira comemoração oficial, portanto, aconteceu dia 14 de junho.

Infelizmente, a primeira festa ocorreu na vigência de quarentena e de distanciamento social, mas a quarentena não foi obstáculo suficiente para impedir a declaração de identificação, amor e reconhecimento à Escola Paulista de Medicina.

A data foi comemorada em Evento Virtual, e acompanhada por 5.700 alunos, ex-alunos, professores, médicos e equipes de enfermagem e de suporte.

O Título da festa foi oportuno, animador e quase profético.

"A Pandemia vai passar e o TracaTrá vai continuar."

A festa foi surpreendente mas ficou faltando o abraço afetuoso de reencontro de todos. Este calor pôde ser sentido nas mensagens e participações. Mas ainda insuficiente.

Este abraço impossível nesse momento ficará reservado e compromissado para o próximo ano, quando será comemorado o 88º aniversário da EPM.

Será o **TracaTrá do infinito – 88 anos de EPM.**

CAPÍTULO 18

Hospital São Paulo

e anoel) boão) Satiõta) Taõtello Girão

O registro destes momentos iniciais ganha especial intensidade quando focamos o olhar nas atividades do nosso Hospital Universitário, o Hospital São Paulo.

Algumas palavras iniciais sobre este hospital se fazem necessárias para que se entenda o vínculo existente entre ele e nós, médicos formados dentro de suas paredes. Imaginem o impacto no imaginário de alunos de tenra idade dando seus primeiros passos na medicina há mais de 40 anos, numa sociedade de menor complexidade, mais acolhedora e sonhadora, mas também ainda sob forte influência dos anos da ditadura (conhecidos também por anos de chumbo). O Hospital São Paulo era e ainda é sentido como nossa segunda casa.

Transpondo para os dias atuais, mister se faz registrar a imensa dificuldade de preparar as linhas assistenciais para o atendimento aos casos de Covid-19 e ao mesmo tempo manter o pronto-socorro de portas abertas e o atendimento dos casos não Covid. Os docentes dos vários Departamentos da EPM se uniram e num movimento coordenado pelo Departamento de Medicina deram amplo suporte à Diretoria do HSP e da EPM, criando o ambiente que permitiu manter a estrutura assistencial funcionando de forma exemplar.

Outro capítulo muito relevante a ser pontuado foi a atuação, novamente, do grupo de voluntários com iniciativas de suporte às equipes assistenciais. Organizaram doações variadas, desde EPI até alimentos e "mimos", que atuaram muito positivamente na psique das

equipes. Apenas como exemplo aqui relato a iniciativa da “cozinha solidária”, que movimentou a sociedade geral no preparo de bolos e pães para as equipes de plantão no Hospital. Neste mesmo sentido registro a importância da campanha de doações “doe HSP”.

HOSPITAL SÃO PAULO: EXCELÊNCIA NA ASSISTÊNCIA, NO ENSINO E NA PESQUISA DURANTE A PANDEMIA

• Rna)ducia)dana)f emi)•)boõˆ)j oberto)Ferraro

O enfrentamento da Covid-19 em um hospital como o Hospital São Paulo (HSP) guarda uma característica que explica não apenas o sucesso dos resultados que obteve nesse enfrentamento como, também, as dificuldades que apareceram como resultado deste mesmo sucesso. Hospital Universitário da Universidade Federal de São Paulo e, ao mesmo tempo, hospital filantrópico vinculado à Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM), o HSP dedica 95% dos seus leitos para o SUS. Ele é, portanto, um espaço no qual a população encontra os melhores e mais qualificados tratamentos, resultado da excelência das pesquisas que nele se desenvolvem e da alta qualidade dos profissionais nele alocados.

Quando os primeiros sinais de que o Sars-Cov-2 ganharia as rotas marítimas e aéreas do planeta bateram na costa brasileira e nos aeroportos do país, ainda em janeiro, a Superintendência do Hospital São Paulo formou um Comitê de Enfrentamento da Pandemia Covid-19 que, em fevereiro, já se reunia semanalmente. Os tempos que viriam, previa-se, não seriam fáceis, mas, acima de tudo, eram ainda imprevisíveis, seja pelos processos biológicos de transmissão e de cuidados preventivos e curativos, seja pelos custos econômicos para as instituições de saúde. Desde 2017, o HSP já enfrentava constrangimentos financeiros que decorriam não apenas dos valores da tabela SUS, mas do enorme equívoco que retirou do Hospital os benefícios do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (REHUF), fato que levou à perda de 30 milhões de incentivos anuais e ao fechamento de leitos. Desde então, o Hospital operacionalizava algo em torno de 80% de sua capacidade instalada de 753 leitos, de modo a minimamente equilibrar seus balanços financeiros. Mesmo tendo conseguido reverter

apenas parcialmente o equívoco referido, com apoio da Unifesp e da SPDM e a chegada de 8 milhões anuais via ações judiciais e MEC, ainda se esperava voltar a usar toda a capacidade instalada e finalizar reformas em setores importantes. Este quadro financeiro difícil, no entanto, não diminuiu a coragem dos profissionais do Hospital diante do vírus desconhecido.

Hospital de ensino e, também, integrante da rede de saúde pública, que conta com 1.500 residentes e desenvolve assistência, ensino e pesquisa, o HSP não poderia deixar de responder ao chamado da sociedade, mas, para isso, haveria que reorganizar seus espaços, projetar redistribuição de leitos, equipamentos, insumos, medicamentos e profissionais, além de propor protocolos e fluxos novos, mais afeitos aos desafios colocados por uma pandemia provocada por um vírus, então, pouco conhecido. O HSP escolheu atender à sociedade em caráter híbrido, de modo que foram criadas enfermarias e UTI Covid e não Covid, além de se ter preparado a distribuição de insumos de higiene em lugares estratégicos dos espaços do hospital, facilitando o acesso dos profissionais. Destaque-se, ainda, a manutenção do Pronto-Socorro (PS) aberto, de modo que a divisão dos espaços entre Covid e não Covid se evidenciou em todas as suas estruturas. Esse processo todo de reorganização começou a ser efetivado já em fevereiro, assim como as atividades do Laboratório de Virologia, da disciplina de Infectologia, para testar pacientes suspeitos, começaram em 26 de janeiro e foram fundamentais para a agilização dos processos de identificação e separação de pacientes diagnosticados.

Em primeiro lugar havia a urgência de proteger os profissionais do hospital, seja por meio de equipamentos de proteção, pelo treinamento para os cuidados necessários, a cargo do Centro de Controle de Infecções Hospitalares (CCIH) mas, especialmente, pela observação de seus sofrimentos e dificuldades emocionais em meio a uma pandemia que a todos assustava. O setor de Engenharia Clínica, por exemplo, e apenas para citar uma dificuldade cotidiana, relatou casos em que empresas não queriam entregar produtos no hospital, não queriam nem chegar perto. Imagine-se o medo dos profissionais que dentro dele diuturnamente enfrentavam o Sars-Cov-2 e a angústia de levá-lo nas roupas e acessórios para a casa e os parentes. Desta forma, o trabalho multiprofissional Interconsultas, além de atender pacientes e familiares, dedicou-se, com apoio do departamento de Psiquiatria da EPM, a cuidar da saúde emocional e mental dos funcionários do Hospital. Desta forma, quando o hospital recebeu o primeiro paciente testado positivamente para a Covid-19, no dia 13 de março, o processo de reorganização, embora já

adiantado, ainda exigia ações, aliás, os meses seguintes exigiram releituras de ações e encaminhamentos novos a cada novo desafio, a cada novo debate que se levantava na sociedade, nas Mídias, na OMS e nas esferas de governos às quais o Hospital responde.

Em março suspenderam-se as internações eletivas, com exceção aos oncológicos e graves, assim como as consultas e procedimentos ambulatoriais, ao passo que se iniciaram os atendimentos na nova Unidade de Infecções Respiratórias (UIR) e abriram-se espaços específicos para tratamento para Covid-19 no 11º andar e no PS, este responsável pela primeira triagem dos pacientes. Em abril seriam necessárias uma expansão na UTI do sexto andar e a transformação da UTI/Pneumologia em UTI Covid-19. Em junho ainda seriam inaugurados 31 leitos para UTI Covid-19. Em meio a toda essa reestruturação, na qual a solidariedade das disciplinas que abriram mão de leitos merece especial relevo, temia-se o desabastecimento e a alta dos preços dos EPI e medicamentos, entre os quais se destacam os anestésicos, assim como aumentava a insegurança dos profissionais em função do aparecimento de casos Covid-19 fora das *coortes* específicas. E isso sem contar os funcionários afastados por serem de risco ou estarem sob suspeita de infecção. Novas contratações foram necessárias, os processos seletivos abertos, via Unifesp e via SPDM, permitiram trazer mais 530 profissionais para atuar desde a manutenção, o controle e higiene de equipamentos e estruturas, como a caldeira, enfermaria, fisioterapia, intensivistas e especialidades médicas.

As novas rotinas de exames, os protocolos de intubação e ventilação desenvolvidos, assim como o fortalecimento do papel das equipes multiprofissionais, foram beneficiados pelos estudos clínicos resultantes de relatos e dados empíricos construídos em meio às manifestações da doença que se iam dando a conhecer desde o PS, passando pela UIR até os leitos das UTI. Rastros do século XVIII, quando as reformas iluministas propuseram a construção de um mundo de cidadãos portadores de direitos e definiram a utilidade do trabalho como elemento ordenador da riqueza das nações, momento em que a saúde dos povos se tornou assunto da governação, o que implicava a escrita de tratados médicos e a reorganização dos espaços hospitalares. Considerando que grandes teorias não poderiam dar conta das manifestações de doenças, que muitas vezes se traduziam em epidemias e pandemias, os médicos daquela época se propuseram a relatar *clinical histories*, fundamentais para que se compreendesse uma nosologia, para que se pudesse classificá-

la, reconhecendo sua subjetividade e buscando os seus sinais objetivos, de modo a qualificar os tratados médicos que seriam usados nos hospitais, nas clínicas e nas ações em saúde pública. Nessas primeiras décadas do século XXI, o que no final do XVIII se chamava de *bedside,* expressão empírica do ofício médico ao lado dos leitos, parece ainda fundamental para a recolha de informações sobre as manifestações de uma doença, especialmente em momentos de pandemia, e os pesquisadores vinculados ao HSP e à UNIFESP, em todas as suas especialidades, apoiados pelos profissionais que garantem o funcionamento das suas estruturas, mostraram-se bastante ciosos dos seus ofícios. Foi assim que se observou que algo em torno de 50% dos pacientes de Covid-19 desenvolviam insuficiência renal, indicando a necessidade de equipar leitos para esta terapia.

Olhando-se os resultados, agora entre outubro e novembro, quando as estruturas criadas para o enfrentamento da Covid-19 aos poucos começam a se desfazer diante do planejamento de retorno às atividades, não há dúvida de que a capacidade instalada do HSP foi fundamental para que seus profissionais pudessem responder aos desafios colocados pela pandemia. Não houve paciente que não tenha sido atendido, assim como não houve profissional no Hospital que não tenha recebido os cuidados necessários para sua saúde física e emocional. Mas a trajetória foi acidentada, os respiradores que o estado de São Paulo comprou chegaram apenas no início de junho, e os recursos para os novos leitos abertos só chegaram quando já estavam devidamente organizados pela Engenharia Clínica em parceria com o Comitê de Enfrentamento. No mesmo sentido, o aumento dos custos de EPI só foi minimizado pelo apoio de empresas que fizeram doações, e porque houve uma que se recusou a vender por preços acima do justo. Desta forma, assim como o Hospital respondia às necessidades da sociedade civil, esta também soube amparar a instituição. O HSP recebeu R$12.542.690,52 em doações em dinheiro, e também R$10.343.192,82 em doações de materiais, medicamentos e alimentos, o que permitiu finalizar reformas, realizar a manutenção de equipamentos e adquirir novos equipamentos. Além disso, os novos leitos foram credenciados com apoio público e o HSP, sendo filantrópico, recebeu 11 milhões de Recurso Federal. O conjunto de apoios vindos da sociedade agora já recuou bastante, e os custos dos leitos credenciados são maiores do que o efetivamente pago pelo SUS. O impacto financeiro das ações encetadas para mitigação dos efeitos da pandemia seguramente não será coberto pelas doações, só o impacto mensal na folha de pagamentos, por conta dos profissionais temporários

contratados, foi de R$1.200.000,00/mês. Mesmo com o desligamento desses profissionais, à medida que a pandemia demonstra recuar, o passivo construído não tem como ser coberto apenas com a realização das atividades que foram represadas durante a quarentena, o déficit mensal do HSP em setembro era de R$8.000.000,00. Isso tudo sem se considerar a necessidade de que determinadas ações e estruturas sejam mantidas, quanto mais não seja pela possibilidade de novos surtos de Covid-19 ou pela iminência de novas pandemias respiratórias que podem decorrer de zoonoses ainda desconhecidas.

O HSP corre o sério risco de ter o uso da sua capacidade instalada diminuído novamente, caso os recursos aportados pelo credenciamento de novos leitos sejam de fato retirados, o que já se está verificando neste mês de outubro. Observe-se o paradoxo: um hospital da rede pública de saúde que oferece atendimento de excelência para a população pobre e desprotegida pode não conseguir usar toda a sua capacidade instalada para cumprir a sua função definida pela Constituição do Brasil em seu artigo 198, pode não conseguir manter as suas ações de prevenção, cuidado e pesquisa que são fundamentais para o enfrentamento de novas pandemias que parecem já se avizinhar, e para as quais não teremos respostas rápidas, fato que incidirá mais gravemente, como aconteceu com esta pandemia, sobre as populações pobres que dependem do Hospital São Paulo.

Sem dúvida, as respostas do HSP e dos seus profissionais à pandemia de Covid-19 foram muito mais robustas do que os recursos aportados, como de resto tem sido a história do SUS desde 1988, e por isso cabe louvar o HSP e o SUS. Mas é preciso cobrar das autoridades para que cumpram a Constituição do Brasil e para que definam o lugar de tais recursos no orçamento das três esferas de poder, de modo que novas quarentenas não sejam necessárias, posto que podemos organizar a sociedade e as instituições de saúde com novos protocolos, mais leitos e fluxos estruturados entre as UBS e os hospitais que, à partida, sejam mitigadores dos efeitos de próximas pandemias. Cabe finalizar lembrando que o país perdeu o tempo da testagem quando isso poderia ter minimizado os processos de transmissão, as equipes formadas com os agentes comunitários de saúde vinculados às UBS poderiam ter sido usadas em uma rede de verificação de tais processos, mas mesmo assim o SUS, e dentro dele o HSP, respondeu de uma maneira que nos permite afirmar que se não fosse por ele teria sido muitíssimo pior. Vida longa ao SUS e ao HSP!

Narrativas produzidas a partir dos seguintes depoimentos recolhidos:
José Roberto Ferraro
Sandra Campos
Newton Barros
Marcelo Santos
Ieda Carneiro
Paulo Abraão Ferreira
Arnaldo Colombo
Nancy Cristina
Flávia Machado
Heloísa Santana Rossetti
Vanessa de Albuquerque Citero
Jane Cristina Dias Alves
Cláudia Carlos
Victor Piovezan
Deivid Monteiro
Marcos de Souza Evangelista
Carlos Cesar Meireles

Capítulo 19

O Legado

A ATUAÇÃO DA SPDM DURANTE A PANDEMIA

•)j onaláo)j amoõ)daran jeira

No ano de 2020, a SPDM - Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicna completou 87 anos. Já se passaram mais de 8 décadas desde que um grupo de profissionais criou a Sociedade Civil da Escola Paulista de Medicina (EPM) para organizar o curso da segunda escola médica de São Paulo. Desde então, a experiência acumulada no campo da atenção à saúde, ensino, pesquisa, gestão de hospitais e outros equipamentos de saúde faz da SPDM um centro acadêmico-assistencial de grande expressão, essencial para o aprendizado e aperfeiçoamento profissional de alunos de cursos de todas as áreas da Saúde. Sua unidade pioneira, o Hospital São Paulo, fundado em 1940 para o ensino prático dos alunos da Escola Paulista de Medicina (EPM), tornou-se um dos principais hospitais universitários do País.

Todo este *know-how* da instituição foi fundamental para o enfrentamento de um dos maiores desafios, não apenas de sua história, mas também de nosso país: a pandemia de Covid-19. Hoje, a SPDM encontra-se presente em sete estados do território nacional, com mais de 52 mil colaboradores diretos, contribuindo de forma efetiva para a melhoria contínua dos serviços prestados pelo sistema de saúde do Brasil.

A SPDM é uma empresa filantrópica moderna, que busca a sustentabilidade econômica, social e ambiental. Desde a sua fundação, atua em conformidade com a legislação e na prestação de contas aos órgãos contratantes, reguladores e fiscalizadores. Como empresa socialmente responsável, a SPDM possui práticas de gestão baseadas no sistema de governança corporativa, que tem na transparência um dos seus pilares. Para tanto, adota ferramentas como o Manual de

Conformidade Administrativa, Políticas e Princípios de Integridade, ferramenta de combate à corrupção que leva ao conhecimento de seus colaboradores e prestadores de serviços a política e os princípios de integridade adotados pela Instituição. Devido às boas práticas e controle legal adotados no exercício de suas atividades, já recebeu o Prêmio *Compliance* Brasil na categoria Inovação.

Toda essa estrutura e conhecimentos de gestão acumulados foram essenciais para que a entidade, em parceria com o poder público do Estado de São Paulo e de diversos municípios, por exemplo, pudesse desempenhar um papel de destaque durante a pandemia de Covid-19. A adoção das melhores práticas, tanto na área assistencial quanto em gestão, permitiu que a SPDM oferecesse uma resposta positiva ímpar à população brasileira, montando estruturas e equipes em tempo recorde, com base em processos validados e reconhecidos por diversos órgãos acreditadores nacionais e internacionais.

Isso fez com que a associação ampliasse sua atuação na área da saúde, sendo, sem sombra de dúvidas, uma das Organizações Sociais de Saúde mais atuantes no combate ao novo coronavírus no Brasil, senão a mais atuante. A entidade chegou a gerenciar 2.360 leitos de UTI e de enfermaria destinados a pacientes com suspeita ou confirmação de Covid-19 em diversos estados, como São Paulo, Minas Gerais e Ceará.

Os leitos foram disponibilizados no Hospital São Paulo, que passou por ampliações para atendimento a pacientes diagnosticados com Covid-19, recebendo equipamentos como respiradores e monitores cardíacos, e também em diversos hospitais estaduais e municipais. Porém, aqui cabe uma lembrança especial, sobre os Hospitais de Campanha gerenciados pela associação, que representam um verdadeiro *case* de agilidade diante de uma situação crítica vivida pelo país.

A evolução constante da Covid-19 no Brasil não exigiu apenas o reforço do atendimento nas unidades já gerenciadas pela SPDM. A entidade também passou a atuar em cinco hospitais voltados exclusivamente para o combate à doença, sendo três no estado de São Paulo, um em Minas Gerais e um no Ceará. Foram mais 750 leitos específicos para tratar a doença nestes locais. Todos de Campanha, com exceção ao situado em Minas Gerais.

Os Hospitais de Campanha são locais montados especialmente para proporcionar acolhimento aos casos considerados de baixa ou média complexidade, para que os hospitais convencionais, que dispõem de estruturas mais complexas, concentrem o atendimento de pacientes

críticos. Em São Paulo foram montados na capital 310 leitos no Palácio de Convenções do Anhembi, na Praia Grande 95 no Ginásio Falcão e em Taboão da Serra 64 leitos no antigo Serviço Especializado de Reabilitação. Como nesses espaços tudo e todos estão voltados para tratar pessoas com uma única doença, os processos e protocolos acabam por ter adesão e assertividade, além de concentrar esforços, metodologias e conhecimento.

Em Fortaleza, 224 leitos foram montados no Estádio Presidente Vargas. Já em Uberlândia foram 67 leitos no imóvel onde funcionava o Hospital Santa Catarina, que foi reativado para atender exclusivamente pacientes com Covid-19. Devido às características peculiares que a Covid-19 apresenta, o rápido aumento da disponibilidade de leitos foi muito importante para combater uma doença tão grave e impactante como esta, causada pelo novo coronavírus.

Todo esse esforço na implantação de leitos e unidades exigiu uma rápida e precisa análise de cenário, planejamento e capacidade de execução que somente uma entidade com mais de 80 anos de experiência em saúde poderia oferecer. Mesmo assim, é preciso lembrar que estamos falando de uma nova doença, uma descoberta, que tornou ainda mais difícil o cenário de prestação de serviços à população – foi necessária uma constante adaptação a novas informações e situações para atender com eficiência às expectativas dos parceiros, pacientes e seus familiares. E essa adaptação foi muito além da expansão de leitos. Passou também pelo uso de soluções tecnológicas, nas mais variadas formas e setores, como por exemplo no de recursos humanos.

Desde o início da pandemia de Covid-19, a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina usou a tecnologia como aliada para combater o avanço do novo coronavírus no Brasil. A ampliação do número de leitos destinados a pacientes com Covid-19 em hospitais que gerencia proporcionou também o aumento de milhares de vagas para profissionais da saúde, em especial médicos, técnicos de enfermagem e fisioterapeutas, com especialização em pacientes graves. Por isso, para evitar deslocamentos e aglomeração dos candidatos, a SPDM adotou o processo de seleção e recrutamento *online*. Assim, as etapas da seleção acontecem virtualmente, por meio de uma plataforma que o candidato acessa.

A triagem obedece aos mesmos critérios dos processos seletivos tradicionalmente realizados pela SPDM, mas à distância. Além de otimizar os processos, o *software* adotado pela instituição utiliza

inteligência artificial, garantindo a visualização dos candidatos que possuem maior aderência às vagas.

Unidades administradas pela SPDM também implantaram novidades no combate à Covid-19, como foi o caso do Hospital Regional de Sorocaba Dr. Adib Domingos Jatene. O hospital investiu em tecnologia para incrementar a assistência ao paciente e preservar a equipe de intensivistas, implantando na UTI um sistema de câmeras de alta precisão que possibilita monitorar os pacientes à distância. Além da economia substancial de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e otimização do trabalho da equipe assistencial, o equipamento documenta em vídeo todo o processo de atendimento de cada um dos pacientes internados no setor. Já em São José dos Campos, um equipamento desenvolvido para uso militar foi mais um reforço no enfrentamento ao novo coronavírus, no Hospital Municipal Dr. José de Carvalho Florence. A novidade é um sistema de vigilância que consegue identificar pessoas que estejam em estado febril, um dos principais sintomas da doença.

Além disso, para amenizar os efeitos do isolamento necessário aos pacientes internados por Covid-19, a entidade também implantou um sistema de *wi-fi* em algumas unidades, que possibilita o contato deles com seus familiares. A ferramenta foi disponibilizada em locais como os hospitais Municipal de Parelheiros, Municipal de Barueri e Geral de Guarulhos. Os pacientes internados nestas unidades podem utilizar *tablets* ou *smartphones* fornecidos pela instituição para fazerem chamadas de voz e imagem para seus familiares. Além da assistência ao paciente, também é fundamental promover acolhimento familiar, já que, devido ao risco de contaminação, as visitas aos locais de internação foram suspensas. Por isso, as equipes das unidades gerenciadas pela SPDM também passaram a realizar o boletim médico por telefone, de forma detalhada e humanizada.

A UTI do Hospital Municipal de Parelheiros e o Hospital Municipal de Campanha do Anhembi contaram ainda com um robô de teleatendimento, utilizado para acompanhamento remoto, por meio de computador, *tablet* ou celular, dos pacientes internados. Com estes equipamentos, os médicos especialistas puderam, por exemplo, discutir casos por meio de videoconferência, tendo acesso a diversas informações, como resultados de exames. O recurso trouxe benefícios como agilidade no atendimento, com segurança aos pacientes.

O tema tecnologia pede, neste momento, um pequeno parêntese. No início de 2018 a SPDM ampliou suas atividades no campo da educação,

com a inauguração da Faculdade Paulista de Ciências da Saúde, que oferece diversos cursos de graduação, especialização, MBA e extensão, visando a qualificação e o aprimoramento dos profissionais de saúde e, assim, contribuindo para a melhoria da qualidade da assistência no País.

Recentemente, também assumiu a gestão de vários Centros de Educação Infantil (CEI), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, localizados em diversos bairros da capital paulista. As unidades têm capacidade para atender mais de 2 mil alunos, com idades que variam de 6 meses a 3 anos e 11 meses, em período integral, com atividades pedagógicas, de acordo com as diretrizes de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Ensino. Porém, assim como todos os demais setores da sociedade, a área da educação também foi impactada pela pandemia, o que não impediu a SPDM de aplicar medidas assertivas de gestão e inovação também nesta área.

Assim, durante este período crítico, outra medida da Associação foi oferecer um programa de atividades *online* para alunos dos Centros de Educação Infantil, com o objetivo de minimizar o impacto negativo do momento, inclusive aumentando a conexão entre pais e filhos. Desenvolvido por educadores e psicólogos, o programa disponibiliza contação de histórias, dicas de brincadeiras e vídeos com atividades lúdicas, entre outros, para os pais fazerem com as crianças em casa. Diariamente, os pais recebem conteúdo atualizado, via *Google Classroom*, bastando ter um aparelho de telefone celular e se conectar no grupo de atividades oferecido pela instituição.

Voltando à área da saúde, apesar de o novo coronavírus ter se tornado um tema constante do cotidiano, um fato que não foi esquecido pela entidade é o seguinte: por se tratar de uma doença nova, a literatura médica sobre a Covid-19 é constantemente atualizada assim que novas descobertas vão surgindo. Pensando nisso, a SPDM promoveu treinamentos constantes de atualização sobre o novo coronavírus para as equipes assistenciais da instituição, inclusive para renomados centros de referência em infectologia, como o Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo. Desde março de 2020 a Associação é responsável pelo gerenciamento de leitos de UTI no local.

Além disso, o conhecimento acumulado permite a criação de novidades, como novos protocolos. Um deles foi desenvolvido nos Ambulatórios Médicos de Especialidades (AMEs) do Idoso, unidades da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, gerenciadas em parceria com a SPDM, que disponibilizaram a esta população, que é uma das mais

vulneráveis à doença, um programa de tratamento multiprofissional para auxiliar na recuperação de pacientes idosos que ficaram internados por Covid-19. O protocolo de atendimento foi desenvolvido com base nos impactos gerados pela doença, como aumento do número de quedas, instabilidade postural, perda de força muscular, disfonia (enfraquecimento da voz), disfagia (dificuldade de deglutição) e perda de coordenação motora, que dificultam ou impedem a realização de tarefas diárias.

A pesquisa também não foi deixada de lado pela instituição. No Hospital Municipal de Barueri Dr. Francisco Moran (HMB), unidade da Prefeitura de Barueri gerenciada pela associação, foi firmada, por exemplo, uma parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para o estudo do uso do medicamento Nitazoxanida, também conhecido como Anitta, no combate ao vírus SARS-Cov-2.

Com mais de 8 décadas de existência, a SPDM é uma das maiores entidades filantrópicas de saúde do Brasil, com a vocação de contribuir para a melhoria dos serviços médicos prestados à população. Sem sombra de dúvidas, este papel está sendo cumprido durante a pandemia do novo coronavírus. É motivo de grande orgulho pessoal presidir uma entidade que fez e segue fazendo história de forma positiva, durante uma das maiores crises já vividas pela humanidade. E nada disso seria possível sem os profissionais de saúde desta instituição. Todos, sem exceção, sejam do setor administrativo ou de equipes assistenciais, merecem o devido reconhecimento por serem responsáveis por salvar milhares de vidas durante esta pandemia. E não foram apenas as vidas de pacientes acometidos por Covid-19 – é fundamental lembrar que o atendimento às demais urgências e emergências não foi interrompido, e nossas equipes foram cruciais para o atendimento contínuo a milhões de pessoas pelo país afora. A todos vocês, o meu mais sincero agradecimento: nada disso seria possível sem a atuação de cada um dos nossos colaboradores.

No final, é possível afirmar que a SPDM, no auge dos seus 87 anos, segue se reinventando a todo instante, inclusive em momentos atípicos como o que vivemos, com criatividade, rapidez e competência. Momentos como o que vivemos também são de grande aprendizado, de grandes lições, e uma delas é: com a união entre os mais diversos setores da sociedade, podemos, e vamos, juntos, derrotar essa pandemia.

GENEROSIDADE DENTRO DO SISTEMA DE SAÚDE

•)Rfonõo)boõˆ)hereira)TorteÀ

A alma generosa prosperará e aquele que atende também será atendido (Provérbios 11:25)

A crise mundial causada pela pandemia do coronavírus Covid-19, com milhões de infectados e mortos no mundo, leva-nos a refletir sobre a importância da generosidade dentro de um Sistema de Saúde eficaz e eficiente voltado a acolher a todos que necessitam.

Essa realidade aos poucos revelada talvez seja o maior aprendizado dessa situação de pandemia – exercer a generosidade – e que todos podem praticar.

São inúmeras atividades inseridas dentro deste cotidiano, muitas delas esquecidas na rotina diária ou apenas lembradas em situações nas quais a ausência de uma ação pode ser causa de uma ameaça coletiva.

Não resta dúvida de que a saúde é um bem da maior importância a ser preservado e que as atividades voltadas para sua manutenção e promoção são fundamentais.

O objetivo desse escrito é avivar e reconhecer que a generosidade inserida em nosso trabalho e atitudes faz o nosso cotidiano com propósitos que nenhum tipo de remuneração consegue superar.

O reconhecimento dessas ações é uma das formas que temos para lembrar daqueles que as exercem e com essa finalidade vale refletir sobre duas situações rotineiras, nem sempre evidentes, onde o “ser generoso” é a parte oculta do bem comum.

A primeira delas é a doação voluntária de sangue.

No Brasil é exercida anualmente por mais de três milhões e meio de indivíduos anônimos que doam seu tempo e sua boa saúde para beneficiar alguém que não conhecem. Na falta desse gesto independente de cada um deles, o Sistema de Saúde estaria simplesmente paralisado, pois não é possível submeter milhões de doentes a tratamentos complexos que dependem do atendimento dos Bancos de Sangue.

A outra é aquela que resulta do trabalho de milhares de profissionais e voluntários que viabilizam que o sangue doado seja seguramente coletado, transportado, analisado, fracionado, preservado e finalmente compatibilizado e transfundido para aqueles que necessitam. Esse

processo, dito “ciclo do sangue”, possibilita o pleno funcionamento dos sistemas de saúde.

Como parte desse trabalho vale destacar a Colsan – Associação Beneficente de Coleta de Sangue – organização filantrópica do Estado de São Paulo que há 61 anos atua nesse importante segmento da Saúde no Brasil e que tem como missão o combate a possíveis faltas de produtos do sangue no sistema de saúde. Deve ser reconhecida pela sua forma de trabalho e valores voltados ao bem-estar público e em conjunto com dezenas de hemocentros que operam em nosso país de forma ininterrupta e tornam o atendimento seguro aos que necessitam de transfusões de produtos do sangue na rotina dos hospitais.

A prática da generosidade poderá ser uma imensa conquista positiva dessa crise global.

Pode permanecer viva entre nós, até pelo fato de que outras crises virão, e o aprendizado fica. Depende de cada um decidir pela generosidade, em suas atitudes e trabalho, para poder atender e ser atendido.

SEÇÃO 3

ARTIGOS REFLEXIVOS

Capítulo 20

Reflexões: Pandemia, Exemplos e Solidariedade

boão)Rl^ õõio)buliano)herfeito

Quando recebi esse convite para escrever algumas reflexões sobre a pandemia do Coronavírus na EPM/Unifesp, senti-me muito honrado. Lembrei do artigo que escrevi em abril para a Sociedade Brasileira de Cirurgia Torácica, contando um pouco do que eu vivi com as infecções e as epidemias. Fiz uma viagem no tempo, e agora tenho a oportunidade de relembrar e refletir, também, sobre a vivência atual e sobre a nossa Escola e o nosso Hospital.

As epidemias são sofridas, mas são grandes momentos de reflexão e de buscas no passado, para mantermos esperança no futuro. Lembrei do meu pai, um médico tisiologista/pneumologista que trabalhou mais de 30 anos dentro de um hospital de tuberculose em São Paulo (Hospital do Mandaqui), em uma época que morria muita gente, e as máscaras e demais equipamentos de proteção eram incipientes. Lembrei da minha mãe, professora no mesmo hospital, dando aulas para filhos de tuberculosos, em tempos duros e heroicos. Quando eu tinha 15 anos (anos 1970) a epidemia de meningite se alastrava por São Paulo, lembro como se fosse hoje exatamente onde eu estava, em que posição e o sentido do olhar, quando soube que interromperíamos as nossas férias, pois meu pai teria que interromper as dele; foi convocado pelo governador para a luta contra a meningite meningocócica. Ninguém da família ficou triste ou com medo do contágio, mas sentimos um enorme orgulho dele, como se ele estivesse indo para mais uma batalha na vida de médico.

Dentro das doenças infecciosas, tive que viver 3 meses em repouso em casa, logo que acabei a residência médica: a hepatite B por contaminação em alguma operação, acompanhada de uma icterícia enorme, com dosagens laboratoriais muito preocupantes, me fez pensar se valia a pena continuar na Medicina e correr os seus riscos; uma semana após estar curado, as angústias foram embora e a Medicina me acompanha até hoje.

Falando sobre epidemias, lidei nos primeiros anos de formado com os pacientes com AIDS, nada foi mais cruel que o que ocorreu naquela época. Além de estarem sofrendo muito, com uma doença que conhecíamos pouco e matava muito, tinham que lidar com o preconceito enorme, mais que uma doença infecciosa, tornou-se uma doença social. Começamos a lutar contra o vírus do preconceito, em que o doente não podia dizer que estava doente e tinha que sofrer e até morrer na solidão das suas verdades, e ainda com a censura social. Como se os seus hábitos e sua opção de vida fossem a causa da aflição de todos, e não o agressivo vírus, que atingia principalmente o sistema imune. Jamais esquecerei da aflição dos doentes e das dificuldades, no início da epidemia, de serem aceitos nos hospitais e nos sistemas de saúde. Digo aos jovens que possivelmente muitas epidemias virão, algumas mais letais, mas dificilmente teremos algo tão difícil de tratar como a angústia e o preconceito da AIDS/SIDA.

As doenças infecciosas continuaram me acompanhando como médico e como paciente, bem no começo da epidemia de H1N1, estava bem ativo nos serviços do nosso hospital e fui um dos primeiros contaminados e tive a doença, recebi o resultado do teste com um misto de aflição e alívio; eu tossia tanto, que saber o que estava acontecendo comigo me aliviou um pouco. Fiquei em casa isolado em um quarto durante 7 dias, tossia muito, mas a lembrança dos 3 meses em casa na época da hepatite servia de alívio. Os 7 dias até que passaram rápido, assim como a tosse e a doença. O que mais me afligia, é o mesmo que aflige os médicos de hoje nos tempos de Covid-19, a possibilidade de passar a doença para a minha família; assim como nos tempos do meu pai, meus familiares não estavam muito preocupados com essa possibilidade, mas a sensação de que a minha opção de vida pudesse prejudicar a minha família me fazia sofrer.

Chegamos em 2020 e agora um Coronavírus nos aflige, novas lutas, novas batalhas, agora de uma maneira muito particular, os generais e soldados nessa luta são os jovens; assim como muitos da minha geração, não estou mais diretamente na linha de frente do pronto-socorro, confesso que sinto falta, mas me colocam sabiamente para trás. Fico com

a sensação de que além da bondade e compaixão com o mais velho, não querem que eu ocupe um dos leitos e respiradores do hospital.

Assim, pude trabalhar envolvido com a proteção da linha de frente, desde com Campanhas de Voluntariado junto aos alunos, como com o desenvolvimento de materiais de proteção. Até agora poucas coisas foram tão gratificantes na minha vida como lidar com essa solidariedade. Além das doações em dinheiro que precisamos, individuais e corporativas, as doações de materiais chamaram muito a atenção. Grandes grupos doaram milhares de litros de álcool gel, chegaram em caminhões, mas me sensibilizou muito uma senhora que telefonou, nos primeiros dias da campanha, perguntando se aceitávamos álcool gel aberto, pois ela tinha aberto o dela há 3 dias, resumindo, ela queria doar o da sua casa, pois imaginava gente precisando mais no hospital. Um exemplo.

Não passei por períodos de guerra, mas lidando com grupos de voluntários trabalhando em rede imagino que tivemos uma mobilização de guerra. Trabalhei no desenvolvimento, com grupos de impressão 3D, de um protetor facial de reprodutibilidade e de impressão rápida, fantástico o que esses jovens fizeram; da ideia até o protetor ser usado na UTI do nosso hospital foram apenas 7 dias. Imaginou-se um projeto aberto e disponibilizado para todos, as redes de jovens que trabalham com impressão 3D distribuíram milhares de protetores faciais, desse modelo bem simples, para hospitais de todo o Brasil. Na mesma linha, um pouco depois, a Ambev queria usar toda a sua força de produção para proteger mais gente, trabalhamos em um novo projeto, eu que nunca tinha trabalhado com isso, acabei virando um *expert* no assunto de protetores faciais e coisas de epidemias. Uma das experiências mais fantásticas foi poder em curto período lidar com engenheiros, desenhistas industriais, especialistas em embalagem, médicos de comissões de infecção, gente de duas Universidades e chegar a um modelo simples com apenas duas partes feitas de PET (um polímero plástico que se usa em embalagens) e, a partir daí, poder contar com a capacidade de produção e distribuição da poderosa Ambev. Milhões de protetores desse modelo foram produzidos, distribuídos e doados para todo o Brasil.

Falando um pouco mais de voluntariado, observamos que no Hospital São Paulo da nossa Escola Paulista de Medicina/Unifesp precisaríamos de muitos aventais e máscaras descartáveis para cuidar desses doentes. Seria muito difícil comprar na quantidade que precisávamos, muitos vinham da China, que teve seus problemas de produção e distribuição, e muitos já

tinham sido vendidos, pois vários hospitais estavam simultaneamente precisando. Nessa situação, voluntárias montaram uma rede de costureiras solidárias. Recebemos doações de TNT e também compramos com o dinheiro de doações; nesse material foram feitos cortes industriais, de um molde muito simples, e *kits* foram entregues nas casas das costureiras voluntárias, que colocaram as mangas e os elásticos nos punhos dos aventais, utilizando as suas próprias máquinas de costura. Os diversos aventais, com as inúmeras cores de TNT que encontrávamos para vender, viraram um símbolo desta campanha; assim como a foto da antessala do anfiteatro principal da EPM, lotado de tecido doado aguardando a produção.

Todos sabem que o serviço duro, heroico e arriscado ainda está sendo feito pelos profissionais da linha de frente, que merecerão um capítulo de honra na História do Brasil, colegas ficaram doentes e alguns perderam suas vidas nessa luta! Pude viver para ver a sociedade brasileira reverenciando os profissionais de saúde, principalmente os de serviços públicos; e tentando demonstrar, de todas as formas possíveis, a sua solidariedade.

Quando foram interrompidas as aulas da graduação, imaginamos que nessa hora os alunos poderiam mostrar a quem serve um verdadeiro médico, mas jamais imaginei que essa juventude teria tanta força e tanta capacidade de organização no trabalho em rede e à distância. Campanhas de arrecadação foram montadas, mas o trabalho duro de receber os materiais o dia inteiro no depósito era feito por alunos. Foi uma missão incrível: ações em comunidades carentes, distribuição de máscaras, desenvolvimento de trabalhos científicos, publicação de experiências, desenvolvimento de material didático, ações culturais e, principalmente, fornecer carinho e atenção a quem estava sofrendo, seja em programas para a comunidade, seja para os pacientes e, principalmente, para quem sofria as angústias e o medo no hospital. Quantos bolos, quantas refeições, quantas flores, quantos chocolates foram distribuídos. O verdadeiro futuro médico não é apenas o que cura, mas o que cuida. Consegui aprender isso todo dia com os jovens alunos.

Escrevendo aqui uma reflexão, e vendo durante meses o exemplo que os jovens demonstraram, gostaria de deixar muito clara a minha esperança enorme no futuro do Brasil. Pude ver muitos jovens incansáveis na linha de frente do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina, vi também vários alunos muito jovens lutando para a proteção e o conforto dos profissionais da Linha de Frente. Poder conviver por

vários meses com o Voluntariado-EPM, foi um oásis no meio desse deserto de tristezas que o vírus nos causou.

Um poder fantástico que temos, e redescobrimos nesse momento, vem dos nossos ex-alunos da EPM, a resposta deles para ajudar foi muito rápida. A rede de doações para o Hospital São Paulo, tanto em dinheiro como em materiais, que rapidamente se abriu com colaborações de ex-alunos de todo o Brasil foi fantástica. Cada um fez o que pôde, um conjunto musical de ex-alunos, os "Doutores do Samba", conseguiu a proeza de em uma mesma *live* alegrar, empolgar e emocionar a todos nesse momento difícil que passávamos, e também arrecadar doações em dinheiro e materiais para o hospital; o grupo de corredores de rua da EPM, os "Nico *Runners*", organizou em plena pandemia uma corrida/caminhada virtual, em que cada um caminhava ou corria isolado na sua própria casa ou apartamento, e o dinheiro da inscrição veio para a campanha do hospital, imaginação realmente não faltou.

O apoio também veio de pesquisadores, professores e servidores de setores e departamentos dos diversos *Campi* da Unifesp. Fazer parte de uma Universidade Federal com gente capaz e coesa, também nos mostrou uma grande força, que às vezes os momentos difíceis nos ajudam a ver melhor.

Reflito também sobre a importância, nos momentos sofridos, de termos líderes corajosos, ativos e presentes. As lideranças formais e mesmo as informais que surgiram na EPM e no HSP não se esconderam, mostraram a sua cara e cumpriram a sua responsabilidade; pediram humildemente dinheiro quando precisávamos, prestaram contas e mostraram os resultados.

A sociedade brasileira também demostrou toda a sua força e a sua solidariedade, ajudou-nos muito; mas mostrou também, que ao mesmo tempo que está sempre pronta a ajudar, não quer ser enganada ou roubada. Espero termos cumprido a nossa obrigação frente ao Hospital, prestado contas e respondido rapidamente ao clamor do momento difícil. É isso que o cidadão brasileiro, que paga os nossos salários, espera de nós, penso que não o decepcionamos e que temos muito também a agradecer.

O caminho até o final dessa luta, contra esse inimigo microscópico, ainda será cumprido com muitos passos; o percurso trilhado até agora envolveu muito sofrimento, muito trabalho, muitas angústias, muitas dificuldades, mas também muitos exemplos de união, esperança e solidariedade.

Finalizo essa reflexão com a mensagem que escrevi e dediquei aos alunos do voluntariado no final de abril de 2020, quando o Voluntariado-EPM completava um mês; dedico agora essas mesmas palavras a todos os jovens profissionais de saúde, que estão vivendo a sua primeira pandemia e estão lutando com muita dignidade, fazendo o possível para termos um futuro melhor e mais digno no nosso país:

"Como aconteceram coisas fantásticas nesse período, como aprendemos juntos nesses poucos dias, vocês estão dando exemplo e animando todos nós.

Tempos difíceis impõem decisões difíceis, assim gostaria que todos que entraram nessa empreitada soubessem que as pessoas não precisam ficar velhas para serem exemplo.

Imagino que ainda teremos tempos duros pela frente, vocês escolheram uma profissão complicada, difícil e sofrida, mas como toda sociedade consegue ver hoje, também imprescindível e apaixonante; para ser exercida por gente que acredita que livros, técnicas e aulas são a base, mas o fundamental é o humanismo, a dedicação, o carinho e a solidariedade.

Parabéns e obrigado!"

CAPÍTULO 21

Reflexão sobre o Pepino Nacional da Pandemia: Deu Salada...

j icaráo)duiÀ)kmitç

Hoje estou completando 6 meses de quarentena, vivendo em meu apartamento com Marilia, Professora de Genética da EPM, ambos nos afazeres domésticos, pois a secretária do lar, com filha pequena, tirou licença prolongada.

Como muitos da Escola Paulista de Medicina, mantemos as conexões por meio dos celulares, computadores, televisão, jornais e revistas. Recebemos na porta as entregas da feira, supermercado e eventuais compras.

Tempo preenchido com afazeres profissionais à distância, aprendizado nos ajustes informáticos, arrumações, exercícios, leituras, filmes, séries e principalmente nossas introspecções.

Com os 75 anos feitos em maio, sendo 57 deles vividos intensamente na EPM, digo que atualmente passo por momentos em que os sentimentos correm como cascatas no meio de pedras produzindo uma névoa que povoa as reflexões. Explico:

Vivemos momentos difíceis que exigem inúmeras adaptações para termos continuidade de nossas vidas, nossas casas, nossas instituições, nosso país. Isso se traduz por hábitos e reflexões. Entre as mudanças dos hábitos descobri uma vertente culinária que pratico no cotidiano atual, fico realizado pois posso ser criativo. Ontem estava fazendo um tabule com vários ingredientes além do trigo e um deles me intrigou: o pepino!

Pensei como uma coisa tão boa e saudável como o pepino pode ter etimologicamente um significado de confusão, coisa confusa mal encaminhada. Talvez aqui seja melhor que abacaxi, fruta ácida, mas significando coisa ruim, que não serve, a não ser que descasquemos o dito cujo.

Pois é, esse é o título que escolhi. Dediquei minha vida às áreas de educação, pesquisa e saúde, sinto-me realizado mesmo com uma sensação de que poderia ter realizado mais e melhor. Na reta final de minha maratona, aposentei na compulsória aos 70 anos e continuei como sênior na Anatomia e assumi a presidência da Colsan em 2016, atividades que mantenho até agora.

Em março, com a evidência do tsunami pandêmico atingindo o país, as calamidades e os desmontes se exacerbaram, acrescentado em nossas cabeças a insegurança, o medo da contaminação e morte.

Mas então isso não foi uma reação universal? Afinal a pandemia é um fenômeno mundial, atingiu a todos e é um evento até previsível em Epidemiologia. Aí está, não é para todas pessoas e isso exige de mim várias doses prescritas de compreensão.

Porém o pepino, digo, a confusão vinha de antes. Não que na história de nosso país nunca houve pepinos. Restrinjo-me ao tempo atual desde o início da cisão provocada entre os amigos, familiares, na população e quiçá no planeta com o apelo para tomada de posição. Como maniqueísmos: direita ou esquerda, progressismo ou conservadorismo, evolucionismo ou criacionismo, e forçando as perigosas dicotomias, vacina ou antivacina, máscara ou antimáscara. Ciência anticiência...

Então isso nos afetou, pois na EPM atuamos em Educação, Ciência e Saúde. Estamos vivendo um cataclismo personalizado em líderes levados democraticamente ao poder. A aparente ausência de planejamento e as seguidas manifestações e atuações são responsáveis ao clima atual, somados ao tsunami pandêmico.

Começo pela Educação, que teve à testa ministros lamentáveis e uma política que visa desconstruir nossas instituições públicas. Como participei como Vice-Reitor da gestão 2009-2013, sou testemunha do apoio governamental, crescimento e valorização do ensino em todos os níveis e principalmente da UNIFESP e EPM naquele período. Então esse abacaxi será difícil descascar e o pepino ainda dá para fazer uma salada.

Desnecessário argumentar contra o desmonte das instituições que apoiam a ciência em nosso país, comprometendo nosso futuro e o presente, tendo em vista por exemplo a questão ambiental. Fiquei

abismado no episódio da dispensa do diretor do INPE quando o ministro mostrou a que veio para deixar a boiada passar. O constante esvaziamento do CNPq, Capes, Embrapa, FINEP e as ameaças à FAPESP são preocupantes.

E a saúde então? Pelo menos terei cloroquina à vontade quando for pescar nos locais endêmicos para a malária. Conheço médicos muito bons da aeronáutica, exército e marinha, afinal foram formados em nossas universidades. Porém o ministério ficou povoado após a demissão a pedido dos últimos ministros médicos.

E assim por diante no panorama nacional, regido por uma visão privatista e incompetência nas políticas públicas. Sempre senti que estamos numa panela de pressão, tal a disparidade social que existe.

Nos últimos anos tenho pensado e atuado sobre as parcerias público-privadas e atualmente vejo o valor destas associações quando usadas com ética e responsabilidade. Aqui na EPM valorizo a nossa associação com a SPDM, relação fundante de nossa Escola e recentemente o apoio da Colsan. Estamos com uma Diretoria da EPM competente, compromissada e com um envolvimento humano exemplar.

Por isso continuamos a fazer ótimas saladas com que temos em mãos no momento. Ao terminar, digo que minha tentativa de mesclar tragédia com uma pitada de humor deu uma salada.

Capítulo 22

União e Coragem de uma Geração. Juntos Iremos mais Longe

k ora´ a)k oubçi)k maili

Estamos em setembro de 2020. O mês da primavera no hemisfério Sul. O mês que começa a anunciar o final do ano, de um ano atípico, com enormes dificuldades e incertezas. Aprendemos o valor do tempo presente, a exemplo do que dizia Carlos Drummond de Andrade. Aprendemos que a pressa não resolveria e que teríamos que ter a paciência necessária para entender os acontecimentos e encontrar soluções. Aliás, foi o exercício do que deve ser o espaço acadêmico, importante em cada momento, com criatividade e agilidade nas soluções. Afinal, como diz o professor e educador António Nóvoa, para que serve uma universidade senão "para fazer o que nenhuma outra instituição social é capaz de fazer?".

Passamos boa parte destes últimos 6 meses fazendo estudos, reflexões e produzindo conhecimento com o objetivo de melhorar a saúde humana, desenvolver a vida em sociedade e encontrar soluções para um problema de grandes proporções. Problema este criado por um novo vírus, por uma pandemia. Já tínhamos ouvido falar em pandemias passadas, a da gripe espanhola, por exemplo, mas não tínhamos entendimento do que seria viver uma situação destas. Tivemos que nos reinventar, utilizamos toda nossa capacidade, já instalada há décadas, para pensar estratégias bem desenhadas por meio de evidências

científicas que auxiliam na tomada de decisões, bem como na formulação de políticas públicas para uma nação.

Um momento de reflexão e parada é o que fazemos ao completarmos os 6 meses do início das ações da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em conjunto com o Hospital São Paulo (HSP), nosso hospital universitário, com a Escola Paulista de Medicina (EPM), a Escola Paulista de Enfermagem (EPE) e o *Campus* São Paulo (CSP). Logo depois do primeiro caso de coronavírus confirmado no país, ocorrido na cidade de São Paulo, ficou claro para nós que o epicentro da pandemia seria essa cidade. Apesar do ceticismo de muitos, como Reitoria tomamos providências imediatas, por sermos uma universidade com forte inserção na área da saúde e por termos um dos maiores hospitais universitários, localizado exatamente na maior cidade e que foi fortemente afetada. Por isso, agimos imediata e concretamente, com a criação do Comitê Permanente de Enfrentamento ao Coronavírus (CPEC), com a participação de toda alta gestão da universidade e do hospital. Alguns pensaram ser um exagero ou alarmismo, mas as estratégias que pensamos juntos foram fundamentais para o que viria a seguir.

Junto com o CPEC e em contato com instituições do nosso Estado e outras universidades federais, em 16 de março decidimos pela suspensão das aulas presenciais. A Reitoria mobilizou todas as escolas e institutos para dois grandes eixos de atuação. O primeiro seria o apoio total às atividades assistenciais do HSP, com o preparo das estruturas, campanhas de doações para a realização de suas atividades e apoio orçamentário da universidade para o enfrentamento. O segundo foi a forte inserção e interesse de toda a comunidade acadêmica para continuar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, mesmo de forma digital. Além da EPM e EPE, já envolvidas desde o primeiro instante pela inserção e ligação com o HSP, participaram também o Instituto Saúde e Sociedade (ISS), o Instituto do Mar (IMar), o Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas (ICAQF), o Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT), a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH), a Escola Paulista de Política Economia e Negócios (EPPEN) e o Instituto das Cidades (ICidades). Foi bonito ver todas as unidades oferecendo apoio ao HSP e depois atuando de maneira engajada para fazer atividades didáticas digitais, bem como atividades administrativas.

Aprendemos a fazer reuniões de todos os tipos de maneira virtual, houve um estranhamento, mas houve agilidade e logo nos adaptamos para realizarmos mais. Atualmente todos confirmam que aumentou a

nossa eficiência, apesar do enorme trabalho. Porém, com o passar do tempo, a gravidade da situação foi aumentando, mas ainda não imaginávamos que seria tão grave e que duraria tanto tempo. Mesmo assim, da parte da Reitoria buscamos engajar a todos, juntar esforços e valorizar cada ação de enfrentamento. As experiências anteriores, especialmente as da epidemia do H1N1 em 2009, direcionaram para a criação de uma Unidade Ambulatorial de Insuficiência Respiratória (UIR), bem como para a organização de coortes e espaços de atendimento para enfrentar a doença devastadora. Solicitamos à Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) do HSP e à Disciplina de Infectologia que nos orientassem nos treinamentos e procedimentos para higiene, utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e protocolos com base no conhecimento sobre o novo coronavírus. Atuamos sempre a partir das evidências científicas fundamentais. Foi um enorme desafio fazer treinamentos utilizando diversas formas de comunicação. Por isso, o Departamento de Comunicação Institucional (DCI) da Unifesp foi totalmente orientado para dar atendimento emergencial às estratégias de comunicação por *email*, redes sociais diversas e as *lives*, criadas para aumentar e agilizar a integração. Foram inúmeras atividades virtuais públicas, vídeos, *sites* e uma plataforma especialmente criada para a divulgação do enfrentamento à Covid-19 (https://coronavirus.unifesp.br/). Nosso DCI foi também fundamental para a relação com a mídia, para divulgar as pesquisas e apresentar os dados à sociedade, bem como para o relacionamento com diversas instituições parceiras. Em 6 meses de ações de emergência, não tivemos descuidos e todas as notícias foram sempre positivas para a Unifesp. Em um tempo digital tudo é rápido e vivo, e não tínhamos certeza de que nossa Tecnologia da Informação daria conta de uma comunicação segura e eficiente. Apesar de pequena e com poucos recursos, a nossa Superintendência em TI (STI) atualizou muitas ações e conseguimos não só aumentar a comunicação entre nós, como também apropriar docentes e técnicos para a utilização de ferramentas adequadas para a atividade administrativa e acadêmica. Termos antes estranhos para nós, como lives e webinários, agora fazem parte do nosso cotidiano, além de reuniões administrativas, conselhos, congregações e até inaugurações e cerimoniais.

Somos hoje mais de 22 mil estudantes, 4 mil técnicos-administrativos e 1,6 mil docentes. Para esta engrenagem funcionar, pois em momento algum paramos, foi necessário buscar orçamentos a partir do Ministério da Educação, da Saúde, Secretarias da Saúde do Estado e do Município,

bem como de doações. Foram múltiplas frentes de atuação, necessárias não só para a compra de materiais e de insumos para o hospital, mas também para a continuidade das pesquisas, bem como o atendimento de nossos estudantes, com o fornecimento de auxílios emergenciais, computadores e conectividade para os que não tinham. Conseguimos orçamentos suplementares do MEC e de outras vias, como o Rehuf, perfazendo um total de 20 milhões de reais. Além disso, houve grande envolvimento de nossa comunidade e de instituições públicas e privadas nas campanhas de doação. Organizamo-nos junto à Procuradoria Federal da Unifesp, de maneira a termos o respaldo para o recebimento das doações, que foram apresentadas no portal de maneira transparente pelo HSP, Colsan e pela FAPUnifesp. Aprendemos a pedir doações, mas também a receber. A partir de um chamamento do Ministério da Ciência e Tecnologia, conseguimos 3 milhões de reais para dar apoio ao Laboratório de Virologia e para ampliação da capacidade de testagem e acompanhamentos dos pacientes. Ao todo foram cerca de 12 milhões de reais em depósitos, que possibilitaram a renovação de estruturas, compra de respiradores e muitos outros equipamentos para triplicarmos a capacidade de atendimento aos pacientes da Covid-19. Além das inúmeras doações de materiais como máscaras, aventais, suprimentos e alimentos de todos os tipos. Estas doações incluíram grandes empresas, mas também pessoas em um movimento amplo de solidariedade. Tivemos desde a entrega de alimentos feitos pelas pessoas que queriam contribuir, até o envio de materiais dos pesquisadores do *Campus* Baixada Santista, São Paulo e Diadema, que levaram luvas e máscaras de seus laboratórios em um gesto singular, especialmente em um momento em que não era possível comprar máscaras e luvas. Em outra ação simples, mas muito representativa, tivemos os laboratórios da Química e da Farmácia, do *Campus* Diadema, que produziram álcool gel para o hospital, que também não era encontrado para a compra.

Em um primeiro momento em que os produtos haviam desaparecido do mercado, estas doações foram fundamentais. Mas tivemos que ser criativos para conseguirmos realizar as compras públicas e, para isso, utilizando uma capacidade administrativa e de forte gestão orçamentária, nossa Pró-Reitoria de Administração organizou procedimentos de chamamento público e passou a realizar as compras para 50 instituições que aderiram ao procedimento, o que possibilitou a aquisição de produtos em larga escala e preços condizentes. Em mais uma ação criativa e para auxiliar nos trabalhos do HSP, nossa Pró-Reitoria de Gestão com Pessoas realizou os processos seletivos simplificados (PSS)

que possibilitaram a contratação emergencial para suprir as demandas por médicos, enfermeiros e biomédicos, especialmente após o adoecimento de muitos dos nossos servidores. Tivemos grande preocupação com a nossa comunidade, por isso efetivamos um atendimento específico no Núcleo de Assistência à Saúde dos Funcionários (NASF), bem como aos residentes e pós-graduandos da linha de frente, que foram prioritariamente atendidos pelo Serviço de Saúde do Corpo Discente (SSCD), além do apoio para o cuidado com a Saúde Mental, bem como do trabalho dos Núcleos de Apoio ao Estudante (NAE), que auxiliaram também no atendimento aos estudantes.

Como uma universidade fortemente voltada para a pesquisa, os pesquisadores se uniram e continuam atuando para entender e estudar o novo coronavírus. A partir de chamamentos públicos feitos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (ProPGPq), em 6 meses foram mais de 230 projetos de pesquisas sobre a Covid-19 apresentados ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Atualmente, foram computados mais de 180 projetos em andamento envolvendo seres humanos, além dos projetos nas áreas experimentais e também os projetos em área química, meio ambiente e humanidades. Além de mobilizar toda a comunidade Unifesp, o momento de enfrentamento da Covid-19 levou a uma iniciativa importante dos estudantes da EPM que, com o apoio da Diretoria, criou um programa de voluntariado fortemente inserido em ações de saúde e de vigilância sanitária também das comunidades do entorno do HSP. Diversos programas de extensão foram criados, e a Pró-Reitoria de Extensão fomentou ações de distribuição de alimentos, de criação de espaços de descanso, mas também ações de cultura e projetos sociais, em um total de mais de 700 ações cadastradas em toda a universidade. Os movimentos para pesquisa e extensão foram exercícios importantes de convergência e de unidade. A criação dos webinários de pesquisa, dos projetos internacionais, dos projetos de inovação tecnológica com a nossa Agência de Inovação Tecnológica e Social (Agits), bem como do Instituto de Estudos Avançados e Convergentes (IEAC), tornaram-se estratégias de discussão científica de grande apreciação da comunidade, que participa ativamente.

As atividades de graduação tiveram grandes desafios. A partir de formulários e estudos feitos, verificamos a necessidade de programas voltados ao desenvolvimento docente, que foi impulsionado pela Pró-Reitoria de Graduação, bem como pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), que atuou fortemente para compartilhar conhecimentos pedagógicos e metodologias digitais. Foi um importante laboratório de

ensino e aprendizagem emergencial. Isso não significa que assumimos o ensino à distância como modalidade em todos os níveis, mas que utilizamos todo nosso potencial e capacidade para minimizar os prejuízos na formação de nossos estudantes. O programa de inclusão digital aos estudantes de graduação e agora da pós-graduação possibilitou que todos os estudantes tivessem acesso à internet, em um trabalho que contou também com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, dos Núcleos de Apoio ao Estudante (NAEs), das Diretorias dos *Campi* e das Escolas. Voltaremos às atividades presenciais, mas tivemos um ganho em planejamento, bem como nas atividades com base em novas metodologias de ensino e aprendizagem. Um desafio constante e que deve estar sempre presente em nossa instituição. Da parte dos estudantes, foram realizadas muitas atividades digitais, elaboradas de maneira inovadora, também em linha com o tempo presente. Na EPM os estudantes de Medicina souberam realizar o *Braincoms*, totalmente digital e vibrante, com mais de 25 mil participantes de todo o Brasil e de vários países. Muitas atividades extracurriculares estão acontecendo em todos os níveis. Apesar do distanciamento presencial, os desafios do contato e das ações digitais foram vencidos com a realização do Congresso da Unifesp, que reuniu durante 5 dias inúmeras atividades, com 26 mil inscritos, grande parte destes (47%) de pessoas que não eram da comunidade Unifesp e que se conectaram com o conhecimento produzido e debatido por nós. A universidade pública produzindo conhecimento público.

Em minhas palavras finais, e que tenho a grata satisfação de apresentar neste importante trabalho organizado pelo Prof. Dr. Manoel Girão, Diretor da EPM, quero salientar dois aspectos que estão fortemente presentes e que devem continuar conosco: a unidade e a coragem. De maneira corajosa e muito unida, enfrentamos desafios que vencemos e outros que ainda teremos que superar. Agradeço a todos que fazem parte desta grande universidade, unida e corajosa. E faço também alguns agradecimentos especiais às equipes do HSP, que souberam honrar os fundadores da EPM em sua coragem e dedicação incansável. Aos que enfrentaram a Covid-19 desde o início, entre os quais às equipes do Pronto-Socorro (PS), das Enfermarias da DIPA e da Pneumologia, das UTI, dos laboratórios de diagnóstico, das equipes multiprofissionais, das engenharias, da farmácia, da limpeza, da lavanderia, da nutrição, das Diretorias Clínica e Técnica, da Diretoria de Enfermagem, além da Superintendência do HSP e da Presidência do Conselho Estratégico do HSP, todos incansáveis e firmes. Houve medo e cansaço, mas não houve

recuos. Houve coragem e união. A união entre as pessoas e o firme propósito que possibilitou o atendimento público pelo Sistema Único de Saúde (SUS) àqueles que mais necessitaram, na maior cidade de nosso país, e que enfrenta todos os dias os desafios da megalópole e das desigualdades sociais. Unimos-nos para combater o desconhecido e tivemos e estamos tendo a coragem para enfrentar os desafios a cada dia. Como o diz provérbio de autor desconhecido, mas que representa uma filosofia milenar, "sozinhos podemos ir mais rápido, mas juntos iremos mais longe" e acrescento, iremos por mais tempo. É preciso continuar e resistir, é preciso manter tudo isso funcionando. Somos muitos e somos capazes. A sociedade confia em nossa missão e faremos por merecer, por trabalhar em torno de um bem comum e de um mundo melhor.

Às palavras de união e coragem quero somar a gratidão. Muito obrigada a todos que fazem e fizeram parte desta história.

Reflexões em Tempos de Coronavírus

e arcelo) Tunio) e acçaáo Fonõeca
Fúlvio)Rle©anáre)kcorÀa

Vivemos um momento delicado de nossas vidas! O novo e pandêmico coronavírus colocou nossa existência em risco, alterou bruscamente a forma como vivemos e socializamos. Não beije, não abrace, não cumprimente, não saia de casa, não viaje... Enfim, não viva. Vivemos apenas pelo futuro, pelo medo...

Há muitas doenças fatais, mas atualmente nenhuma é tão perigosa como o Covid-19, porque ela não ceifa apenas a vida, ela tem o poder de sufocar a alegria, o amor, o presente, ela está ligada ao medo.

Ah, o medo! Um dos sentimentos básicos, que sem dúvida fez a humanidade chegar até aqui. Mas este não é um medo qualquer, é o paralisante pânico. Este sim, um dos grandes entraves à consecução de nossos objetivos. Essa paralisia nos enclausurou e, de certa forma, levou-nos a uma perda de identidade.

Mesmo aqui na nossa querida e amada Escola Paulista de Medicina, as pessoas que antes possuíam energia direcionada ao cotidiano dinâmico do mundo acadêmico passaram a um convívio minguado, o ciberconvívio.

Presos ao futuro funesto, emergiu a indagação: quem somos?

Esta luta contra um inimigo invisível nos levou a diversas reflexões para mantermos a nossa sobriedade e sanidade, mas acabou por

escancarar nossas desigualdades. Este é um momento de negação e de busca por atalhos que não se mostraram – o mais das vezes – muito apropriados.

O filósofo grego Sócrates comentou que a única coisa pior que a ignorância é a ilusão do conhecimento.

A comunidade científica de todo o planeta respondeu de forma rápida e com muito empenho a esta crise, tentando minimizar nossas inquietações e projetando luz para encontrarmos o melhor caminho a seguir. Muito se produziu em pouco tempo, mas ainda há que se produzir muito mais para sossegarmos a insólita ansiedade que vivemos.

Nossa amada Escola não se furtou em produzir conhecimento e compartilhá-lo (*WebHall*). Nossa querida Escola não sossegou e assistiu a tantos quantos bateram em nossas portas (UIR, PS, Enfermarias e UTI Covid), não se aquietou e foi assistir aos que estavam menos protegidos ao seu redor (Voluntariado Paulista) e não se apaziguou enquanto todos os seus não estivessem o mais possível protegidos (Projetos de doações e doações em insumos para o Hospital São Paulo).

Estes somos nós! Este é um dos nossos grandes orgulhos desse inusitado período. Estivemos e estamos "contagiados" pelo bem-estar de todos. Trabalhamos e continuaremos a trabalhar arduamente, diuturnamente e aqui pelo bem maior.

Se este é o nosso sonho, o ganho tem que ser coletivo.

CAPÍTULO 24

Considerações Finais

e anoel) boão) Satiõta) Taõtello Girão

Ao pensar nas palavras finais deste livro, vários aspectos surgem e nos fazem refletir. Esperamos ter captado e registrado os principais fatos desta experiência. Tentamos, no máximo possível, perenizar o momento vivido, da alegria ao luto, da esperança ao cansaço, das dúvidas às certezas, contextualizando visões diferentes sobre esta pandemia.

Como já mencionado, independentemente do desfecho individual para cada um de nós, o efeito deste momento na vida de todos foi e está sendo indescritível, obrigando-nos a rever valores, hábitos e costumes. Que prevaleçam os bons sentimentos e atitudes, a capacidade de acreditar e a esperança.

Como exemplo desta afirmação compartilho um de vários pensamentos.

Como será o formato da nossa sociedade pós-pandemia? Como ficarão as relações humanas? Quais valores permanecerão?

Um dos principais pilares da sociedade contemporânea é, até aqui, a importância que damos ao dinheiro, que em muitos aspectos superou vários outros valores. Fico a meditar sobre seu significado. Ao perguntar como defini-lo, todos são unânimes em dizer que se trata de uma ferramenta de troca substituindo o escambo. Contudo, parece-me que ele já foi isso e, atualmente, está mais para uma ferramenta de controle de comportamento em escala global. No passado trabalhávamos para gerar riqueza para os governantes pelo medo dos soldados, depois pelo temor a Deus e atualmente pelo medo de ficar sem dinheiro. A capacidade de

ganhar e acumular dinheiro justifica a terrível desigualdade social e aceitamos este fato com completa passividade. Somos avaliados e nos avaliamos por essa capacidade.

Aí veio o coronavírus e nos fez perceber que toda essa convenção pode mudar de um momento para outro. Por muito pouco toda essa estrutura da sociedade não ruiu. Isto só não aconteceu nos momentos iniciais da pandemia graças ao movimento de solidariedade e união que a nossa sociedade demonstrou. Que este sentimento perdure.

Contudo, chamo a atenção final para um fato preocupante. Com o passar dos dias vamos nos acostumando com as notícias de mortes pelo Covid-19, com o impacto na nossa rotina de vida, como se ficássemos anestesiados e essa nova realidade fosse normal. Precisamos todos nos manter vigilantes para não aceitarmos o sofrimento alheio como algo normal. Para vencer esse período precisamos uns dos outros, ou saímos todos juntos ou, possivelmente, ninguém sairá. Que não prevaleça o sentimento de que já fizemos a nossa parte, eximindo-nos da responsabilidade de construir uma sociedade mais justa e equilibrada.

Por fim, quanto à nossa Escola Paulista de Medicina, motivo primeiro desta iniciativa, destino as últimas palavras desta obra. Muito nos orgulha a resposta do nosso coletivo. O envolvimento dos Alunos, Residentes, Pós-graduandos, Docentes, Médicos, Funcionários, Departamentos Acadêmicos, Setores de Apoio e Administrativos e Equipes do Hospital São Paulo foi e está sendo um exemplo de nobreza, de cidadania e responsabilidade social indescritível. Orgulho de fazer parte deste grupo, orgulho desta Escola.

Obrigado a todos.

Notas sobre os Colaboradores

Acelino Marques

Conselheiro tutelar de Vila Mariana, Vice-Presidente da Associação de Moradores da Mauro I e voluntário em várias atividades comunitárias.

Adagmar Andriolo

Possui graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (1974), mestrado em Parasitologia, Microbiologia e Imunologia pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (1981), doutorado em Patologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1984) e Livre Docência pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (1996). Atualmente é Professor Associado da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Medicina Laboratorial, atuando principalmente nos seguintes temas: acurácia dos testes diagnósticos, marcadores tumorais circulantes, função renal, disproteinemias.

http://lattes.cnpq.br/0350242951071469

Aécio Flávio Teixeira Góis

Médico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1994. Fez Residência de Clínica Médica e Cardiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Doutor pela FMUSP, MBA em Gestão de Saúde pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente é Professor Adjunto da Disciplina de Medicina de Urgência e Medicina Baseada em Evidências do Departamento de Medicina. Coordenador do Pronto-Socorro de Clínica Médica do Hospital São Paulo / Escola Paulista de Medicina. Atualmente é Coordenador do Curso de Medicina e

Coordenador de Residência de Medicina de Urgência e Coordenador do Centro de Habilidades e Simulação da UNIFESP. Atualmente desenvolve pesquisa em Parada Cardiorrespiratória, Sepse, Cuidados Paliativos e Simulação. Cientometria atual: h-index Web of Science 6; h-index Scopus 10 e Índice h Google Scholar 14.

http://lattes.cnpq.br/3890649956345535

Afonso José Pereira Cortez

Graduação em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (1983). Residência médica em Clínica Médica no Hospital do Servidor Público Municipal e Estadual de São Paulo (1984 -1985). Residência médica em Hematologia e Hemoterapia no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo (1986 -1987). Título de especialista pela AMB pelas Associação Brasileira de Hematologia e Hemoterapia e Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea. Especialista em Clínica Médica pelo CREMESP. Atuação em Hemoterapia com foco em gestão de serviços de Banco de Sangue e nas áreas de Onco-Hematologia e Transplante de Medula Óssea. Doutorado em Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo com ênfase em Transplante Autólogo de Medula Óssea em portadores de Linfoma de Hodgkin forma clássica (2010). Docente de Hematologia da Faculdade de Medicina da UNISA - Universidade Santo Amaro. Medico Onco-Hematologista do Hospital Santa Catarina (SP). Diretor Geral Técnico da Colsan - Ass. Beneficente de Coleta de Sangue - São Paulo.

http://lattes.cnpq.br/6910113037197718

Alessandro da Conceição

Graduado em Educação Física, Especialização em Fisiologia do Exercício pela Unifesp (2003), Assistente Administrativo da Unifesp e atualmente assessor na Diretoria da Escola Pulista de Medicina (EPM).

Aluísio Marçal de Barros Serodio

Graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo (1993). Fez Residência Médica (Unifesp) e é Especialista em Dermatologia (Sociedade Brasileira de Dermatologia, 1998). Foi médico estagiário na Clinica Dermatologica dell'Università di Bologna, Italia (1998). É Especialista em Bioética (USP, 2003), Mestre em

Ensino em Ciências da Saúde (Unifesp, 2006) e Doutor em Ciências (Unifesp, 2013). Tem experiência na área de Genética (Unifesp e Universidade de Michigan). Foi Professor Substituto do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS) da Unifesp. É Professor Adjunto do Centro de Bioética, Departamento de Cirurgia da EPM/Unifesp, onde atua também como relator do Comitê de Ética em Pesquisa e é membro da Comissão do Curso Médico. É professor responsável pelas Unidades Curriculares "Introdução à Pesquisa Científica" (1º ano Medicina EPM), "Bioética" (3º ano Medicina EPM), e pela Disciplina de Pós-Graduação "Bioética". Foi membro da diretoria da Sociedade de Bioética de São Paulo. Atuou ainda como membro do Conselho Consultivo de Bioética e é delegado do Conselho Regional de Medicina de São Paulo desde 2016. Atua principalmente nos seguintes temas: Bioética, Ética Médica e Educação.

http://lattes.cnpq.br/7745031603048804

Ana Lucia Lana Nemi

Professora Associada III. Possui Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1994), Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (2003), Pós-Doutorado em História pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa (2006), Pós-doutorado pela Unicamp (2012) e Pós-doutorado pela FMUSP (2017). Tem experiência na área de História, com ênfase em Historiografia e História Ibérica Contemporânea, História e historiografia da saúde pública, intelectuais e processos de ocidentalização. Coordenou a Comissão da Verdade Marcos Lindenberg da Unifesp e coordena o Núcleo de Estudos Ibéricos da mesma instituição. É professora de História Contemporânea na Universidade Federal de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Também coordena o Núcleo de Estudos Ibéricos da Unifesp.

http://lattes.cnpq.br/3238114239917472

Arthur Amaral Zenardi

Possui graduação em Rádio, Televisão e Internet pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é sócio proprietário das empresas Humanart Agência de Comunicação, AM18 Filmes Produtora Audiovisual e Weboo Produtora Digital.

Augusto Takao Akikubo Rodrigues Pereira

Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (2005). Membro fundador da Liga Acadêmica de Oncologia Torácica/Cirurgia Torácica da UNIFESP - EPM em 25 de setembro de 2002. Residência Médica em Clínica Médica, na Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo (2009). Especialista em Clínica Médica pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica (2009). Residência Médica em Oncologia Clínica no A.C. Camargo Cancer Center (2012). Especialista em Oncologia Clínica pela Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (2013). Oncologista Clínico do A.C. Camargo Câncer Center (2012 - 2020). Oncologista Clínico da Clínica São Germano (2012 - 2020). Membro da American Society of Clinical Oncology - ASCO (2013). Membro da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (2014). Coordenador médico da Emergência do A.C. Camargo Cancer Center (2014 - 2020). Coordenador do Setor de Oncologia Clínica do Hospital São Camilo Ipiranga e Santana (2014 - 2019). MBA em Gestão de Saúde do Insper (2014 - 2016). Coordenador da Onco-Hematologia do grupo Notredame/Intermedica (2016 - 2020).

http://lattes.cnpq.br/5243482011051888

Camila Bianchi Matiuzzi

Graduanda em Medicina pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP). Atualmente, é membra das ligas acadêmicas de pediatria e trauma.

http://lattes.cnpq.br/9093874904978627

Carlos Francisco dos Santos Junior

Possui Graduação em Relações Públicas pela Universidade de Santo Amaro (2001), Especialização em Política Internacional pela Universidade de Santo Amaro (2002), Especialização em Gestão de Processos Comunicacionais pela Universidade de São Paulo (2006), Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (2010), Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (2020) e Pós-Doutorando em Neurologia/Neurociências pela mesma Instituição (2020). Membro do Grupo de Pesquisa de Educação Interprofissional em Saúde da Universidade Federal de São Paulo e da Comissão Executiva da Rede Brasileira de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde. Tem

experiência profissional em assessoria em relações institucionais, tanto pública quanto privada, experiência na área de Educação, com ênfase em Educomunicação e docência em ensino superior.

http://lattes.cnpq.br/4654790367926039

Carolina Rocha

Catorze anos de experiência em jornalismo com matérias para veículo impresso, internet e revista. Passagens pelo Grupo Folha de S. Paulo (jornal Agora SP), jornal Diário de S. Paulo, portal Terra, Grupo TV1, New Content, entre outros. Reportagens e edição de revistas segmentadas (One Health Mag, Adnews em Revista, Deloitte, Runner Magazine, entre outras) e jornal corporativo de distribuição interna; revisão de textos para publicações segmentadas. Desde janeiro de 2017 na assessoria de comunicação da Subprefeitura Vila Mariana.

Daniela Mendes Chiloff

Estudante de Medicina da Escola Paulista de Medicina - UNIFESP (2016-2021). Representante de turma e representante discente na Comissão do Curso Médico (CCM). Membro titular da Comissão Executiva da Associação Atlética Acadêmia Pereira Barretto (AAAPB) e membro da Diretoria Executiva do Departamento de Ex-alunos da AAAPB. Atualmente, desenvolve projeto de pesquisa na Disciplina de Nefrologia da EPM.

http://lattes.cnpq.br/2461143101101922

Diogo Batista Soares

Contador, especialista em controladoria (Fecap SP), auditoria (Fecap SP) e gestão pública (FGV SP), professor universitário na área de finanças e contabilidade. Em seus mais de 15 anos de experiência profissional, Diogo passou por diversos cargos, inclusive sócio-diretor de uma empresa de serviços contábeis, além de passagens exitosas no serviço público tais como Subprefeito de Vila Mariana, Chefe de Gabinete e Coordenador Parlamentar. Apesar disso, nunca deixou de ter tempo para empreender ações sociais e em defesa da democracia e do bem-estar social.

http://lattes.cnpq.br/5001217329631516

Eduardo Rodrigues Castello Girão

Atualmente é aluno de Medicina (3º ano) da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. Realiza projeto de Iniciação Científica, na mesma universidade no Departamento de Morfologia e Histologia sob Supervisão: Clélia Antônio Rejane Bertoncini e orientações do Prof. Dr. Manuel de Jesus Simões; Dra. Adriana Aparecida Ferraz Carbonel. Participando também em outros projetos de pesquisa no Laboratório de Neurofisiologia Experimental - (Prof. Dr. Fúlvio Scorza) e Biologia Molecular (Profa. Dra. Helena B. Nader).

http://lattes.cnpq.br/2177956976684834

Eduardo Sune Christiano

Médico formado pela Escola Paulista de Medicina (EPM) em 2008, realizou Residência Médica em Ortopedia e Traumatologia (2009-2011) e Especialização em Ortopedia e Traumatologia do Esporte no ano de 2012. Título de Especialista em Cirurgia de Joelho pela Sociedade Brasileira de Cirurgia de Joelho (SBCJ).

Eliana Paganelli Magro

Possui graduação em Tradutor e Intérprete pela Universidade São Judas Tadeu (2002), Especialização em Teoria e Técnicas para Cuidados Integrativos pela UNIFESP (2010) e Mestre em Ciências pelo Departamento de Ginecologia da Escola Paulista de Medicina-UNIFESP (2018). Atuou como Secretária do Departamento de Ginecologia da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (2013 - Abril 2019). Atualmente é Secretária na Diretoria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Terapia Integrativa em Cuidados Integrativos.

http://lattes.cnpq.br/4234197559476820

Emília Inoue Sato

Possui graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (Universidade Federal de São Paulo) em 1977 e Doutorado em Reumatologia pela Universidade Federal de São Paulo (1987) e Livre Docência em Reumatologia pela UNIFESP em 1995. É Professora Titular da Universidade Federal de São Paulo desde 1997, foi chefe do Departamento de Medicina da mesma Instituição de 2005 a 2008 e coordenadora do curso de PG em Ciências da Saúde aplicadas à

Reumatologia da UNIFESP de 2008 a 2012. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia de 1999 a 2000. Presidente da Comissão de Título de Especialista da Sociedade Brasileira de Reumatologia (2009 a 2016). É membro do Comitê de Avaliação da CAPES, área Medicina I desde 1998 e membro do comitê editorial de Clinical Rheumatology, J Clin Rheumatology, Rev Bras Reumatol, Clinics. É revisora de periódicos nacionais e internacionais (Arthritis & Rheum, Rev Bras Reumatol, Clinical Rheumatology, J Rheumatol, Rheumatology [Oxford], Lúpus e Revista Portuguesa de Reumatologia). Foi Vice-Diretora do Campus São Paulo da Universidade Federal de São Paulo 03/2013-12/2014. Foi Diretora da Escola Paulista de Medicina - 05/2015 a 05/2019. Atua na área de Reumatologia, com ênfase em Doenças Reumáticas Autoimunes (lúpus eritematoso sistêmico e vasculites sistêmicas), Aterosclerose e Doenças Reumáticas e Causas de morte em Doenças Reumáticas. Atualmente é Diretora da Escola Paulista de Medicina (Gestão 2015-2019). Em 2019 recebeu o título de Master in Rheumatology concedido pela Pan American League of Association of Rheumatology, durante o Congresso PANLAR realizado em Quito.

http://lattes.cnpq.br/3499771191085824

Fabiana Cristina Lopes

Conselheira tutelar de Vila Mariana, Conselheira na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, técnica de enfermagem e representante comunitária das comunidades do entorno da Escola Paulista de Medicina (EPM).

Fábio Veiga de Castro Sparapani

Professor adjunto da Disciplina de Neurocirurgia do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da Escola Paulista de Medicina-UNIFESP. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (1990), mestrado em Medicina (Neurologia) pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (2005). Médico neurocirurgião, com experiência na área de cirurgias de Nervos Periféricos. É o responsável pelo Setor de Nervos Periféricos do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da Universidade Federal de São Paulo.

http://lattes.cnpq.br/2911988062858375

Fúlvio Alexandre Scorza

Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (1996); Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (2001); Pós-Doutorado na Harvard Medical School (2001-2003) no Departamento de Neurologia (Brain Plasticity and Epilepsy Program).Vice-Diretor da Escola Paulista de Medicina; Professor Associado do Departamento de Neurologia/Neurocirurgia da EPM/UNIFESP; Professor do Programa de Pós-Graduação em Neurologia/Neurociência da EPM/UNIFESP; Professor do Programa de Pós-Graduação em Bioengenharia da Universidade Federal de São João Del Rei; Membro do Conselho do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da EPM/UNIFESP; Membro do Conselho do Programa de Pós-Graduação em Neurologia/Neurociência da EPM/UNIFESP; Membro da Comissão de Epidemiologia (Força-Tarefa/Mortalidade) da International League Against Epilepsy (ILAE); Membro do Conselho de Avaliação da CAPES. Área Interdisciplinar; Consultor Ad hoc do CNPq; Consultor Ad hoc da FAPESP. Possui experiência profissional nos temas: Morte súbita nas doenças do cérebro, Morte súbita nas epilepsias (SUDEP), Morte súbita na Doença de Parkinson (SUDPAR); Neuroproteção (ômega-3 e sistema nervoso central).

http://lattes.cnpq.br/3665794780601169

Gabriel Amaral Zenardi

Graduando do curso de Medicina da Escola Paulista de Medicina/UNIFESP e membro do Voluntariado EPM.

Gabriel Augusto Limone

Graduado em Medicina pela Faculdade de Ciências da Saúde de Barretos Dr. Paulo Prata, Médico residente em Patologia na Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP).

http://lattes.cnpq.br/7522108631679001

Igor Augustini Zanin

Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Metodista de São Paulo e especialista em Gestão de Empresas e Negócios. Atualmente é sócio proprietário das empresas Humanart Agência de Comunicação, AM18 Filmes Produtora Audiovisual e Weboo Produtora Digital.

Jacob Szejnfeld

Graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo em 1973, com Mestrado (1986), Doutorado (1990) e Livre Docência em (1999) em Radiologia Clínica pela Escola Paulista de Medicina. Atualmente é professor Associado Livre Docente do Departamento de Diagnóstico por Imagem da Escola Paulista de Medicina (UNIFESP). Membro Titular - Colégio Brasileiro de Radiologia, Membro colaborador da Associação Médica Brasileira, Membro fundador da Associação Brasileira de Docentes em Radiologia, Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Ginecologia Oncológica; Orientou 45 alunos de Pós-Graduação em Radiologia Clínica na EPM, alunos de PIBIC e MEPAREM. Editor da Revista da Imagem (2000-2010), Corpo Editorial da Radiologia Brasileira (1993-2006). Consultor ad hoc científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); São Paulo Medical Journal (1995-2005); International Braz J Urol 2013. Diretor Presidente da Fundação IDI 2000-20015; Conselho Curador da Fundação IDI 2015; Coordenador Científico do Programa de Saúde da Mulher na JPR em programa conjunto com a Radiological Society North America (RSNA-2012, 2014 e 2016); Chefe do Departamento de Diagnóstico por Imagem 2000-2006. Chefe da Disciplina de Diagnóstico por Imagem 2003-atual. Sócio Fundador e Diretor do CURA Imagem e Diagnóstico desde 1978. Comitê de qualidade do CURA para certificações ONA, PALC e PADI. Linhas de Pesquisas atuais: Diagnóstico por Imagem em Medicina Interna, Ciências e Educação, Gestão e Tecnologia. Projetos em Andamento: RM Multiparamétrica na Avaliação da Próstata. Diagnóstico. Detecção de Câncer de Próstata por RM em andamento, Diagnóstico por Imagem na avaliação do Fígado, Vias Biliares e Pâncreas, RM em Malformações Fetais. Diagnóstico por Imagem na Saúde da Mulher.

http://lattes.cnpq.br/7019775025154911

Janine Schirmer

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1983). Mestrado em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de São Paulo (1989) e doutorado em Enfermagem Materno-Infantil pela Universidade Federal de São Paulo (1995). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde da Mulher, Diretora da Escola Paulista de Enfermagem, Editora-Chefe da Revista Acta Paulista de Enfermagem e

Vice-Presidente do Conselho Gestor do Hospital Universitário da UNIFESP. Membro da Câmara Técnica Nacional de Ética e Pesquisa em Transplantes do Sistema Nacional de Transplantes - Ministério da Saúde. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem Obstétrica, Saúde da Mulher e Doação e Transplante de Órgãos e Tecidos, atuando principalmente nos seguintes temas: assistência gestação, parto e nascimento, atenção à saúde da mulher e ainda pesquisa na área de política pública de saúde, ética/bioética e doação e transplante de órgãos e tecidos. Bolsista de Produtividade CNPq 2016.

http://lattes.cnpq.br/3721636964139813

Jaquelina Sonoe Ota Arakaki

Possui graduação em Medicina pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1986). Atualmente é professora adjunta da Disciplina de Pneumologia da Escola Paulista de Medicina/Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Medicina, atuando principalmente nos seguintes temas: hipertensão arterial pulmonar, tromboembolia pulmonar aguda e crônica. Experiência prévia em transplante pulmonar, pós-operatório em cirurgia torácica e doenças intersticiais pulmonares.

http://lattes.cnpq.br/4282849546206947

João Aléssio Juliano Perfeito

Possui graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) (1982), Residência Médica em Cirurgia Torácica pela EPM/Unifesp (1985), Mestrado em Cirurgia Cardiovascular e Torácica pela Unifesp (1987) e Doutorado em Cirurgia Torácica pela Unifesp (2000). É professor de Cirurgia da EPM/Unifesp desde 1987, sendo atualmente Professor Associado. Participou e participa de diversos Conselhos da Universidade e já ocupou na Unifesp os cargos de Pró-reitor Adjunto de Assuntos Estudantis (2010-2012), Pró-reitor de Assuntos Estudantis (2012-2013) e Pró-reitor Adjunto de Graduação (2012-2014). Tem experiência na área Médica com ênfase em Cirurgia Torácica; desenvolve suas pesquisas principalmente em Cirurgia Torácica Geral e em métodos de aprendizado da Medicina.

http://lattes.cnpq.br/4546908549371283

José Roberto Ferraro

Graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo em 1978. Residência Médica em Cirurgia Geral pela Escola Paulista de Medicina em 1979 e 1980, Especialização em Gastrocirurgia pela Disciplina de Gastroenterologia Cirúrgica do Departamento de Cirurgia da Escola Paulista de Medicina em 1981. Docente do quadro efetivo da Disciplina de Gastroenterologia Cirúrgica do Departamento de Cirurgia da Escola Paulista de Medicina, UNIFESP desde 1984. Especialista em Administração Hospitalar, MBA, pela Fundação Getúlio Vargas em 1998. Presidente da Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino (ABRAHUE) por quatro mandatos e atual Vice-Presidente do Segmento Federal, 12/09/1995 a 17/12/1996 - Diretoria Executiva da ABRAHUE. 17/12/1996 a 27/11/1998 - 1º mandato - Presidente da ABRAHUE; 27/11/1998 a 21/03/2001 - 2º mandato - Presidente da ABRAHUE; 21/03/2001 a 14/10/2005 - Diretoria Executiva; 10/08/2005 a 12/12/2007 - 3º mandato - Presidente da ABRAHUE; 12/12/2007 a 26/11/2009 - Diretoria Executiva; 26/11/2009 a 02/09/2014 - Vice-Presidente Federal da ABRAHUE; 02/09/2014 a 27/11/2014 - 4º mandato - Presidente da ABRAHUE; 27/11/2014 a 12/2016 - Vice-Presidente Federais - ABRAHUE. 03/02/2017 a 12/2018 – Vice-Presidente Federal – ABRAHUE. Atualmente é Responsável pelo Setor de Gestão em Cirurgia da Disciplina de Gastroenterologia Cirúrgica da Escola Paulista de Medicina desde 2012. Superintendente do Hospital São Paulo, Hospital Universitário da Universidade Federal de São Paulo de 1995 até os dias de hoje. Tem experiência na área de Medicina, Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo e Administração Hospitalar, Administração Pública e Sistemas de Saúde, com ênfase em Administração em Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: Gestão em Saúde, Gestão e Administração em Saúde, Recursos Humanos em Saúde e Planejamento em Saúde. Avaliação, Certificação de Qualidade e Segurança em Saúde.

http://lattes.cnpq.br/4039435027103951

Leila Oliveira Francisco

Graduada em Pedagogia, Moradora e representante comunitária da Mauro II, representante responsável pela rua de lazer junto a Secretaria de Esportes, catequista junto à Igreja São Judas e voluntária em diversos projetos na comunidade.

Luiz Fernando Bello Grell de Moraes

Possui graduação em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2014). Tem experiência na área de Direito Tributário. Atuou como analista (Trainee) na área de Consultoria Tributária na empresa Deloitte Touche Tohmatsu de março de 2014 até Fevereiro de 2015 e como advogado na área de Consultoria Tributária no escritório Neves, Soares & Battendieri Advogados Associados de outubro de 2015 até fevereiro de 2016. Atualmente está cursando o terceiro ano do curso de Medicina na Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp)/ Escola Paulista de Medicina (EPM). É diretor atual da Liga Acadêmica de Urgências Neurológicas (2018 até presente momento) e membro da Liga Acadêmica de Neurocirurgia (2018 até presente momento). Fez parte do Departamento de Cultura Científica (DCC) de 2018 a 2019 e é o atual presidente do Brazilian International Congress of Medical Students (BRAINCOMS) 2020. É bolsista do CNPq e faz pesquisa de iniciação científica na área de infectologia, cujo tema é "Soroprevalência de dengue em pacientes que vivem com HIV".

http://lattes.cnpq.br/8081948533199529

Marcelo Cunio Machado Fonseca

Possui graduação em Medicina, Residência Médica em Pediatria com especialização em Terapia Intensiva Pediátrica pela Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Mestrado em Economia e Gestão da Saúde pela UNIFESP e doutorado em Ciências também pela UNIFESP. Curso de extensão em Epidemiologia Clínica e Bioestatística na Harvard School of Public Health. Atualmente é professor afiliado do departamento de Ginecologia da EPM da UNIFESP, coordenador do Núcleo de Avaliação em Tecnologias em Saúde do departamento de Ginecologia da EPM da UNIFESP, professor da disciplina de Desenvolvimento e Avaliação de Tecnologias em Saúde na EPM da UNIFESP. É consultor independente em Avaliação de Tecnologias em Saúde. Possui vários trabalhos científicos em Avaliação de Tecnologias em Saúde e Terapia Intensiva Pediátrica. Tem experiência clínica em Pediatria com especial ênfase em Terapia Intensiva Pediátrica. Atua principalmente nas seguintes linhas de pesquisa: Avaliação de Tecnologias em Saúde e Ventilação Pulmonar Mecânica.

http://lattes.cnpq.br/3881000445523759

Marcus Vinicius Malheiros Luzo

Graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (1983-1988), Residência Médica em Ortopedia e Traumatologia pelo Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Escola Paulista de Medicina (1989-1991), Curso de Especialização em Medicina Desportiva pela Escola Paulista de Medicina (1990), Especialização em Cirurgia do Joelho e Artroscopia pela EPM (1992), realizou Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ortopedia e Traumatologia da EPM-UNIFESP (1995-1997) e Doutorado (1998-2002). Obteve o Titulo de Professor Afiliado (modalidade Ensino/Assistência) em 2012. Realizou o Concurso para a carreira docente na categoria de Professor Adjunto em 2012, com lotação na Disciplina de Ortopedia do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da EPM-UNIFESP. Passou a exercer o cargo de Coordenador da Graduação do Departamento de Ortopedia e Traumatologia na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (2012-atual). Em 2016 foi indicado como Vice-Coordenador do Curso Médico – Escola Paulista de Medicina/UNIFESP; em 2016 assumiu como Chefe da Subcomissão do 3º e 4º anos médicos e Membro Titular do Núcleo Docente Estruturante do Curso Médico. Desde 2013 exerce a Chefia do Grupo do Joelho e Artroscopia da Disciplina de Ortopedia do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da EPM-UNIFESP. Presidente da Sociedade Brasileira de Cirúrgia do Joelho (SBCJ) (2015-2016), Membro titular da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), Membro Titular da Sociedad Latinoamericana de Artroscopia Rodilla y Traumatología Despotiva (SLARD), Membro Titular da Sociedade Brasileira de Artroscopia e Trauma do Esporte (SBRAT), Membro da International Society of Arthroscopy, Knee Surgery and Orthopaedic Sports Medicine (ISAKOS), Membro da American Academy of Orthopaedic Surgeons (AAOS). Linha de Pesquisa envolvendo desde o diagnóstico, o prognóstico e o tratamento da articulação do joelho nas afecções traumáticas, não traumáticas e degenerativas. Atua na Ortopedia e Traumatologia, Cirurgia do Joelho e Artroscopia, nos seguintes temas: instabilidade articular do joelho, traumatologia esportiva, artroscopia, joelho degenerativo, lesões ligamentares do joelho, tendíneas e artroplastias.

http://lattes.cnpq.br/9304494214805067

Natália Borges Cardin

Possui ensino médio segundo grau pelo Colégio Inovação (2009). Atualmente é da Universidade Federal de São Paulo.

http://lattes.cnpq.br/1592827980112430

Nilton de Camillo Júnior

Graduado em Administração de empresas (2007), Administrador no HSP e atualmente na Diretoria da Escola Paulista de Medicina (EPM).

Paulo Afonso Monteiro Pacheco Guimarães

Graduado em Medicina na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - Escola Paulista de Medicina (EPM) em 2004, possui título de Cirurgião Geral pela Unifesp/EPM (2007), Cirurgião Plástico pela Unifesp/EPM (2011). Especialista em Cirurgia Plástica pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e pelo Conselho Federal de Medicina (2011), Membro Titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2013), Mestre em Ciências pela UNIFESP/EPM (2014). Atua hoje como preceptor e colaborador do setor de Deformidade Mamárias da Unifesp/EPM, onde participa de atividades assistenciais, de pesquisa e ensino, e desenvolve trabalho de doutorado em enxertos de gordura associados a mamoplastias redutoras e mastopexias.

http://lattes.cnpq.br/6869020745446243

Pedro de Mesquita Junqueira

Graduando de Medicina pela Escola Paulista de Medicina, atualmente no 4º ano. Membro do Comitê organizacional do Voluntariado EPM, bicampeão de Voleibol pela Escola Paulista de Medicina na Intermed-SP e, atualmente, realizando iniciação científica na área de Saúde Mental.

Reginaldo Raimundo Fujita

Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (1984), mestrado em Medicina (Otorrinolaringologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1992) e doutorado em Medicina (Otorrinolaringologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1996). Atualmente é professor adjunto e técnico administrativo da Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Otorrinolaringologia, atuando principalmente nos seguintes temas:

apneia obstrutiva do sono, laringe, polissonografia, crianças, deglutição, rinologia, rinoplastia e cirurgia cervicofacial.

http://lattes.cnpq.br/1780341325141181

Ricardo Luiz Smith

Graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (1968), mestrado em Anatomia pela Escola Paulista de Medicina (1974), doutorado em Ciências Morfofuncionais pelo ICB da Universidade de São Paulo (1979), Pós-Doutorado na Boston University Medical School (1981-1982 Fulbright/CAPES), Livre Docência pela Escola Paulista de Medicina (1992). Professor Titular da Universidade Federal de São Paulo desde 1993. Tem experiência na área de Morfologia, com ênfase em Anatomia, atuando principalmente nos seguintes temas: anatomia, retina, olho, aves e ultraestrutura. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Morfologia (1990 a 2008). Chefe da Disciplina de Anatomia Descritiva e Topográfica do Departamento de Morfologia e Genética, Escola Paulista de Medicina/UNIFESP (até 2009). Ocupou o cargo de Vice-Reitor da UNIFESP de fevereiro de 2009 a fevereiro de 2013. Aposentado compulsoriamente em abril de 2015. Diretor Presidente da COLSAN desde novembro de 2016.

http://lattes.cnpq.br/2039545891941644

Rodrigo Galvão Viana

Graduado em Tecnologia Oftálmica pela EPM-UNIFESP (2000), Possui MBA na Prática Oftalmológica pelo Instituto da Visão IPEPO (2004), Fez Gestão de Organizadores do Terceiro Setor na FGV (2014), Gestor de Inovação e Pesquisa do Grupo HOlhos, Gestor de Responsabilidade social do Instituto Verter, Gestor de inovação na Disciplina de Oftalmologia da FM ABC e Diretor do Programa Atletas Saudáveis da Fundação Special Olympics Brasil.

Ronaldo Ramos Laranjeira

Graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (1982), Residência em Psiquiatria pela EPM (1984) e PhD em Psiquiatria pela Universidade de Londres (1994). Atualmente é Professor Titular do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área de Psiquiatria, com ênfase em Alcoolismo e dependência de outras drogas. As principais áreas de pesquisa são:

tratamento da dependência química, o impacto das políticas públicas do álcool e outras drogas, bases biológicas da dependência e avaliação epidemiológica do uso de substâncias. Na área de treinamento coordena vários cursos de pós-graduação lato sensu em dependência química (cursos de especialização presencial e virtual). Professor orientador do programa de Pós-Graduação do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP. Coordenador da UNIAD (Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas) da UNIFESP. É o Investigador Principal do Instituto Nacional de Políticas do Álcool e Drogas, um dos recém-criados INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) do CNPq. Em 2014, recebeu o prêmio Griffith Edwards premiação da International Society of Addiction Journal Editors, em reconhecimento pela atuação como clínico, educador e implementador de políticas públicas sobre álcool e drogas. Diretor-Presidente da SPDM - Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina.

http://lattes.cnpq.br/4152477223577402

Soraya Soubhi Smaili

Reitora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Professora Titular do Departamento de Farmacologia da Escola Paulista de Medicina-UNIFESP. Graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de São Paulo (1985). Realizou Mestrado (1989), Doutorado (1995) e Livre Docência (2005) pela Escola Paulista de Medicina, UNIFESP. Realizou pós-doutorados na Thomas Jefferson University (1997) e no National Institutes of Health (NIH) (1997-1999). Pesquisadora Visitante no NIH e fellow da Fogarty Foudation (2000). Estabeleceu e coordenou o Laboratório de Microscopia Confocal e o Laboratório de Sinalização e Morte Celular. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Farmacologia da UNIFESP (2006-2012) e representou os docentes no Conselho Universitário da Unifesp entre 2000 a 2012. Foi Secretária Regional (2004-2008) da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Desde 2004 integra o Comitê Diretor (Board of Directors) da Sociedade Internacional de Morte Celular (International Cell Death Society – ICDS). Foi membro do Diretório Nacional da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). É membro do Conselho Fiscal do Grupo Coimbra de Universidades (GCUB) e Membro do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CCT). Desenvolve projetos de pesquisa nas áreas de Neurociência, morte celular e autofagia com financiamentos FAPESP,

CAPES, FINEP e CNPq. É bolsista produtividade CNPq nivel 1. Foi Reitora da Universidade Federal de São Paulo entre 2013-2017, sendo reeleita para o mandato 2017-2021.

http://lattes.cnpq.br/6368730022418127

Tatiana de Souza Pimentel

Moradora e Representante da Comunidade Mauro 2, Conselheira Participativa da Subprefeitura da Vila Mariana e atua em vários trabalhos voluntários.

Valdilene do Vale Silva

Possui graduação em Administração de Empresas pelo Centro Universitário Estácio SP (2017). Atualmente é agente comunitária de saúde - SPDM PAIS - Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Agente Comunitária de Saúde.

http://lattes.cnpq.br/2656501242162503

Victor Muniz de Freitas

Graduando em Medicina pela Escola Paulista de Medicina - UNIFESP (2016-2021). Atualmente, Tutor em Etapa Educacional.

http://lattes.cnpq.br/9399721348086214

Walter Manna Albertoni

Graduado na Escola Paulista de Medicina (EPM - 1966), com especialização em Ortopedia e Traumatologia (1967-1969) e especialização em Cirurgia de Mão (1971), Doutoramento na EPM (1977) e Doutorado no Curso de Pós-graduação em Ortopedia e Cirurgia Plástica Reparadora (EPM) em 1986. Aprovado no Concurso de Livre Docência no Departamento de Ortopedia e Traumatologia em 1991 e Professor Titular da Disciplina de Cirurgia da Mão e Membro Superior do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da EPM (1993). Professor Orientador e Membro do CEPG do Programa de Pós-Graduação em Ortopedia e Traumatologia da EPM-UNIFESP, com a Linha de Pesquisa, Transplantes e Regeneração Tecidual; na prática clínica enfoque nas fraturas do rádio distal, lesões dos flexores e extensores da mão, nas pseudartroses do escafoide e na Rizartrose do

Polegar. Principais atuações: Chefe da Disciplina de Cirurgia da Mão e Membro Superior do DOT EPM-UNIFESP (1992-1998), sendo responsável pela implantação da Cirurgia Ambulatorial; Membro da CPPD (1997-1998), Comissão de Livre Docência (2000-2002), Chefe do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da EPM-UNIFESP (2002-2005), Comissão de Bancas (2005-2008), Pró-Reitor de Extensão da UNIFESP (2003-set. 2008) e Presidente da Comissão de Reforma do Estatuto da UNIFESP 2006-2008 participa como Membro Consultor da Revista Brasileira de Ortopedia e Acta Ortopédica Brasileira (indexadas nas bases Scielo e Lilacs) e Clinics (Medline); Membro do Corpo Editorial: Revista Brasileira de Ortopedia e Acta Ortopédica. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia da Mão (1986-87), da Federação Sul-americana de Cirurgia da Mão (1998-1999) e da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (2005). Reitor da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (fev. de 2009 – fev. 2013). A partir de 2012, Membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo. Professor Emérito, concedido pela Congregação da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP, em 2015. Em 2016, recebeu o Título de Pioneiro de Cirurgia da Mão pela Federação Internacional de Sociedades de Cirurgia da Mão.

http://lattes.cnpq.br/3452417870474914

Wilson Anzai

Escola Paulista de Medicina (1983-89), Serviu o Exército Brasileiro como Oficial Médico, Segundo Tenente (1990), Residência Médica em Anestesiologia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (1991-92), Preceptor da Residência de Anestesiologia da FMUSP (1993) e Médico Assistente do HC- FMUSP (1994-98).

Ao idealizarmos esta obra buscamos registrar os fatos e, em particular, as emoções que pautaram nossas vidas nestes meses inicias de pandemia. O passar dos dias e as duras rotinas deste “novo normal” poderiam nos levar a esquecer ou suprimir estas emoções. Como acredito ser um momento de grande aprendizado, apesar de muito sofrimento, resolvemos registrar essas experiências neste livro.

O momento pelo qual passamos nos impele a profundas reflexões sobre vários aspectos que estruturam nossa sociedade. Quais valores devem ser preservados e o que precisa ser aprimorado? Como médico, professor e diretor de uma faculdade de medicina sinto a responsabilidade de registrar algumas destas reflexões. Independente do desfecho individual para cada um de nós, uma coisa é certa, sairemos diferentes e assim espero melhores. Os momentos iniciais desta pandemia foram vividos com intensidade impressionante, misturando sentimentos como medo, angústia e ansiedade.

Aspecto a ser registrado é a forte emoção que todos nós, profissionais da saúde, sentimos como o medo de adoecer a cada dia que deixávamos nossas residências. Como não pensar se estávamos tomando a decisão correta? Porém como deixar de exercer a profissão que escolhemos e para a qual fomos treinados? Como se eximir da responsabilidade para com a sociedade? Cada um de nós lidou com esse dilema de uma forma, mas com certeza a pressão e a angustia estiveram presentes. Até o simples uso das máscaras (em especial as N95) e de óculos de proteção, tornou o atendimento mais lento, exigindo mais concentração. Novas dinâmicas foram gradativamente se instalando, impondo uma readequação de práticas.

Vivenciamos momentos angustiantes nos dias iniciais, com grande quantidade de informação sendo divulgada, mas na maioria das vezes, de qualidade no mínimo duvidosa. Assim, rapidamente surgiram grandes arautos de verdades duvidosas. Todos prontos para serem o descobridor de algo que mais ninguém tinha ainda visto, obtendo ampla visibilidade para opiniões sem real embasamento científico. Assim, merece registrar a angustia de estar passando por uma situação de risco real sem um direcionamento claro da melhor conduta a seguir.

Desejamos a todos uma boa leitura e uma oportuna reflexão.

Manoel Girão

978-65-86098-23-5
9 786586 098235